# UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Dissertação

## Entre o amor e dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas


**Tanise Brincker**



Pelotas, 2017

**Tanise Brincker**

# Entre o amor e dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profª. Dra. Elaine da Silveira Leite

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B858 Brincker, Tanise

Entre o amor e dinheiro : as tramas cotidianas das transações econômicas / Tanise Brincker ; Elaine da Silveira Leite, orientadora. — Pelotas, 2017.

121 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Relacionamentos. 2. Amor. 3. Dinheiro. 4. Intimidade. 5. Orçamento doméstico. I. Leite, Elaine da Silveira, orient. II. Título.

CDD : 305

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Tanise Brincker

Entre o amor e dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de maio de 2017.

Banca examinadora:

Elaine da S. Leite
.....
Profa. Dra. Elaine da Silveira Leite (Orientadora), Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Karina Gomes de Assis
.....
Profa. Dra. Karina Gomes de Assis, Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos.

Priscila Françoise Vitaca Rodrigues
.....
Profa. Dra. Priscila Françoise Vitaca Rodrigues, Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

.....
Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Dedico essa dissertação a três pessoas especiais,*
*ao meu pai Dirceu pelo apoio,*
*a minha mãe Sueli a maior guerreira que conheço e*
*ao Ramão companheiro de todas as horas, pelo incentivo e dedicação.*

## AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo não seria possível sem a ajuda de algumas pessoas, as quais estiveram presentes ao longo dessa trajetória. Primeiramente gostaria de agradecer a minha amiga e orientadora professora Dra. Elaine da Silveira Leite, pelo incentivo e apoio durante essa jornada, foram seus ensinamentos que tornaram o caminho até aqui mais fácil. Saiba que esse trabalho em grande parte também é mérito teu.

Igualmente agradeço ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPEL - Universidade Federal de Pelotas - RS, e também a todos os professores do curso, sem os quais não seria possível trilhar os caminhos do conhecimento, e, em especial aos colegas da turma do Mestrado em Sociologia de 2015.

Meus agradecimentos também se estendem ao grupo GENS (Grupo de Estudos Novas Sociologias), coordenado pela professora Dra. Elaine Silveira Leite, pelas discussões e debates, as quais contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Do mesmo modo, gostaria de fazer um agradecimento especial a todas as pessoas que tornaram possível minha pesquisa: a terapeuta de casais, as pessoas que responderam os questionários, assim como, as cinco mulheres que participaram do grupo focal. Vocês são uma parte importante deste trabalho.

Agradeço aos meus familiares, em especial a minha mãe Sueli Brincker, que me criou com todo amor, dedicação me ensinando sempre a lutar pelo que acredito, e, principalmente a nunca desistir diante das dificuldades. Mãe, você é minha inspiração! Pois mesmo sem estudo fez todos os esforços possíveis e impossíveis para formar seus filhos na Universidade. Agradeço também ao meu pai Dirceu pelo incentivo, amor e dedicação. Minha gratidão a vocês dois que abriram mãos de seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

Ao meu irmão Tiago e a sua companheira Márcia, por entenderem a minha ausência e pelas palavras de motivação e coragem. Também agradeço a minha amiga Mônica por sua amizade e companheirismo, pois mesmo distantes sempre nos mantemos próximas.

Ao meu grande amor Ramão Correa, por esses 10 anos de convivência e principalmente por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos de minha

vida, agradeço você por ter me apresentado ao universo acadêmico e principalmente por sempre sonharmos juntos.

E por fim, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

*“Em questões de dinheiro temos todos a mesma religião”.*

Voltaire

## RESUMO

BRINCKER, Tanise. **Entre o amor e dinheiro: as tramas cotidianas das transações econômicas.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Essa dissertação visa compreender como ocorre a intersecção entre dinheiro e amor no âmbito da intimidade, buscando observar como se dá a organização do orçamento doméstico, a divisão das tarefas da casa, e as negociações de poder nos relacionamentos. Deste modo, a questão de pesquisa que propomos é compreender qual o papel do dinheiro na conjugalidade, ou seja, identificar como os indivíduos realizam suas práticas econômicas diárias, e se suas ações intersecionam racionalidades e emoções. Para a materialização dessa pesquisa, utilizamos como aporte teórico a sociologia econômica. Já para obtenção dos dados utilizamos uma metodologia qualitativa, composta por entrevista com uma terapeuta de casais, a aplicação de questionários com pessoas casadas ou em união estável, e por fim a realização de um grupo focal com cinco mulheres, buscando assim compreender as práticas que envolvem o orçamento doméstico, bem como o entrelaçamento entre dinheiros, emoções e cálculos.



**Palavras chaves:** relacionamentos; amor; intimidade; dinheiro; orçamento doméstico; família; gênero.

## ABSTRACT

BRINCKER, Tanise. **Between love and money: the everyday plots of economic transactions.** Dissertation (Master in Sociology) - Postgraduate Program in Sociology. Institute of Philosophy, Sociology and Politics. Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This dissertation aims to understand how the intersection of money and love occurs in the context of intimacy, seeking to observe the possible consequences in the organization of the domestic budget, the division of household tasks, and power negotiations in relationships. In this way, the research proposes to understand the role of money in conjugality, that means, to identify how individuals perform their daily economic practices, and whether their actions intersect rationalities and emotions. For the materialization of this research, we use as theoretical contribution the economic sociology. Our data are results of a qualitative methodology, consisting of an interview with a therapist, the application of questionnaires with married persons or in a stable union, and finally a focus group with five women, seeking to understand the practices that involve the domestic budget, as well as the interweaving between money, emotions and calculations.



**Keywords:** relationships; love; intimacy; money; Household budget; family; genre.

## Lista de Quadros

Quadro 1 Perfil das entrevistadas 76

## Lista de Gráficos


| | | |
|---|---|---|
| Gráfico 1 | Casamentos e divórcios - período 2009 á 2015 | 45 |
| Gráfico 2 | Mapeamento dos diferentes tipos de uniões conjugais - período 2000 á 2010 | 46 |
| Gráfico 3 | Divisão por gênero | 68 |
| Gráfico 4 | Nível de escolaridade | 69 |
| Gráfico 5 | Religião dos entrevistados | 69 |
| Gráfico 6 | Renda familiar dos entrevistados | 70 |
| Gráfico 7 | Maior rendimento do domicilio | 71 |
| Gráfico 8 | Seu perfil com relação ao dinheiro | 72 |
| Gráfico 9 | O perfil do seu(sua) parceiro(a) com relação ao dinheiro | 72 |
| Gráfico 10 | Planejamento de vida para os próximos 10 anos | 73 |
| Gráfico 11 | Divisão das tarefas da casa | 74 |
| Gráfico 12 | Como é feito o orçamento doméstico | 95 |

## Lista de Abreviaturas e Siglas

| | |
|---|---|
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| UFPEL | Universidade Federal de Pelotas - RS |
| IFSUL | Instituto Federal Sul-riograndense |
| NSE | Nova Sociologia Econômica |
| SPC | Serviço de Proteção ao Crédito |
| IPEA | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |
| IFISP | Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da UFPEL |
| CNDL | Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas |

**SUMÁRIO**

**Introdução** ..... **16**

**Capítulo 1- O significado do dinheiro** ..... **21**

1.1 - O dinheiro e as relações sociais modernas ..... 21

1.2 – O significado do dinheiro pela perspectiva sociológica ..... 24

1.3 - Entre dinheiros especiais e trabalho relacional ..... 27

1.4 - Entre dinheiros e intimidades: desconstruindo tabus ..... 32

**Capítulo 2 - Ressignificando os relacionamentos amorosos** ..... **38**

2.1 - Entre amores e dinheiros ..... 38

2.2 - Uniões amorosas: um recorte da sociedade brasileira ..... 43

2.3 - A mudança dos papéis masculino e feminino na conjugalidade e seus reflexos no orçamento doméstico ..... 47

2.4 - A divisão das tarefas domésticas no cotidiano: as relações de poder na intimidade ..... 50

**Capítulo 3 - Como adentrar na intimidade: estratégias metodológicas** ..... **54**

3.1 - Conhecendo o objeto de estudo e a escolha dos participantes ..... 54

3.2 - Escolha dos métodos de análise e coleta de dados ..... 55

3.2.1 - A realização da entrevista ..... 57

3.2.2 - A aplicação dos questionários ..... 58

3.2.3 - A realização do grupo focal ..... 59

**Capítulo 4 - A circulação e o "uso dos dinheiros" nos relacionamentos amorosos** ..... **63**

4.1 - O que revelou a terapeuta? Conflitos entre amor e dinheiro ..... 63

4.2 - O que os números revelam? ..... 67

4.3 - Percepções do dinheiro na conjugalidade a partir do grupo focal ..... 76

4.3.1 - Dinheiro doméstico – adentrando na formação do orçamento ..... 78

4.3.2 - Dinheiro da gratificação ..... 81

4.3.3 - Dinheiro das ajudas ..... 83

4.3.4 - Dinheiro da recompensa ..... 84

4.3.5 - Dinheiro visual ..... 85

**4.4 - Das categorias dos dinheiros às práticas cotidianos** ..... 86

4.4.1 - Memórias de consumo ....86
4.4.2 - Estratégia de investimento ....88
4.4.3 - Cálculos e emoções ....89
4.4.4 - A separação e seu impacto nas finanças ....90
**4.5 - A divisão das tarefas da casa** ....92
**4.6 - O orçamento doméstico** ....94
**Considerações Finais ....97**
**Referências bibliográficas....100**
**APÊNDICES ....107**
**APÊNDICE A - Roteiro Semi-estruturado da Entrevista com a terapeuta ....108**
**APÊNDICE B - Questionário aplicado em pessoas do sexo masculino e feminino casadas ou em união estável ....109**
**APÊNDICE C - Roteiro elaborado para o grupo focal ....120**

## Introdução

Esse estudo partiu da ideia de adentrar na esfera íntima dos relacionamentos amorosos visando entender como os indivíduos interseccionam questões relacionadas ao dinheiro, intimidade, cálculos e emoções em seu dia-a-dia.

Embora dinheiro e intimidade representem em nosso imaginário social princípios contraditórios, é necessário reconhecer, de acordo com Zelizer (2011a), que as transações econômicas coexistem com a intimidade, pois pais pagam babás para cuidarem de seus filhos, bem como dão mesada; em outros casos pessoas presenteiam com dinheiro, ou mesmo, "vale presente"; enfim, tais transações fazem parte do cotidiano das pessoas, e não podem ser entendidas como "esferas separadas" (ZELIZER, 2011a). Deste modo, é notável que "o dinheiro coabita regularmente com a intimidade e até mesmo a sustenta" (ZELIZER, 2011a, p.34), e, tais intersecções de acordo com a autora, somente se tornam uma demanda judicial em circunstâncias raras, já que na maioria das vezes, as pessoas resolvem suas diferenças, administram emoções e cálculos na vida íntima sem recorrer ao judiciário.

Tendo em vista essa perspectiva, o presente estudo busca "desmitificar" a ideia existente de que dinheiro e intimidade representam princípios contraditórios, por essa razão, o ponto de partida deste estudo: foi compreender como os indivíduos conduzem esses dois polos, aparentemente antagônicos, da vida cotidiana que são o amor e o dinheiro, buscando identificar como suas ações interseccionam, racionalidades, cálculos e emoções? Tal questionamento se mostra importante, já que a crítica social enfatiza cada vez mais a monetarização das relações sociais, e, até mesmo dos relacionamentos amorosos.

A partir de tal indagação, nosso objetivo de pesquisa foi entender como ocorre à relação entre dinheiro e intimidade, buscando observar como os relacionamentos amorosos aparecem ligados às questões que envolvem o dinheiro, o orçamento doméstico, a administração do lar, a divisão das tarefas da casa e as relações de poder dentro dos relacionamentos. Mais especificamente, no decorrer da pesquisa, visando auxiliar na compreensão destas relações, o foco concentrou-se na percepção de cinco mulheres (casadas e separadas) de determinada classe social, sobre seus relacionamentos e "dinheiros", conforme veremos ao longo deste estudo.

Antes de darmos seguimento a esse trabalho, é importante definirmos dois conceitos que serão largamente utilizados ao longo da pesquisa, que são amor e dinheiro, assim quando nos referimos ao amor, entendemos como uma forma abrangente de diferentes tipos de relacionamentos amorosos (homoafetivos ou heteroafetivos), como o matrimônio, a união estável e a coabitação, isto é, como esferas que fazem parte do complexo mundo da intimidade e que foram ressignificadas ao longo dos anos por conta de transformações culturais, sociais e econômicas que ocorreram na sociedade. Por outro lado, o conceito de dinheiro está relacionado ao orçamento doméstico e as inúmeras práticas econômicas que integram o dia-a-dia dos relacionamentos amorosos, cabe enfatizar que tal esfera não é apenas pautada pela ideia de "racionalidade" (como pressupõe a economia *mainstream*), mas também é guiada por emoções e sentimentos, por isso adotamos o conceito de "racionalidades".

Deste modo, este estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão do papel do dinheiro na conjugalidade, isto é, ajudar na identificação das diversas "racionalidades" que fazem parte do orçamento doméstico e do dia-a-dia dos relacionamentos amorosos. Desta forma, os objetivos específicos visaram: 1) averiguar o valor simbólico do dinheiro nos relacionamentos amorosos; 2) identificar como é feito o gerenciamento das finanças, ou melhor, do orçamento doméstico, bem como, verificar se os casais possuem planejamento financeiro, como ocorre o pagamento das contas básicas da casa como alimentação, luz, água e telefone, se possuem financiamentos e dívidas, entre outras questões; 3) apontar os possíveis conflitos que possam surgir em razão do dinheiro na conjugalidade, bem como identificar com que frequência os casais conversam sobre o assunto; 4) verificar como ocorre à divisão das tarefas domésticas e quais os parâmetros para essa divisão; e por último, 5) analisar a dimensão destas questões elencadas acima via a percepção de cinco mulheres (casadas e separadas) no que tange as tramas do orçamento doméstico de suas famílias, isto é, identificar os "dinheiros especiais" [1] (ZELIZER, 2003) existentes no seio familiar, assim como, o entrelaçamento de questões que misturam dinheiros, relacionamentos, emoções, e cálculos.

[1] Dinheiros especiais: é um conceito desenvolvido por Viviana Zelizer, que se refere aos diferentes significados e tratamentos que são empregados ao dinheiro moderno e que lhe conferem um valor simbólico, tal conceito será desenvolvido no decorrer deste trabalho (ZELIZER, 2003).

Para viabilizar essa pesquisa utilizou-se uma metodologia de tipo qualitativa. Já no que se refere às técnicas de pesquisa tivemos que optar por mais de um tipo, pois como se trata de um assunto, digamos delicado, pode-se dizer que foi um grande desafio (da minha trajetória como pesquisadora) adentrar na intimidade das pessoas para captar suas percepções sobre amor e transações econômicas. Por essa razão, traçamos um caminho metodológico com o objetivo de chegar ao público alvo da pesquisa, no qual a primeira estratégia metodológica foi à realização de uma entrevista com uma terapeuta de casais, na qual buscamos identificar percepções sobre a intimidade, em seguida realizamos a aplicação de questionários com pessoas casadas ou em União Estável já com o objetivo de intermediar contatos para a realização do grupo focal, e, por fim o grupo focal, que foi realizado com cinco mulheres, as quais demonstraram disponibilidade e interesse pelo assunto, visando identificar suas percepções a cerca do dinheiro na intimidade.

Com relação à entrevista com a terapeuta de casais, essa constituiu nossa primeira estratégia para adentrar na intimidade, na qual buscou-se identificar quais eram os motivos da procura dos casais pela terapia, e se o dinheiro, ou seja, se as questões econômicas constituíam uma demanda para a solução de conflitos. A partir do relato da terapeuta foram esclarecidos vários pressupostos sobre a intimidade dos casais, o que de certa forma nos auxiliou na elaboração dos questionários. Nessa etapa foi feito o contato com a terapeuta buscando também a divulgação dos questionários aos seu pacientes casados ou em União Estável.

O segundo método que utilizamos foram os questionários, os quais foram respondidos por pessoas casadas ou em União Estável. Através das respostas obtidas buscamos identificar aspectos mais gerais que compõem as práticas econômicas diárias dos relacionamentos amorosos. Os questionários também foram utilizados como já dito anteriormente para intermediar contatos para a realização do grupo focal, uma vez que os dados obtidos através do mesmo não permitem uma análise a fundo sobre as intersecções entre dinheiros e emoções no âmbito da intimidade.

Por último, realizamos um grupo focal, que a princípio, seria realizado com pessoas casadas (que responderam ao questionário); no entanto, nossas tentativas de realização não foram exitosas, como abordaremos mais adiante. Tendo em vista essa perspectiva, o grupo focal foi realizado com cinco mulheres de determinada classe social, das quais duas eram casadas e três separadas, com o intuito de

compreender as transações que envolvem o orçamento doméstico, bem como observar como circulam os “dinheiros especiais” (ZELIZER, 2003) existentes no seio familiar, e, o entrelaçamento de questões que misturam dinheiros, relacionamentos, emoções, e cálculos.

No primeiro capítulo deste trabalho debruçamos brevemente sobre a origem do dinheiro e suas influências nas relações sociais, mais especificamente via o âmbito da sociologia econômica e os estudos das práticas econômicas do cotidiano.

No segundo capítulo, parte-se para uma discussão sobre questões que envolvem a intimidade e os relacionamentos amorosos, abrangendo assim o casamento, a coabitação, bem como as famílias. De tal modo, fala-se um pouco de como as instituições (por exemplo, o casamento e a família) foram ressignificadas ao longo do tempo, e com elas os papéis do homem e da mulher, o que de certa forma pode ter modificado a organização econômica, cultural, e social, da formação do que entendemos hoje como famílias, e, de certa forma, intimidades.

Nos capítulos três e quatro, retomamos as questões metodológicas que fizeram parte de nossa pesquisa, descrevendo deste modo, o percurso da coleta de dados até se chegar à análise do material. E por último, as considerações finais, que representam a sintetização dos dados e das informações coletadas no decorrer deste trabalho.

Deste modo, buscamos adentrar na esfera íntima dos relacionamentos amorosos visando entender como os indivíduos interseccionam questões relacionadas ao dinheiro e intimidade em seu dia-a-dia. Destaca-se a relevância deste estudo por se tratar de um assunto ainda pouco explorado sociologicamente, e espera-se que essa pesquisa contribua com o meio acadêmico e social através da discussão sobre o papel do dinheiro, e da importância do debate sobre o orçamento doméstico no cotidiano das pessoas.

## Capítulo 1- O significado do dinheiro

O dinheiro, as transações econômicas, o orçamento doméstico, bem como os relacionamentos amorosos e a intimidade são os principais temas de pesquisa deste trabalho. Por esse motivo, neste capítulo inicial, parte-se de um resgate histórico sobre o dinheiro e sua influência na modificação dos laços sociais, identificando crenças, atitudes, e comportamento dos indivíduos com relação ao dinheiro, ressaltando que, o dinheiro ainda é um tema pouco estudado nas ciências sociais. Deste modo, conclui-se o capítulo buscando desconstruir o tabu existente entre dinheiro e intimidade.

### 1.1 - O dinheiro e as relações sociais modernas

Atualmente, é difícil pensarmos a nossa existência sem a intermediação do dinheiro, seja ele em espécie ou nas mais diversas modalidades que as tecnologias possibilitaram, como as transações eletrônicas, as moedas virtuais e até mesmo o cartão de crédito. Antes de seu surgimento como um meio universal de troca, vários objetos eram utilizados como moeda, principalmente materiais oriundos da natureza como, por exemplo, alimentos, madeira, pedras, entre outros elementos (GIDDENS, 2005). Uma vez que, para que algo funcionasse como dinheiro, de acordo com Weatheford (2005) era necessário a sua existência em um sistema sociocultural específico, e a partir daí, muitos objetos diferentes poderiam servir como dinheiro.

Simmel (2009a) enfatiza que nas sociedades modernas o dinheiro assumiu a sua forma de equivalente geral, facilitando a troca de objetos desiguais. Em outras palavras, somente a partir da criação do dinheiro como um meio de trocas universal, é que foi possível ao homem atingir um número maior de fins via a sua intermediação; deste modo, o dinheiro tornou-se uma extensão do agir finalizado. Para Simmel (2009a, p. 27):

> A razão de o dinheiro se ter transformado originariamente num valor que vale por si reside na sua evolução histórica; de facto, enquanto a cunhagem do Estado ainda não garantia ao indivíduo a reutilização da compensação que recebia por uma mercadoria, ninguém terá sido tão louco que cedesse está última, sem receber por ela um valor real [...].

A trajetória do “dinheiro” até a constituição da sua noção atual é bastante antiga e complexa, e, de acordo com Weatheford (2005), o mundo viveu três grandes gerações monetárias, a primeira surgiu com a invenção da moeda na Lídia, há três mil anos atrás resultando no primeiro sistema de mercados abertos e livres; a segunda geração foi no início da Renascença até a Revolução Industrial e resultou no moderno sistema capitalista mundial, no papel-moeda e no sistema bancário; e, atualmente, tem-se que o mundo está entrando em uma terceira etapa de sua história monetária que é a era do dinheiro eletrônico e da economia virtual.

Desde o seu surgimento até então, o dinheiro, segundo Weatheford (2005, p. 14), “constitui a base de todo o sistema e forma o elo decisivo na fixação de valores, facilitação de troca e criação do comércio”, do mesmo modo que conecta as pessoas em diversos momentos e lugares do mundo. Além disso, é necessário destacar que o sistema monetário só funciona graças à confiança, a qual é considerada para Dodd (1997) o fator determinante para que esse sistema opere, e, sob a qual deriva-se uma série de arranjos racionais e não racionais, como hábitos, costumes, expectativas calculistas e até mesmo a fé, sendo que sua operacionalização só existe, em razão dessas características que acabam tornando possível a sua existência e circulação.

Conforme enfatiza Simmel (2009a), o dinheiro é o Deus da sociedade moderna, isto é, somos ligados por um único elemento: o dinheiro, não importa o tipo de dinheiro se é dólar, real, libras, euro, rupias, todos operam como elementos de um sistema monetário internacional que atinge cada local do mundo, não importa onde nem o tipo de moeda, o fluxo é rápido e fácil (WEATHERFORD, 2005).

Segundo Assis (2017), “a importância da interpretação que se faz do dinheiro justifica-se pela sua centralidade nas abordagens clássicas do desenvolvimento do mundo moderno, que lhe dá como característica a onipotência [...]”. A autora, ao realizar um balanço bibliográfico sobre a questão, enfatiza que isso ocorre devido às características presentes no dinheiro como a objetividade, a racionalização e a impessoalidade, o que lhe tornam um objeto fundamental em meio à sociedade moderna.

Contudo, nem sempre foi assim, um período importante para a implantação da economia monetária foi à transição da Idade Média para a Idade Moderna, pois segundo Simmel (2009b) com a implantação da sociedade moderna ocorreu a monetarização da vida e o calculismo, que viram características desta época, sem

falar ainda da impessoalidade que se instalou por meio da divisão social do trabalho, isso porque, os indivíduos passaram cada vez mais a não depender necessariamente de outros indivíduos, mas sim da função que exercem na sociedade; e neste cenário, o dinheiro passou a "trocar" as coisas mais desiguais, tornando-se um fim em si mesmo, e, os indivíduos passaram a viver, ou melhor, circular em torno dele, conforme enfatiza Simmel (2009a, p.38) "o dinheiro tornou-se o Deus do nosso tempo".

Como observamos no parágrafo acima, o dinheiro tornou-se o símbolo da modernidade, e para Simmel (2009b), ele concretiza as tendências da vida moderna, permitindo aos indivíduos atingir um fim, ou seja, através do dinheiro, o valor de um objeto pode ser transformado em qualquer outra coisa, isso porque ele representa apenas uma forma, isto é, com o dinheiro é possível ter autonomia e ser livre.

Com a vida na sociedade moderna mediada pelo dinheiro, outro fator que se modificou foi à noção de tempo e quantificação, ou seja, os indivíduos tiveram não apenas a sua noção de tempo deslocada, como também passaram a quantificar quase tudo a sua volta (Simmel, 2009d). Segundo o autor (2009d, p. 83):

> O espírito moderno tornou-se, cada vez mais, um espírito calculador. Ao ideal da ciência natural de transformar o mundo num exemplo de cálculo, de fixar cada uma das suas partes em fórmulas matemáticas, corresponde a exatidão calculista da vida prática, nela introduzida pela economia monetária; só esta preencheu o dia de tantos homens com pesagens, cálculos, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos.

Simmel (2009d) destaca que essa quantificação é consequência da economia monetária, a qual invadiu os grandes centros urbanos, e a partir daí as trocas econômicas passaram a ser abundantes e incessantemente disseminadas. O dinheiro, segundo Simmel (2009d, p. 81) "busca apenas aquilo que a todos é comum, o valor de troca, a qual nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do simples "quanto". Assim tudo passa a ter um valor, segundo Barbosa (2004), até mesmo as atividades cotidianas mais corriqueiras como alimentação e vestuário, acabam reinterando intercessões entre as estruturas de significados e o fluxo da vida social.

Weatherford (2005) deixa claro que o dinheiro passa a determinar não apenas as relações de mercado como também as relações entre as pessoas, isto é, entre pais e filhos, casais, amigos, políticos e eleitores, ou seja, o dinheiro configura uma

das instituições essenciais desta economia e, em sua volta, se encontram subordinadas instituições como a família, a religião, o ensino, a política, entre outras.

Em decorrência disso, a atual sociedade capitalista promove, cada vez mais, o consumismo, e o dinheiro passa a ser utilizado não apenas para aquisição de bens materiais como também para ascensão pessoal, o que, segundo Simmel (2009a), gera a convicção de que toda a felicidade e satisfação definitiva da existência humana estejam ligadas a posse do dinheiro.

Como podemos ver, o dinheiro pode ser considerado uma representação simbólica que transformou o mundo. De acordo com Weatheford (2005), mesmo após três mil anos de sua invenção, o seu poder está se tornando, cada vez mais, aparente, pois ele supera e domina laços sociais tradicionais, como a família, a comunidade e a nação. Conforme o referido autor, a partir da rápida monetização do valor, praticamente tudo em nossa sociedade pode ser expresso por um denominador comum - o dinheiro; e, assim, estabelece-se um sistema de valores compartilhados, no qual praticamente quase tudo pode ser calculado, de um pão a um poema, de uma hora de serviços sexuais a impostos, tudo pode ser expresso em um sistema simplificado, ou seja, tudo pode ser quantificado e valorado através do dinheiro. Sob o mesmo ponto de vista, Simmel (2009d) afirma que em nossas relações cotidianas acabamos reduzindo nossas necessidades em operações matemáticas, na qual a vida do homem moderno esta atulhada deste definir e calcular.

O dinheiro tornou-se um elemento global, segundo Weatherford (2005), ele está presente em todas as partes do mundo, não apenas em sistemas econômicos de produção, propriedade, mão-de-obra e consumo, mas também em quase todos os aspectos da vida privada, ou seja, ele não permeia exclusivamente as relações de mercado, mas também as relações sociais íntimas (ZELIZER, 2009).

Como descrito nos parágrafos anteriores, o dinheiro modificou laços sociais, despertando assim o interesse de diversas áreas do saber, entre elas a sociologia, conforme veremos no item a seguir.

## 1.2 – O significado do dinheiro pela perspectiva sociológica

As relações sociais foram intensamente modificadas com a monetarização da sociedade (SIMMEL, 2009d), mas foi a partir da consolidação do capitalismo e do

modo de produção capitalista, que o dinheiro passou a ser visto como um elemento central da sociedade moderna.[2]

Simmel trouxe importantes contribuições para o estudo do dinheiro, desse modo, merecem destaque os vários textos que o autor escreveu sobre o dinheiro, e, principalmente a obra *Filosofia do Dinheiro*, na qual o autor analisa os aspectos do dinheiro na vida moderna. Para Vandenbergue (2005), a obra *Filosofia do Dinheiro* é considerada a maior obra (sócio) filosófica de Simmel, tal obra é um símbolo que traduz todas as relações sociais de uma maneira mais ou menos unitária, nos propondo não apenas uma análise do dinheiro em si, mas também uma visão do homem, do mundo e da vida (VANDENBERGUE, 2005).

Além dos contributos de Simmel, a teoria social do dinheiro também ganhou evidência, com aos estudos de Talcott Parsons e Jürgen Habermas. Conforme Dodd (1994), esses autores passaram a estudar o dinheiro através do seu papel no sistema social em geral, em outras palavras, eles estudaram o dinheiro concentrando-se não apenas nas atividades econômicas, mas também levaram em consideração às relações sociais e associações culturais que se aproximam do tecido normativo da sociedade moderna.

Dodd (1994) esclarece que Parsons e Habermas diferenciaram-se de Simmel principalmente por não utilizarem o dinheiro como um objeto de estudo em si mesmo, pois Parsons empregava o dinheiro como um modelo para sua teoria da diferenciação social, e Habermas utilizava a relação entre dinheiro e o mundo como uma ilustração para sua teoria da colonização interna, ou seja, embora ambos

---

2 Karl Marx foi um dos principais estudiosos da sociedade moderna, e desenvolveu a teoria do valor-trabalho, estudando assim a relação do trabalho com o capital (MARX, 2013). De acordo com Sell (2013), Marx organizou uma ampla teoria social, pois procurava entender não apenas a modernidade como também sua dimensão econômica, por essa razão suas críticas tiveram como base os conceitos de exploração e alienação.
Assim como Marx, Max Weber também trouxe importantes contribuições para o campo sociológico, Weber preocupou-se em estudar o comportamento econômico dos indivíduos, e publicou obras como Economia e Sociedade e A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo, as quais posteriormente serviram de base para o desenvolvimento da Sociologia Econômica. Segundo Sell (2013), suas obras transitam em diversos campos dos saberes, como a sociologia, a economia e o direito, em seus estudos Weber buscava compreender o mundo social a partir do racionalismo, que em sua opinião é o resultado do processo de desencantamento do mundo, pois ao mesmo tempo em que o racionalismo aumenta a eficiência e a produtividade, ele provoca ao mesmo tempo, a perda da liberdade e do sentido da vida.
São notáveis as contribuições de Karl Marx e Max Weber para o campo sociológico, e principalmente para o estudo do capitalismo, porém nesse trabalho utilizaremos a perspectiva de Georg Simmel e da Sociologia Relacional de Viviana Zelizer, os quais são mais adequados para atingir os objetivos propostos.

tirassem conclusões distintas dessas abordagens do dinheiro à compreensão principal sobre ela era semelhante.

Entretanto, é com a Nova Sociologia Econômica (NSE) que o dinheiro passa a ganhar proeminência como objeto de análise. Nas palavras de Lopes Junior (2002), foi através da quebra dos velhos paradigmas da economia neoclássica da década de 1980, que a disciplina construiu uma nova base epistemológica, pois se antes seus prognósticos eram baseados apenas na visão de mercado, hoje não é mais assim, isso porque a disciplina passou a problematizar e produzir explicações contemporâneas sobre novos temas, como por exemplo, os casamentos, os relacionamentos, as redefinições das taxas de natalidade, entre outros.

Assim, de acordo com Swedberg (2004), a sociologia econômica passa a ser entendida como a disciplina que visa explicar os fenômenos econômicos através das ferramentas da sociologia, ou seja, em suas análises o sociólogo deve utilizar conceitos como normas, estruturas sociais, interação social, entre outros combinando-os com métodos como entrevistas, observação, etc.

Para Swedberg (2004), desde o seu surgimento (por volta de 1900) até em então, são notáveis os aportes da sociologia econômica para a compreensão dos fenômenos econômicos, dentre os quais o autor destaca três contribuições importantes, a primeira seria a introdução do conceito de redes para análise dos fenômenos econômicos proposta por Mark Granovetter; a segunda são os dinheiros especiais de Viviana Zelizer; e finalmente os conceitos de arena e habilidade social proposto por Neil Fligstein.

Este renascer da sociologia econômica se deve, segundo Zelizer (2015), à recuperação das raízes da disciplina no estudo das grandes transformações socioeconômicas do século XIX. De acordo com a referida autora, podemos identificar duas tendências eficazes no estudo sociológico do comportamento econômico. A primeira parte dos estudos de Durkheim sobre a divisão social do trabalho, a densidade social, a coesão e seus efeitos sobre o comportamento, assim como dos estudos de Simmel e sua sociologia das formas que influenciou os estudos de redes sociais (ZELIZER, 2015). Já, a segunda tendência, sofre influência dos estudos de Max Weber, e se refere ao estudo do comportamento econômico a partir de uma perspectiva cultural, se opondo assim ao racionalismo do comportamento humano baseado em interesses, como premissa principal dos economistas (ZELIZER, 2015).

Se atendo as tendências citadas no parágrafo anterior, e por influência de Max Weber, Viviana Zelizer utiliza como base em seus estudos sobre o comportamento econômico, a perspectiva cultural, isso porque, Zelizer (2015b) entende que a noção do “homo economicus” que conhecemos encontra-se ultrapassada, pois nossas escolhas econômicas não são fundamentadas apenas pela ação econômica “racional”, ao tomarmos nossas decisões levamos em conta muito mais que uma escolha racional como pressupõe os economistas neoclássicos, uma vez que, a linha existente entre o racional e o emocional, entre o público e o íntimo tende a se misturar e até mesmo desaparecer nas tramas do cotidiano.

Os aspectos culturais são de extrema importância ao analisarmos o comportamento econômico, e para Zelizer (2015b), podemos até mesmo notar a sociologia econômica como uma sociologia da cultura, isso porque ao agir as pessoas não operam como robôs automatizados, mas sim, como atores sociais motivados por valores, emoções e normas, ou seja, suas ações são baseadas por padrões culturais.

Diante disso, pode-se reconhecer que a sociologia econômica vem se firmando como um importante ramo das ciências sociais, principalmente, no que refere a compreensão da relação entre dinheiro e intimidade, pois seus estudos não estão voltados apenas para as relações de mercados, empresas e finanças, mas também para os estudos das atribuições sociais e culturais, e seus impactos na economia, na política, na cultura e nas relações sociais íntimas.

Deste modo, partindo desse pressuposto, nos propomos a investigar os relacionamentos amorosos e os tipos de relações que são construídas a partir da conexão entre amor e dinheiro, visando analisar como é elaborado o orçamento doméstico, isto é, como ocorrem à circulação dos “dinheiros especiais” nos relacionamentos, temas esses que serão desenvolvidos no item a seguir.

### 1.3 - Entre dinheiros especiais e trabalho relacional

Para Neiburg (2010), as grandes transformações econômicas que ocorreram nas últimas décadas, tanto no plano nacional como internacional modificaram o significado da economia. No Brasil, a população assalariada aumentou significativamente, e cada vez mais, as pessoas passaram a ter acesso a bancos e as tecnologias financeiras, o que consequentemente modificou o comportamento

econômico dos indivíduos, a partir disso, assuntos como mercado, dinheiro, planejamento, crédito, juros e empreendimentos passaram a fazer parte do dia-a-dia dos brasileiros (NEIBURG, 2010).

De modo geral, tais mudanças levaram o brasileiro a se preocupar também com a forma de gastar o seu dinheiro. De acordo com Leite (2011), tal preocupação também fica evidente com a recente ascensão do setor editorial de livros de autoajuda financeira e/ou finanças pessoais, como “Pai rico, Pai Pobre” dos autores Robert T. Kyiosaki e Sharon Lechter, “Os segredos da mente milionária” de T. Harv Eker, e livros voltados para casais, como “Casais inteligentes enriquecem juntos” e o “Segredo dos casais inteligentes”, ambos do consultor financeiro Gustavo Cerbasi.

Neste momento, vale a pena a realização de um breve exercício sociológico que é nos interrogarmos sobre nossas próprias ações econômicas diárias. Esse questionamento é importante para atentarmos-nos que, muitas vezes, não sabemos responder com brevidade e exatidão o quanto ganhamos no último mês, porque compramos aquele presente mais caro e acabamos o mês com saldo negativo na conta bancária, ou parcelamos em inúmeras vezes e nem se quer perguntamos sobre um possível desconto no preço à vista, ou até mesmo desconhecemos quanto temos em nossa carteira neste exato momento.

Para Zelizer (2015b), tais questões são permeadas por muitas justificações que vão de racionalidade a emoções. Isto é, refletir sobre as práticas econômicas do cotidiano não é algo tão simples, isso porque nossas premissas teóricas nem sempre são consistentes, ou seja, as tramas sociais nos colocam em complexos paradoxos; por exemplo, em muitos casos, as pessoas opõem-se a fixar um valor econômico para a vida humana; mas por outro lado, aceitam de bom grado o seguro de vida, ou melhor, recebem e fazem acordos que tem como finalidade compensar monetariamente as lesões ou as perdas emocionais; isto é, para a autora as respostas habituais de que a ação econômica é regida apenas pelo egoísmo calculado e pelo “interesse” não dão mais conta de explicar tais questionamentos.

Para Zelizer (2015b), as ações econômicas ainda são enigmas a se desvendar, sem falar que são um campo pouco explorado sociologicamente; assim, nossas práticas diárias estão entremeadas em e por densas redes de relações significativas, sendo importante explorar, os atores envolvidos, os detalhes do momento, bem como o contexto situacional do desenrolar dessas tramas sociais.

Em suma, Zelizer (2012b) assegura que toda ação econômica dos indivíduos envolve um extenso processo de relações sociais significativas, nas quais os sujeitos criam categorias distintas e estabelecem limites com a finalidade de facilitar as transações econômicas, e tais relações são identificadas pela autora, como “trabalho relacional” (ZELIZER, 2012b, p.8, tradução nossa). A referida autora define trabalho relacional como “o esforço criativo que as pessoas fazem para estabelecer, manter, negociar, transformar e encerrar relações interpessoais” (ZELIZER, 2012b, p.8, tradução nossa), e consequentemente tal trabalho não fica restrito apenas ao campo das transações econômicas, se estendendo igualmente aos demais campos da vida, como por exemplo, o religioso, o cívico, o político entre outros.

O trabalho relacional é configurado toda vez que as pessoas estabelecem limites e demarcam o tipo de relação existente; segundo Zelizer (2012b), isso acontece frequentemente, pois na medida em que as relações são confundidas ou até mesmo contestadas haverá consequências aos participantes, por essa razão mesmo que subjetivamente, as pessoas estabelecem lógicas sociais, por exemplo, um namoro não pode implicar para os envolvidos as mesmas consequências de um casamento, de tal modo que o sexo pago não implica em um relacionamento duradouro, e assim por diante (ZELIZER, 2012b).

Na maioria das vezes, as pessoas administram bem suas relações e transações econômicas, e tais situações só se tornam conflito em raras circunstâncias (ZELIZER, 2011a). Assim quando surge algum conflito que se torna uma disputa judicial, é necessário segundo Zelizer (2012b) observarmos seu desdobramento via as seguintes formas: 1) tipo de relação: representado pela forma de ligação entre os indivíduos, ou seja, se é uma relação de casamento, amizade, etc.; 2) tipo de transação: se é uma compensação, um presente, um empréstimo, uma doação, etc.; 3) itens de transação: se são representações de bens e serviços, fichas, eletrônicos, cupons, ou até mesmo itens em espécie, bens ou favores; 4) significados negociados: que seria o entendimento dos participantes sobre os significados das relações, das transações, incluindo sua avaliação moral. Assim, tais elementos servem para esclarecer e apontar qual o tipo de relação existe entre os indivíduos, facilitando o seu entendimento e a resolução do conflito (ZELIZER, 2012b, P.10).

Por essa razão, Zelizer (2012) entende que os casais diferenciam de forma “espontânea” os tipos de categorias existentes na relação, definindo assim se a

relação é um noivado, um namoro ou um casamento, pois cada tipo de relação exige um conjunto específico de transações econômicas, formas de pagamento, dinheiros, presentes (por exemplo, anéis de noivado) entre outras, e essas negociações acabam por revelar os seus próprios padrões de trabalho relacional.

Nesse sentido, Zelizer (2013) afirma que as pessoas também ampliam essas distinções as práticas cotidianas, criando para isso, suas próprias formas especiais de moedas, como poupanças, pensões, cartões, presentes, vale alimentação, doações, entre outras. Isto é, as pessoas incorporam o dinheiro nas mais diversas relações, e lhe caracterizam criando formas distintas de transferências monetárias, o que é identificado pela autora como “dinheiros especiais”.

Zelizer (2013) indica que mesmo nas dinâmicas familiares, as pessoas segregaram e criaram categorias diferentes de dinheiros, separando o dinheiro dos alimentos, do dinheiro do aluguel, do dinheiro da escola, dos fundos para viagem; bem como, economizam para o Natal, para o casamento, e até mesmo para o funeral e sepultamento. Os agentes envolvidos nas relações sejam casados, familiares e até mesmo desconhecidos, definem e regulam de diversas maneiras seus dinheiros.

De acordo com Morduch (2015), Zelizer esclarece que as famílias criam essas categorias de “dinheiros especiais” já com a finalidade de orientar o orçamento doméstico, assim, as pessoas limitam e rotulam os diferentes tipos de dinheiros demarcando suas necessidades ou seu fim específico, por essa razão entende-se que o dinheiro possui uma vida dentro dos diferentes contextos sociais, pois o mesmo acaba sendo transformado através de rótulos, marcas e significados que as pessoas lhe atribuem.

Por esse motivo, pode-se dizer que nem todos os dinheiros são fungíveis, ou seja, para Zelizer (2003) nem todos os dinheiros são iguais, uma vez que, ao utilizarmos o dinheiro personalizamos e acabamos separando-o em categorias distintas. Sem falar que dentro dos relacionamentos amorosos é frequente a demarcação do dinheiro do homem com relação ao da mulher, existindo expectativas e obrigações diferenciadas que determinam o destino do dinheiro (ZELIZER, 2003).

No que se refere às finanças, Zelizer (2011b) afirma que homens e mulheres são iguais de alguma forma, pois ambos costumam esconder compras, dinheiros e ocultar seus rendimentos, porém quando se trata dinheiro para as despesas da casa

a questão de gênero perpetra uma diferença significativa, é o que revela uma reportagem escrita por Zelizer para o jornal “The Wall Street” [3], intitulada “The Gender of Money” [4], para provar tal afirmação Zelizer cita um estudo realizado nas Filipinas que identificou que as mulheres costumam gastar mais dinheiro do que os homens com a compra de bens duráveis, como máquinas de lavar roupas e utensílios de cozinha; assim como em Bangladesch, foi identificado que as mulheres costumam pagar mais empréstimos do que os homens, do mesmo modo que quando as mulheres controlam o dinheiro da casa suas famílias se beneficiam mais com a renda.

A maneira que homens e mulheres gastam seus dinheiros influência até mesmo a forma com que o governo e organizações dispõem os seus fundos para a efetivação de políticas públicas (Zelizer, 2011b). Por exemplo, de acordo com a autora, quando houve o terremoto no Haiti, os vales-alimentação foram entregues somente para mulheres, assim como, no México, os programas anti-pobreza também repassam o dinheiro apenas para as mães, isso ocorre, pois as mulheres são mais propensas a distribuir de forma mais equitativa os alimentos, roupas e materiais escolares do que os homens, conforme reforça o trecho abaixo.

> Então por que o dinheiro da mãe é mais provável de ser reservado para o bem-estar do seu filho do que a mesma quantidade de dinheiro em mãos de um homem? Alguns podem invocar predisposições genéticas para cuidar, outros uma forma estratégica das mulheres em começar a investir em seus filhos antecipando, por exemplo, o apoio econômico de seu filho na sua velhice. Mas nenhuma dessas explicações chega tão longe. O que está por trás de tal questão é a cultura e a formação de nossos laços sociais. As mulheres são muitas vezes realizadas com altos padrões de moralidade nos gastos. Apesar de piadas sobre as mulheres como gastadoras, espera-se que as mães (e avós) considerem as necessidades de seus filhos como primordiais, assim gastos altruístas se tornam uma característica da virtude moral (ZELIZER, 2011b, tradução nossa). [5]

O mesmo ocorre no contexto brasileiro, no qual o Benefício do Bolsa Família é pago preferencialmente às mulheres, para Mesquita (2007) tal preferência decorre do consenso relativo de que as mulheres são mais apegadas a família e por consequência ajudam no concretização dos objetivos propostos pelo programa, assim como também verifica-se como um maneira, mesmo que incompleta de

[3] Jornal escrito em língua inglesa, de grande circulação, com sede em Nova York - EUA.
[4] Tradução para o português “O gênero do dinheiro”.
[5] Zelizer, Viviana. **The gender of Money**. The wall street journal. EUA: 27 jan, 2011b. Disponível em: <http://blogs.wsj.com/ideas-market/2011/01/27/the-gender-of-money/>. Acesso em: 17 mar, 2017.

empoderamento da mulher, pois a escolha da mulher como gestora transforma sua posição na família ao mesmo tempo em que complementa a renda familiar.

Mediante o exposto, entende-se que as ações econômicas não são apenas racionais, mas motivadas por aspectos culturais, pela moralidade, por crenças e valores, assim como nossas práticas econômicas diárias são plenamente diferenciadas, seja através do uso de dinheiros especiais ou pelo “trabalho relacional” (ZELIZER, 2003, 2011). Contudo, a mistura de dinheiro e intimidade é algo que, muitas vezes, suscita confusões, questões essas que serão discutidas no item abaixo.

### 1.4 - Entre dinheiros e intimidades: desconstruindo tabus

Como vimos no item acima, o dinheiro penetra em diversas esferas da vida social, e segundo Illouz (2011) com os relacionamentos amorosos isso não é diferente, já que a esfera econômica também é impregnada de e por afetos, ou seja, o dinheiro também é utilizado para manter e criar os laços sociais (ZELIZER, 2011a).

Para Zelizer (2011a), utilizamos diversas moedas fora da lógica mercantil, principalmente, em nossos relacionamentos pessoais, uma vez que buscamos “naturalmente” encontrar a combinação perfeita entre as atividades econômicas e os laços íntimos, seja através da administração das finanças, dos gastos familiares, do compartilhamento das tarefas domésticas, do cuidado dos entes queridos, ou até mesmo com a escolha daquele presente de aniversário que transmita a mensagem correta que vai além do valor econômico.

Como já nos propomos anteriormente, vale relembrar que em nosso dia-a-dia enfrentamos diversos dilemas econômicos, isto é, nem sempre refletimos sobre: o porque gastamos ou economizamos? Porque homens e mulheres lidam com o dinheiro de forma diferente? Ou até mesmo os motivos que justificam nossas ações econômicas? Isso ocorre, de acordo Zelizer (2015b), porque tais situações são irrefletidas e baseadas em padrões culturais. Desse modo, para que possamos compreender esses tipos de relações, é necessário segundo Zelizer (2011a) esclarecer dois aspectos importantes, o primeiro é que não é apenas o interesse econômico que determina todos os relacionamentos sociais, e o segundo, é que não se pode evitar que a intimidade entre em contato com as transações econômicas.

Como vimos, é bastante comum a mistura de dinheiro e intimidade, embora Zelizer (2011a) entenda que essa não seja uma tarefa fácil, pois a presença do dinheiro em relações familiares, casamentos e amizades, desperta a crença de que o dinheiro possa corromper tais relações. Para além do senso comum, Zelizer (2011), identifica três teorias que tratam sobre a intersecção entre intimidade e transações econômicas, são elas: “esferas separadas e mundos hostis”, “nada além de” e “vidas conexas”.

Segundo a autora (2011a), os seguidores da vertente “esferas separadas e mundos hostis”, tratam dinheiro e intimidade como esferas separadas, ou seja, de um lado, está a esfera do sentimento e da solidariedade e, de outro lado, está à esfera do cálculo e da eficiência, e ambas as esferas trabalham separadamente, pois caso entrem em contato ocorrerá à contaminação dos valores morais. Um exemplo dessa teoria seria a crítica em relação monetização dos cuidados pessoais, que pode ser representada pelo cuidado dos avós com os netos, na qual qualquer pagamento (em especial, em dinheiro) poderia corromper essa relação, transformando-a em venda de serviços (ZELIZER, 2011).

A segunda teoria é conhecida como “nada além de”, na qual entende-se que tudo é pautado pela racionalidade econômica (ZELIZER, 2011a). Assim, os teóricos dessa vertente acreditam que a atividade econômica e a intimidade não são princípios contraditórios, mas que a intimidade é um tipo especial de economia, sendo que a melhor forma de resolver os problemas da organização social é deixar que o mercado funcione livremente (ZELIZER, 2011a). Isto é, todas as situações do cotidiano são entendidas como “nada além de”, assim, julga-se que perseguimos sempre nosso “interesse”.

A terceira teoria é conhecida como “vidas conexas”, para Zelizer (2011a) tal teoria reforça a ideia de que as pessoas vivem vidas conexas, ao mesmo tempo em diferenciam e negociam os seus laços sociais através de práticas cotidianas. Nas palavras da referida autora (2011a, p. 38,) “todas as relações sociais em andamento (ou não) ao menos incluem um mínimo de significados compartilhados, regras funcionais e fronteiras separando uma relação da outra”.

Para entendermos a teoria de “vidas conexas”, é necessário segundo Zelizer (2011a), refletirmos sobre três fatores importantes, o primeiro é que criamos mundos sociais diferentes, negociando nossos vínculos por meio de transações, direitos e obrigações; o segundo é que caracterizamos os nossos laços pessoais com

namorados, cônjuges, pais, filhos, amigos e irmãos através da diferenciação de práticas, símbolos, costumes e meios de trocas; e por fim o terceiro fator, que leva em conta as atividades econômicas, como a produção, o consumo, a distribuição e a transferência, as quais exercem um papel importante nessas relações, por exemplo, nenhuma família permanece muito tempo junta, sem uma ampla interação econômica entre seus membros.

Isto posto, podemos perceber que a atividade econômica faz parte dos relacionamentos, e, de acordo com Zelizer (2011a), as pessoas incorporam o dinheiro na construção dos laços sociais, uma vez que, terceirizam o cuidado dos filhos, dão presente em dinheiro, pagam pensão, mesadas; enfim, os indivíduos transformam o seu significado na medida em que agem desta forma. Por essa razão, percebe-se que quando ocorre à inclusão de qualquer atividade econômica nas relações sociais, as pessoas necessariamente aumentam os esforços na definição e distinção da relação, ao mesmo tempo em que negociam seus limites (ZELIZER, 2011a).

Ao encontro dessa perspectiva, Russo (2011), considera que através do simbolismo da economia e do dinheiro tudo é modificado, nossos anseios, sentimentos, e até mesmo o amor e as formas de vivenciar as nossas relações. De acordo com a referida autora, para compreendermos como a economia monetária influência e transforma o amor na modernidade, é necessário que amor e dinheiro não sejam vistos como antagônicos, mas sim como desejos que se complementam e garantem, de certa forma, a felicidade pessoal.

Como vimos o desenvolvimento da economia monetária não contribui apenas para a reestruturação de nossos laços sociais, como também para o advento do amor romântico e do fortalecimento da individualidade, uma vez que o dinheiro criou as possibilidades para que os interesses individuais se sobreponham aos interesses coletivos, e consequentemente contribuiu para o fortalecimento do amor, enquanto esfera pertencente exclusivamente ao indivíduo (RUSSO, 2002).

Em conformidade com esse entendimento, Lázaro (1997) aponta que o amor passou a ser reinventado a partir do renascimento, através da conhecida obra de William Shakespeare, “Romeu e Julieta”, datada de 1591, na qual podemos perceber o renascer do indivíduo marcado pela sua opção amorosa e também a reorganização dos espaços sociais para criar e legitimar esse sentimento. Para Lázaro (1997), o amor passa a ser uma experiência sagrada e ao mesmo tempo

individual, pois cada indivíduo experimenta o sentimento do amor de uma forma diferente, ele passa a ser visto como um selo de garantia de nossa humanidade e é através dele que nos definimos como seres humanos.

Russo (2011), do mesmo modo, enfatiza que através do simbolismo do dinheiro, o amor aparece como uma solução para enfrentarmos o isolamento, o racionalismo, o egoísmo, a competitividade e o individualismo exagerado experimentado pela sociedade moderna. Porém, segundo Russo (2011), o amor já foi corrompido pela sua lógica e realidade, demonstrando que na sociedade moderna, nenhum campo resiste ao domínio do dinheiro, mas também que o dinheiro não está imune às vivências, as necessidades, as tensões e as relações construídas pelos indivíduos. Provocados pela teoria das “esferas separadas”, não estamos nos deparando com mundos hostis, mas sim buscando refletir sobre a percepção que passa a dominar o senso comum sobre o amor e o dinheiro.

A própria teoria “esferas separadas”, que muitas vezes permeia o nosso senso comum, faz com que o dinheiro seja visto como um tabu, isto é, como assunto pertencente somente a esfera pessoal, por essa razão discorrer sobre o assunto com outras pessoas causa medo, estranhamentos e conflitos (ZELIZER, 2011), uma vez que, é evidente que as pessoas não saem por aí dizendo o quanto ganham, o quanto poupam, sobre dívidas e financiamentos, com a mesma facilidade que falam sobre o clima e a novela.

Nos relacionamentos amorosos isso não é diferente, e nos lares brasileiros o tema tem ganhado pouco espaço. De acordo com uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito[6] (SPC BRASIL, 2016A[7]), feita com 662 consumidores acima de 18 anos e de várias classes sociais nas 27 capitais brasileiras, mais de um terço dos casais brasileiros (35%) não sabe o valor do salário do companheiro. O estudo também mostra que o costume de discutir o orçamento familiar com o cônjuge e os demais membros familiares é pouco frequente, ou seja, apenas 38,9% das famílias

[6] SPC: É uma sigla que significa Serviço de Proteção ao crédito, pertence à Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas, possui um banco privado e fornece as informações sobre adimplência e inadimplência de pessoas físicas ou jurídicas para fins de decisão sobre crédito. Disponível em: < https://www.spcbrasil.org.br/home>. Acesso em 12 jun. 2016.

[7] SPC BRASIL. Três em cada dez brasileiros não sabem quanto o parceiro ganha, mostra SPC Brasil. 14 abr. 2016. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/1380>. Acesso em: 27 abr. 2016.

brasileiras conversam francamente sobre os gastos e as receitas da casa todos os meses, e 18,1% somente o fazem quando a situação financeira está ruim.

Como vimos, essa é uma relação bastante complexa e confusa, como observadores deste social, temos que tomar o cuidado para que essas relações não sejam vistas apenas como “nada além de” interesses (ZELIZER, 2011a). Para Russo (2011) relacioná-los não é uma tarefa fácil, pois socialmente reafirma-se o discurso do amor como algo puro e sagrado e do dinheiro como alguma coisa que é ao mesmo tempo necessária, mas suja, impregnada de uma dimensão negativa que não poderia estar ligado a um sentimento tão “nobre” como o amor.

Russo (2002) considera o amor e o dinheiro não apenas fruto das necessidades humanas, como também mediadores das relações entre os indivíduos, embora possuam elementos antagônicos entre si, ambos possuem muito em comum, e, apesar de criarem relações distintas são valorados e recebem significados específicos sendo analisados como representantes de uma mesma época.

Essa combinação costuma chamar atenção, para Zelizer (2011a), a mistura das transações econômicas e das relações íntimas costuma surpreender os participantes e os observadores, através da crença de que a racionalidade econômica e os laços sociais íntimos se contradizem, porém o que ocorre é que essas atividades econômicas compartilhadas estabelecem direitos e obrigações fortes entre os seus participantes, envolvendo a compatibilidade entre a racionalidade e os laços de solidariedade interpessoal que são oriundas desse tipo de relação. Embora sejam vistos como antagônicos, amor e dinheiro são aspectos muito importantes da realidade social e acabam se complementando, pois ao contrário do senso comum, é frequente a mistura entre relações íntimas e transações econômicas (RUSSO, 2002; ZELIZER, 2011a).

Como já mencionado, de modo geral, o dinheiro e a intimidade em nosso imaginário social representam princípios contraditórios cuja intersecção gera divergência, confusão e corrupção, mas é necessário reconhecer, de acordo com Zelizer (2011a), que as transações sociais regularmente íntimas coexistem com as transações monetárias, pois se paga pensão alimentícia, pais dão mesada aos filhos, contribuem com a faculdade e até mesmo com demais despensas já na vida adulta, enfim tais transações são corriqueiras. Isto posto, o dinheiro coabita regularmente com a intimidade, com o amor e até mesmo sustenta tais esferas, e

essas intersecções só se tornam raramente uma demanda judicial (vão para o âmbito público), já que na maior parte do tempo as pessoas resolvem suas diferenças no cotidiano sem litígios (ZELIZER, 2011a).

Conforme podemos observar, a relação entre amor e dinheiro é um tanto quanto complexa, uma vez que o dinheiro ainda é visto como um tabu em meio à sociedade moderna, porém é necessário reconhecer que tal mistura é bastante usual, e na maioria das vezes as pessoas encontram a forma adequada de administrá-la (RUSSO, 2002; ZELIZER, 2011a). Neste capítulo discorremos um pouco sobre o dinheiro, a sua importância e as formas com que permeiam as relações sociais, já no próximo capítulo buscaremos apresentar a (res)significação dos relacionamentos amorosos e a modificação de seus valores.

## Capítulo 2 - Ressignificando os relacionamentos amorosos

Este trabalho, de modo geral, visa compreender a relação existente entre dinheiro e intimidade via os relacionamentos amorosos, por essa razão no capítulo anterior foram ilustrados aspectos sobre o dinheiro, agora se faz necessário falarmos sobre os relacionamentos amorosos, o qual engloba o casamento, a família e as diversas relações que permeiam estes entes, isto é, iremos adentrar na esfera da intimidade para observar as transformações que ocorreram nessas instituições ao longo dos anos.

### 2.1 - Entre amores e dinheiros

Ao falarmos em amor, estamos de certa forma, ressaltando a esfera da intimidade, entretanto, neste trabalho também recorremos à instituição casamento. Em virtude disso, ao pesquisarmos o casamento se faz necessário estudarmos a família, pois segundo Torres (2001) o casamento se enquadra nessa análise mais vasta que inclui o sistema familiar, isto é, as formas de organização familiar, como o casamento, a união estável e a coabitação, bem como o trabalho relacional (ZELIZER, 2012b) que aponta que as negociações da intimidade vão além da racionalidade e envolvem, sentimentos e emoções.

A família, ao longo da história, é uma instituição importante para a sociedade e também para os indivíduos, principalmente em termos de socialização. Para Saraceno (1997), ela revela-se como um dos lugares privilegiados na construção da realidade e das relações sociais, pois viver em conjunto, sob o mesmo teto, constitui um dos indicadores mais simples e ao mesmo tempo mais óbvios da existência de uma família, conforme a autora é essa característica que separa a ideia de família de outras relações sociais incluindo as de parentesco, ou seja, a família além de assegurar a sobrevivência é o espaço social por excelência, na qual os indivíduos nascem, crescem, envelhecem e morrem, assim como são socializados e entregues a experiência individual.

Frederic Engels (1975, grifo nosso), em sua obra *"A origem da família da propriedade privada e do Estado"* demonstra toda a passagem que ocorreu desde os povos mais primitivos até a formação da família nuclear e a concretização da propriedade privada, o autor aborda esses temas através de três fases

características, que são: o Estado Selvagem, o Estado de Barbárie e a Civilização; destacando que a evolução da família ocorreu paralelamente a essas fases. De acordo com o autor, o surgimento da família monogâmica foi um passo importante para o surgimento da civilização moderna, a qual passou a assegurar a submissão e fidelidade da mulher ao homem, e, por conseguinte, a paternidade dos filhos, tal constituição foi uma das primeiras formas de organização familiar que não era baseada apenas em condições naturais (de sobrevivência), mas, digamos, econômicas, já que assim tornou-se possível a garantia de transmissão direta da herança para os filhos legítimos através da consanguinidade.

Engels (1975) destaca que embora a monogamia tenha sido um passo importante para o avanço da civilização moderna, ela também contribuiu para o surgimento do antagonismo entre homens e mulheres, em suas palavras:

> A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. [...] A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré- história (ENGELS, 1975, p. 70).

Conjuntamente com a monogamia ocorreu o triunfo do matrimônio, o qual segundo Saraceno (1997) foi de extrema importância para a regulação das relações sociais, pois além de implicar em uma forte normatização da vida dos indivíduos, o casamento monogâmico contribuiu para a sobrevivência dos grupos sociais por meio da interdependência e dos laços matrimoniais, destacando ainda, que trouxe consigo a especialização e diferenciação dos papéis sexuais.

De acordo com Engels (1975), o casamento da maneira como concebemos hoje, surgiu como uma espécie de dever, garantindo a monogamia, a supremacia do homem sobre a mulher, e a transmissão dos bens para os filhos mediante a herança, ou seja, o casamento possuía fins estritamente econômicos, somente a partir da implantação do capitalismo e do surgimento do salário (que trouxe consigo maior liberdade ao indivíduo) é que esses valores foram aos poucos modificados, e o amor e o afeto tornaram-se elementos necessários para sua concretização (GIDDENS, 1993).

Como vimos acima, amor e casamento nem sempre foram “sinônimos”, embora o amor romântico tenha ajudado a sustentar instituições como a caridade cristã e o próprio casamento burguês (LÁZARO, 1997). De acordo com Fromm (2006), na era vitoriana (Reino Unido) assim como em outras culturas tradicionais, o amor não era uma experiência espontânea que pudesse levar ao casamento, pelo contrário, o casamento era uma convenção entre as respectivas famílias ou regido por um agente matrimonial, que se consumava na base de considerações sociais, e acreditava-se que o amor nasceria após o casamento.

Nota-se que ao longo da história, o casamento não tinha como motivação o amor, e de acordo com Giddens (1993) nas famílias tradicionais da Europa pré-moderna, a maioria dos casamentos ocorria sobre o alicerce de alianças entre famílias para a garantia da posse da terra e não da atração sexual mútua, e entre os pobres o casamento era um meio de organização do trabalho agrário, sendo improvável que uma vida de trabalho árduo conduzisse à paixão.

Com o início da sociedade pré-capitalista, foi se instalando o modelo de família tradicional, na qual o homem era considerado o chefe do grupo familiar e o responsável em tomar todas as decisões com prioridade diante dos demais integrantes, exercendo assim papel superior ao da mulher que era submissa as suas vontades (SARACENO, 1997), nesse modelo de família, o homem era detentor do poder e a mulher era vista como um ser inferior subordinada ao marido e as tarefas do lar. A mulher, ao contrair o matrimônio “passava” seu nome e seus bens do controle de seu pai, para o de seu marido, bem como não podia exercer nenhum trabalho sem que seu marido lhe autoriza-se (SARACENO, 1997).

Segundo Saraceno (1997), este modelo familiar não se manteve após a Revolução Industrial, a qual necessitou intensamente de mão obra e obrigou a inserção da mulher no mercado de trabalho; assim, a partir da ascensão do capitalismo, originou-se a família nuclear, e de acordo com Giddens (2005), apoiado na industrialização esse modelo de família nuclear passou a ser identificado predominantemente em nossa sociedade. Vale ressaltar que, Saraceno e Giddens estão falando sobre características das sociedades europeias, assim também, notamos no Brasil, o predomínio da família nuclear, entretanto ao interseccionarmos a questão de classe e raça, formamos particularidades específicas.

Quintaneiro (2003) também destaca que esse modelo de família nuclear é um dos mais próximos ao conceito de família que conhecemos hoje. Segundo a autora,

a partir da industrialização houve a ascensão desse modelo de família monogâmico e burguês, trazendo junto com ele a ideia dos espaços privados, claramente diferenciados dos lugares públicos, criando assim, a noção de privacidade, como conhecemos hoje.

Durante as últimas décadas são notáveis as mudanças nos padrões familiares. No Brasil, Goldani (1994), identifica que essas transformações começaram a ocorrer nos anos 1980, principalmente em decorrência da crescente presença das mulheres nos espaços públicos, da busca pela democracia e cidadania, as quais resultaram na atual Constituição Federal de 1988. De acordo com Goldani (1997), a família tradicional representada pelo casal com filhos foi aos poucos se modificando, e assim esposas e filhos foram inseridos no mercado de trabalho, contribuindo com a renda e redefinindo assim a hierarquia familiar.

Se antes prevalecia um modelo de família tradicional, na qual somente o homem detinha o poder e o casamento era visto como “obrigatório”; hoje, existe um novo conceito de família, tendo figuras ativas dentro do lar, tanto o pai como a mãe, e ambos trazendo recursos econômicos para o núcleo familiar.

De acordo com Giddens (2005), como o casamento deixou de ser imprescindível, as pessoas estão preferindo a coabitação, assim como, estão se casando cada vez mais tarde, sem falar ainda que a crescente taxa de divórcios vem contribuindo também para o crescimento de famílias monoparentais[8], ou seja, as famílias estão sendo reconstituídas seja através de novos relacionamentos, segundos casamentos, uniões homoafetivas, enfim, o casamento e a família sofreram uma drástica mudança nas últimas décadas.

Atualmente na sociedade existem os mais variados tipos de arranjos familiares dentre os quais identifica-se às famílias nucleares formadas por dois adultos e seus filhos; a família ampliada que inclui além do casal e seus filhos algum outro parente próximo que reside no mesmo ambiente familiar; a família monoparental a qual é constituída por um progenitor (pai ou a mãe) e seu(s) filho(s); a família reconstituída ou reconstruída que é representada por uma nova união conjugal, com ou sem filhos; a família unitária ou unipessoal que é representada por pessoas que vivem sozinhas; e por fim as famílias homoafetivas que são

[8] Família monoparental ocorre quando apenas um dos pais de uma criança arca com as responsabilidades de criar o filho ou os filhos.

constituídas pela união de duas pessoas do mesmo sexo ou da mesma identidade de gênero (GIDDENS, 2005; MARTINS-SUAREZ e FARIAS, 2016).

Deste modo, além dos novos arranjos familiares citados acima, as famílias também passaram por uma mudança de valores. Segundo Giddens (2005), muitas coisas que hoje consideramos naturais em nossas vidas, por exemplo, as relações sexuais pré-matrimoniais e a coabitação, há poucas décadas contradiziam princípios que eram habitualmente sustentados, nota-se que esses valores foram se alterando de forma gradual, e que essas transformações que estão em curso, refletem não apenas no modo de pensarmos sobre nós mesmo, mas também na forma com que formamos os nossos laços com outras pessoas, ou seja, essa reflexividade contempla também nossos relacionamentos cotidianos.

Se antes a noção de casamento estava atrelada apenas a “interesses” sejam econômicos ou financeiros, isto é, alianças entre famílias, somente com a ideia de amor romântico é que ela passou a ser vinculada a liberdade, ou melhor, passou a ser libertadora. De acordo com Giddens (1993), a ideia de romance no sentido que o termo veio assumir no século XIX, expressou e contribuiu para as mudanças na vida social como um todo, a modernidade trouxe a ascendência da razão no sentido de compreensão racional dos processos físicos e sociais, não abrindo espaço para a emoção, mas reordenando a vida emocional, assim casar por amor passa a ser uma concepção do século XIX.

Russo (2011, p.121) assegura que “o consumo do amor é uma nova forma de integração do indivíduo no sistema produtivo”, conforme a autora, assim como o dinheiro, o amor também é visto como um mediador das relações sociais. Para a autora, conforme já mencionado anteriormente, a individualidade é uma característica da sociedade atual e está amplamente ligada a ideia de amor, pois com a supremacia da economia monetária houve uma predominância dos interesses individuais aos coletivos, uma vez que o sentimento na era moderna está amplamente ligado exclusivamente ao indivíduo.

Conforme exposto acima, a própria noção de amor não é inerte, e de acordo com Russo (2011), sua percepção foi modificada através do signo do dinheiro, o ideal romântico foi transformado, pois na sociedade atual não basta tão somente amar, é necessário condição material para se amparar e sustentar o ser amado.

Com o advento da modernidade, não foi apenas o conceito de casamento, amor e família que passaram a ser ressignificados, mas também as expectativas que

as pessoas têm de seus relacionamentos. Para Giddens (2005), o próprio termo “relacionamento” passou a ser utilizado a vinte ou trinta anos atrás, assim como a ideia de intimidade e compromisso. Nos dias atuais, o relacionamento transmite a ideia de algo ativo onde você tem que se empenhar para ganhar a confiança da outra pessoa. Desta forma, percebe-se, que muita coisa mudou no diz respeito aos relacionamentos, se antes “casar” era a única opção de formar uma família, hoje isso se modificou, e, atualmente são os laços afetivos que contam para a constituição de uma família. Para entendermos um pouco sobre essas modificações que ocorrem na sociedade como um todo, é necessário analisarmos em específico a sociedade brasileira, conforme item abaixo.

## 2.2 - Uniões amorosas: um recorte da sociedade brasileira

Como vimos, a sociedade passou por mudanças nas últimas décadas; nesse sentido, Torres (2001) salienta que esferas como a família e o casamento, e as que dizem respeito à vida privada provocam cada vez mais nossa atenção, isso porque, essas transformações que ocorreram, em especial, nos últimos 30 e 40 anos refletem significativamente em nosso cotidiano, modificando nossas formas de convívio e também nossos costumes.

Isto posto, Quintaneiro (et al., 2003) destaca que várias entidades começaram a se consolidar e a adquirir importância, como o amor romântico, o casamento por escolha mútua, a estrutura nuclear da família, e o reconhecimento da infância e da adolescência enquanto fases peculiares da vida. Porém, nem sempre foi assim, no Brasil antes da Constituição Federal de 1988, a família só era reconhecida como instituição sólida através do casamento; assim, tal Constituição Federal é considerada um marco em termos de direitos, pois além de reconhecer novas formas de união, assegurou maior igualdade entre homens, mulheres e crianças e passou a observar a família e o casamento como instituições distintas.

Nesse mesmo sentido, Goldani (1994) destaca que a Constituição Federal de 1988 proporcionou uma maior igualdade entre os membros da família, reconhecendo principalmente o poder assimétrico de seus membros, e trazendo consigo novos princípios constitucionais, nas palavras da autora:

> Esses princípios constitucionais, muitos já regulamentados em lei, alteram o direito de propriedade das mulheres casadas, facilitam o divórcio, reconhecem os mesmos direitos legais dos filhos, independente da natureza da filiação, e estabelecem os direitos e obrigações individuais dos membros da família, segundo a posição em que ocupam (GOLDANI, 1994, p. 10).

Em termos de união, a Carta Magna de 1988, em seu artigo 226 inciso 3º [9], tornou possível a união estável de um homem e uma mulher sem a necessidade do casamento, ou seja, o casamento deixou de ser obrigatório. Giddens (2005) ressalta que a partir de tais mudanças, tornou-se possível surgimento de novos arranjos familiares e núcleos domésticos, por essa razão as pessoas estão preferindo viverem juntas a se casarem “formalmente”, embora instituições como a família e o casamento permaneçam em nossas vidas, elas sofreram mudanças estruturais.

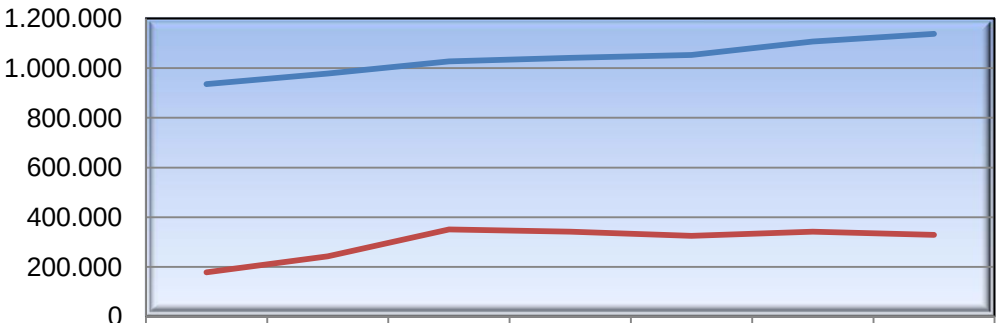
Na sociedade brasileira é possível acompanhar tamanha modificação através dos registros de casamentos e dissolução de uniões estáveis disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, os quais colaboram para a compreensão dessas transformações estruturais, no que diz respeito às uniões conjugais oficiais realizadas no país.

Desse modo, através do gráfico abaixo elaborado a partir de dados do IBGE[10], do período de 2009 a 2015, é perceptível, que no Brasil o casamento legal ainda é uma instituição atual, ou seja, a taxa de casamentos no país tem se mantido de forma crescente, embora também seja percebível que os brasileiros estão se divorciando com mais frequência.

[9] Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.
§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

[10] Fonte: IBGE: Estatísticas do registro civil. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=10. Acesso em: 18 jan. 2017.

**Gráfico 1: Casamentos e divórcios - período 2009 á 2015**




| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Casamentos | 935.116 | 977.620 | 1.026.736 | 1.041.440 | 1.052.477 | 1.106.440 | 1.137.321 |
| Divórcios | 177.604 | 243.224 | 351.153 | 341.600 | 324.921 | 341.181 | 328.960 |

Fonte: IBGE: Censo demográfico 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015: nupcialidade, fecundidade e migração.
Nota: Dados trabalhados pela autora.

Analisando o gráfico acima, percebe-se também um aumento no número de divórcios, principalmente no período de 2009 a 2010, aumento esse que pode ter sido consequência da alteração na lei do divórcio em 2010, no que diz respeito ao fim da exigência de prazos para dissolução dos casamentos. Antes dessa lei ser aprovada, o casal necessitava esperar ao menos um ano da separação judicial decretada por um juiz para requerer a medida judicial, agora com a nova regra é possível requerer o divórcio judicial a qualquer momento, o que consequentemente aumentou o número de divórcios.

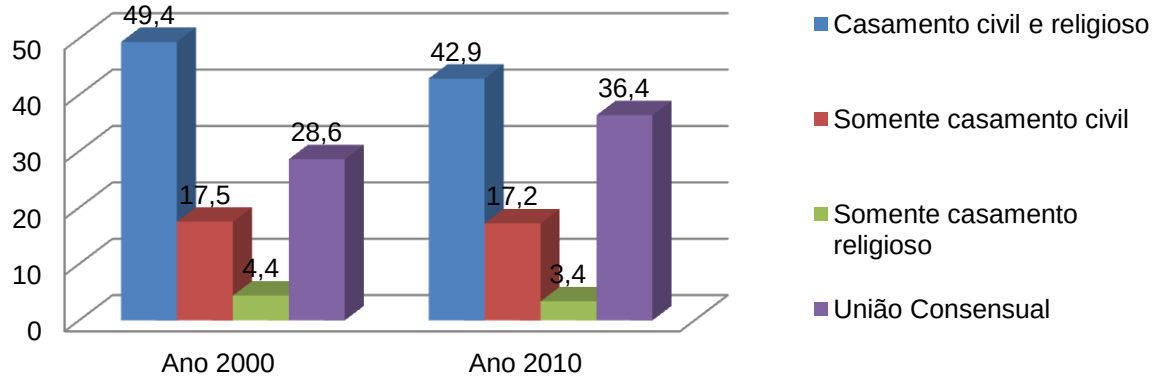
Para o IBGE[11], essa elevação no número de divórcios é reflexo não apenas da mudança na lei, como também da facilitação ao acesso e da desburocratização dos serviços de justiça, refletindo principalmente a consolidação e aceitação do divórcio pela sociedade brasileira.

Segundo Almeida (2011), essa estabilidade no número de casamentos tradicionais e o aumento das uniões consensuais reflete uma mudança comportamental da maioria dos casais, aspectos esses que podem derivar principalmente da igualdade de gênero, bem como da presença da mulher no mercado de trabalho.

No gráfico abaixo seguem dados que complementam o gráfico anterior sobre os diferentes tipos de uniões conjugais no Brasil, do período de 2000 a 2010.

[11] Fonte: IBGE: Estatísticas do Registro Civil 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2010_v37.pdf>. Acesso em 18 jan. 2017.

**Gráfico 2: Mapeamento dos diferentes tipos de uniões conjugais - período 2000 á 2010**




Fonte: Censo demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração. IBGE (2010, p. 59).
Nota: Dados trabalhados pela autora.

Ao analisarmos o gráfico acima, percebemos que o casamento civil e religioso manteve-se com pouco declínio no período mencionado, o que demonstra que as pessoas ainda casam e (re) casam oficialmente, embora também constata-se que o número de uniões consensuais (união estável com ou sem contrato) foi o único tipo de união que apresentou um aumento significativo, isto é, tais dados representam mudanças nos padrões familiares brasileiros (IBGE, 2010).

Essa nova conjuntura, segundo Rüdiger (2012), sofre influência de vários fundamentos da sociedade capitalista como, por exemplo, o processo de emancipação feminina, combinado com a crescente flexibilização das relações de mercado, que provocaram a erosão de relações tradicionais como o casamento. Segundo o autor, embora o casamento continue existindo ele sofreu mudanças de valores, sem falar que a preocupação com vínculos emocionais superou os vínculos de natureza jurídica. Deste modo, as codificações matrimoniais perderam apelo diante da incontestabilidade dos vínculos afetivos, da proximidade sentimental, da capacidade de interação e das gratificações implicadas nos relacionamentos (RÜDIGER, 2012).

Quando falamos em casamento, estamos ponderando sobre a união entre homens e mulheres, entretanto, sabemos que já é possível, a união homoafetiva no Brasil, a qual foi sancionada através da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. Tal legislação estabeleceu a todos os Cartórios de Títulos e Documentos no território brasileiro, a celebração do casamento civil de pessoas do mesmo sexo ou a sua

conversão em união estável, ocorre que, esses dados somente passaram a ser coletados pelo IBGE a partir da referida data, e, portanto, não revelam a atual realidade brasileira (IBGE, 2015). Por essa razão, o foco dessa pesquisa é voltado para os casamentos e uniões estáveis tradicionais.

Conforme vimos acima, a sociedade está em constante movimento, e essas mudanças refletem também nas instituições que fazem parte dela, o que inclui o casamento e a família, e consequentemente os papéis do homem e da mulher enquanto entes integrados dessa instituição. É o que veremos no item abaixo.

## 2.3 - A mudança dos papéis masculino e feminino na conjugalidade e seus reflexos no orçamento doméstico

Conforme apresentado no item acima, a ressignificação dos relacionamentos e dos papéis sociais refletem também nas regras de sentir e interpretar os acontecimentos do cotidiano, segundo Hochschild (1983), estamos empenhados em desempenhar nossos papéis sociais de namorado e namorada, esposa e esposo, de mãe, pai, filho, filha levando sempre em consideração quais são as atitudes e os sentimentos esperados para aquela função, pois esses papéis em si descrevem e estabelecem uma linha de normatização. Para Hochschild (1983), a crescente taxa de divórcio, o aumento da taxa do (re)casamento, a taxa de natalidade em declínio, o número crescente de mulheres que trabalham fora, e uma maior legitimação da homossexualidade são os sinais exteriores de que esses papéis sociais estão em transformação.

Essas mudanças na vida conjugal foram desencadeadas principalmente pela independência feminina, isso porque, hoje, homens e mulheres saem em busca de seu dinheiro. Como já enfatizado, no passado recente existiam regras rígidas, nas quais somente os homens eram vistos como provedores do lar, enquanto que as mulheres deveriam ficar em casa sendo boas esposas, mães, e responsáveis pela administração da casa, ideário este que se encontra em concordância com Código Civil de 1916, o qual representa valores de uma sociedade patriarcal e conservadora. Assim, para Dias (sem data), o Código Civil de 1916 acaba consagrando a superioridade masculina, outorgando ao homem a chefia exclusiva

da família, pois a mulher ao casar perdia sua plena capacidade, sendo obrigada a pedir a autorização do marido inclusive para trabalhar. [12]

Isto posto, as mulheres casadas que não eram autorizadas a trabalhar fora, de acordo com Zelizer (2003), elas recebiam míseros trocados de seus maridos, os quais possuíam inclusive um vocabulário específico, como por exemplo:

> [...] mesada, pé-de-meia, dinheiro para os alfinetes, dinheiro para os ovos, dinheiro para a manteiga, dinheiro de bolso, prenda, dinheiro para os gastos, trocos ou vintém, mas raramente vencimento, salário ordenado ou lucro (ZELIZER, 2003, p.127).

Como vimos na citação acima, o dinheiro das mulheres casadas possuía um significado variável nessa época, e segundo Scholes (2011, grifo nosso) essa "mesada" que as mulheres recebiam de seus maridos também era identificada pela expressão *pin money* ou "*dinheiro para alfinetes*", valor esse que era representado por uma pequena quantia, a qual, de certa forma, era direcionada para suas despesas pessoais e da família, o que envolvia gastos com badulaques e coisas consideradas não essenciais.

Conforme Probst e Ramos (2003) tal dinâmica é reflexo das convenções do início do século XIX, as quais definiam o homem como provedor do lar e a mulher como dona de casa, destacando ainda que essa situação era pior para as mulheres de classes pobres e viúvas que acabavam tendo que complementar a renda da casa, através de trabalhos manuais, bordados, aulas de piano, entre outros serviços, os quais eram muito pouco valorizados e até mal vistos pela sociedade.

Além das mulheres cuidarem da casa e não receberem salário para isso, Zelizer (2003) ainda destaca que a elas foi atribuído à estranha postura de administradoras financeiras sem dinheiro, na qual se confiava às mulheres uma satisfatória gestão das finanças sem o seu controle definitivo, já que, em muitos casos, o marido dava certa quantia em dinheiro e era sua função empregá-la para as despesas gerais do lar. Essa situação ganhava respaldo e legitimidade quando os manuais para as boas donas de casa da época enfatizavam que as mulheres deviam governar a sua casa como se fosse um negócio. Interessante notar a

12 DIAS, Maria Berenice. A mulher no Código Civil. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/18_-_a_mulher_no_c%F3digo_civil.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2017.

sintonia que esse ideário tem com o Código Civil Brasileiro de 1916, já apresentado acima.

Nesse sentido, Zelizer (2003) evidência que entre 1870 e 1930, nas classes altas e médias foi identificado que as mulheres recebiam dos seus maridos apenas alguns trocados irregulares ou raramente uma mesada, a qual já era direcionada para as despesas da casa, bens domésticos e vestuário, enquanto que, de modo geral, nas classes baixas ocorria o inverso, ou seja, as mulheres recebiam todo o salário do marido, o qual geralmente era limitado e até mesmo incerto, e eram responsáveis por fazer com que esse rendimento cobrisse todas as despesas da casa (ZELIZER, 2003).

Assim, não podemos deixar de mencionar a questão da relação de poder presente nos relacionamentos amorosos, para Adelman (1998):

> O poder conjugal não é uma questão nova para a Sociologia da família. Para o funcionalismo, existiam "papéis sexuais" complementares para homens e mulheres, cabendo, portanto a cada gênero uma "esfera de influência própria". No entanto, cabia-lhe ao homem a autoridade do papel de "representante" da família na esfera pública, e não se problematizava esta hierarquização (ADELMAN, 1998, p. 4).

Tal situação somente se modificou, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, para Felton-Collins (1992), esse foi um fator determinante para o início da modificação da estrutura econômica familiar, pois com os cônjuges trabalhando fora do lar, ambos passam a ter rendimentos, e a mulher também passa a ter voz ativa na decisão de como o dinheiro deve ser gasto para o bem-estar da família.

Assim, à medida que homens e mulheres passam a ter renda, os conflitos também se modificam, pois ambos passam a decidir e negociar sobre como será utilizada a renda familiar. De acordo com Tomaz (2010), quando a mulher passa a auferir renda e contribuir com o orçamento doméstico, aumenta-se também o seu poder de barganha, pois a mulher passa a ter voz ativa na decisão de como o dinheiro será gasto.

Em consequência o modelo familiar tradicional no qual somente o homem exercia o poder começa a ruir, cedendo lugar a uma maior igualdade entre homens e mulheres, todavia, a independência financeira das mulheres acaba refletindo no trabalho extradoméstico, pois além de trabalharem fora, elas ainda enfrentam um segundo turno de trabalho diante da resistência masculina em relação aos afazeres

domésticos (HOCHSCHILD 1983; ADELMAN, 1998), questões estas que serão discutidas no item a seguir.

## 2.4 - A divisão das tarefas domésticas no cotidiano: as relações de poder na intimidade

Conforme Hochschild (1989), o questionamento do modo como é feita essa divisão das tarefas da casa por homens e mulheres, é o primeiro passo para entendermos o que está acontecendo no interior e fora dos relacionamentos, pois o senso comum é atravessado de estereótipos sobre a naturalização do papel da mulher e do homem relacionados à divisão das tarefas domésticas. Por exemplo, o sucesso de livros de autoajuda como “Mulheres são de Marte e os Homens são de Vênus” [13], indicam que homens e mulheres vivem em mundos diferentes, quer dizer, aqui as dualidades (ZELIZER, 2011a) morais vão além do dinheiro e da intimidade, e atingem a construção da diferenciação de papéis sexuais no âmbito público e privado que é tão naturalizado socialmente; assim, se não nos atermos ao exercício sociológico podemos nos guiar por dualidades perigosas (ZELIZER, 2011a).

Embora a estrutura familiar tenha se reordenado nas últimas décadas, ainda são as mulheres as principais responsáveis pelas atividades da casa, é o que revela dados divulgados pelo IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017) [14]. De acordo com a pesquisa, as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais que os homens por semana, e embora as mulheres trabalhem fora, são elas que acabam se responsabilizando pelo trabalho doméstico não remunerado, o que acaba gerando uma dupla jornada de trabalho. A pesquisa ainda demonstra que em 20 anos, a proporção de homens e mulheres com relação às atividades domésticas permaneceu inalterada, uma vez que 90% das mulheres declaram realizar trabalho doméstico, enquanto que entre os homens esse número chega a 50%.

---

13 O livro “Mulheres são de Marte e os Homens são de Vênus” é escrito pelo americano John Gray, no qual o autor se propõe a destacar as diferenças existentes entre homens e mulheres, tendo como finalidade melhorar a comunicação nos relacionamentos, pois de acordo com Gray “marido e mulher não falam a mesma língua e não são do mesmo planeta”, daí que vem o nome do livro. Disponível em: <http://jovemadministrador.com.br/homens-sao-de-marte-mulheres-sao-de-venus/>. Acesso em: 01 abr. 2017.

14 IPEA. “Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos”. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526&catid=10&Itemid=9>. Acesso em: 09 mar. 2017.

Para Freitas (2015), apesar de todo o avanço das mulheres por maior igualdade e conquistas de direitos, ainda existem desigualdades de gênero tanto na esfera produtiva, assim como no âmbito doméstico, ou seja, por mais que as mulheres aumentem sua participação no mercado de trabalho, o homem pouco modifica as suas práticas com relação ao trabalho doméstico. Além disso, outro fator que contribui para a não partilha das tarefas casa, segundo a autora, é a ausência de políticas públicas voltadas para o cuidado, por exemplo, creches e pré-escolas, o que faz com que as mulheres se sujeitem a serviços precários, com baixos salários, impedindo a ruptura com essa situação de dependência e vulnerabilidade.

Jablonski (2010) ressalta que, embora o movimento feminista tenha avançado, ainda estão presentes nos relacionamentos conjugais resquícios de uma visão conservadora, sobretudo, no que diz respeito às tarefas da casa, as atividades de cuidado e a educação dos filhos, na qual a construção simbólica da sociedade acaba atrelando as mulheres a maior parte desses trabalhos domésticos.

De encontro a essa ideia, Bourdieu (2014) afirma que a sociedade segue moldes androcêntricos, no qual o homem ocupa um lugar central na hierarquia social, e, um dos lugares no qual a dominação masculina é mais visível sem dúvida é o ambiente doméstico.

> A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõem-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados ao homem, e a casa, reservada às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2014, p. 22-24).

Através da citação acima, Bourdieu (2014) salienta que a divisão sexual do trabalho deriva de uma cultura extremamente machista, na qual se determina que as mulheres sejam responsáveis pelas tarefas domiciliares, ou seja, ao âmbito privado, enquanto que aos homens cabe a esfera pública, reforçando assim a ideia do homem como provedor financeiro, e da mulher como dependente e responsável

pelas tarefas da casa, sem falar que toda essa construção social das relações de gênero é vista como normal, isto é, de forma natural pela sociedade.

Segundo Jablonski (2010, p. 265), embora as mulheres tenham ingressado no mercado de trabalho, isso não provocou uma divisão mais igualitária das tarefas da casa, apesar de os homens estarem participando mais das atividades de cuidado dos filhos. No Brasil, as empregadas domésticas e babás ainda conseguem suprir um pouco dessa ausência das mães e mulheres no lar, embora também acabem mascarando o problema da divisão sexual do trabalho, excluindo assim os homens do "segundo turno" e das atividades da casa (JABLONSKI, 2010; HOCHSCHILD, 1989).

Além disso, para Jablonski (2010), o discurso igualitário acaba sendo bem diferente da prática, foi o que revelou uma pesquisa realizada na França, com cerca de mil pais, confirmando que, entre as bem-intencionadas práticas do dia a dia, as tarefas da casa ainda são marcadas por uma forte divisão sexual, e as mulheres são as principais responsáveis pela maioria delas. O autor ainda ressalta que essas diferenças de papéis são vivenciadas de forma dolorosa pelas mulheres, as quais se sentem, cada vez mais, sobrecarregadas, originando conflitos no âmbito da intimidade.

Diante da "resistência" dos homens com relação às tarefas de casa, restam às mulheres encontrarem soluções para articularem a vida profissional e familiar, assim, as mulheres acabam encarando uma dupla jornada de trabalho, na qual, precisam se dividir entre a realização pessoal, o trabalho da casa e a maternidade (FREITAS, 2015; HOCHSCHILD, 1989). Para ajudar a suprir todas essas responsabilidades, muitas contam com a ajuda familiar, principalmente nas atividades de cuidado. De acordo com Freitas (2015), as mulheres estão inseridas em um circuito de troca de trabalho doméstico e cuidado, na qual às vezes precisam de mais cuidado, ou às vezes, oferecem mais cuidado, conforme sua disponibilidade, tal troca é bastante constante entre mães, filhas, sogras, ou tias, e as ajudas, geralmente, envolvem o cuidado de crianças pequenas.

Nesse mesmo sentido, Zelizer (2010) reconhece essas "ajudas", através da economia do *care*[15], a qual é identificada como um tipo de "moeda especial" que

15 A tradução da palavra *care* do inglês refere-se ao cuidado.

circula no seio familiar, englobando assim as atividades de cuidado e atenção pessoal, remuneradas ou não remuneradas.

Em síntese, mesmo após um século de mudanças sociais e políticas, ainda a muito que se conquistar no que se diz respeito aos papéis de gênero, embora os casais contemporâneos sejam marcados por um forte ideal de igualdade, é na unidade familiar que essas mudanças precisam acontecer, principalmente com relação às tarefas da casa, o que de certa forma acaba se tornando extremamente desgastante para as mulheres, que são obrigadas a conciliar, trabalho, família e filhos (JABLONSKI, 2010).

Assim, através da divisão das tarefas domésticas é possível identificarmos como ocorre a divisão de poder nos relacionamentos amorosos, bem como compreendermos a divisão dos papéis sexuais dentro da conjugalidade. No capítulo a seguir serão discutidas as estratégias metodológicas utilizadas no presente trabalho, e, que buscam interseccionar todas as questões elencadas até o momento.

## Capítulo 3 - Como adentrar na intimidade: estratégias metodológicas

Como já mencionado, os temas que fazem parte dessa pesquisa são o dinheiro e a intimidade, dessa forma, no capítulo inicial observou-se como o surgimento do dinheiro modificou não apenas as relações de troca e transferência de bens, como também as relações sociais, vindo a se tornar o símbolo da modernidade. Da mesma forma, acompanhando as transformações da sociedade, os relacionamentos amorosos também foram (res)significados passando a responder a novos valores e costumes que foram estabelecidos pela atualidade.

Assim, optamos por retomar as questões metodológicas, neste item da dissertação, para que o leitor vivenciasse como se deu na prática o percurso desta pesquisa. Após a revisão da literatura apresentada acima fomos conduzidos para realização da parte empírica deste trabalho, na qual encontramos diversos obstáculos, contudo conseguimos realizar um trabalho exitoso, no qual foi possível revelarmos as tramas sociais e econômicas presentes no cotidiano dos relacionamentos amorosos.

Este capítulo, portanto, têm por objetivo detalhar o caminho metodológico percorrido, expondo quais foram às abordagens, os métodos e os instrumentos de coleta utilizados ao longo da pesquisa, por meio dos quais tornou-se possível a resolução dos questionamentos e objetivos propostos por este trabalho.

### 3.1 - Conhecendo o objeto de estudo e a escolha dos participantes

O dinheiro é um objeto de estudo bastante complexo, e de acordo com Dodd (1994, p.7) “a persistente desatenção dos sociólogos a respeito do dinheiro deriva parcialmente de uma incapacidade de reconhecer sua importância como instituição social relevante”, pois, como vimos no capítulo inicial, o dinheiro permeia as relações sociais configurando “racionalidades”.

No entanto, na maioria das famílias, o dinheiro não é um assunto muito presente, para Atwood (2014), em regra, as crianças não são educadas financeiramente, e por esse motivo tornam adultos sem terem noção de quanto seus pais ganhavam ou como (ou se) era planejado o orçamento da casa, ou seja, não são estimuladas na infância a apreender e até mesmo participar das decisões financeiras da família.

Cabe enfatizar, conforme Atwood (2014), que a satisfação conjugal também está correlacionada com a realização econômica, assim como, as relações de poder, pois muitas vezes a posição do tomador de decisões é determinada pelo indivíduo que possui a renda mais alta no núcleo familiar, o que às vezes pode afetar o equilíbrio do poder dentro dos relacionamentos.

Deste modo, se atendo a importância do dinheiro na intimidade, o primeiro passo da pesquisa foi à realização de uma entrevista com uma terapeuta que possuísse referência em terapia de casais, na qual, não foram estabelecidos critérios de renda com relação à entrevistada, assim como nenhum outro tipo de critério em específico, uma vez que, o objetivo desta etapa foi adentrar a intimidade dos casais através da percepção da terapeuta, ou seja, nessa etapa buscou-se realizar um mapeamento inicial com relação aos assuntos envolvidos no tema de pesquisa. Após a entrevista com a terapeuta, também realizamos a aplicação de questionários os quais tiveram como público-alvo pessoas casadas ou em união estável, desse modo, cabe ressaltar que os questionários nos forneceram informações mais superficiais e prescritivas com relação ao orçamento doméstico dos casais, razão pela qual tornou-se necessária a realização de um grupo focal, para que pudéssemos discutir mais a fundo sobre as formas de organização dos "dinheiros" da casa e de fato adentrar na intimidade, assim, realizou-se um grupo focal apenas com mulheres diante do interesse e disponibilidade das mesmas. Cabe ressaltar que tanto na aplicação dos questionários, assim como no grupo focal não foram estabelecidos critérios com relação a filhos, uma vez que, o interesse da pesquisa reside na análise da gestão do dinheiro, ou melhor, do orçamento doméstico na conjugalidade, assim como não foram estabelecidos critérios com relação à renda ou classe social. Na sequência serão discorridos sobre os métodos escolhidos para a realização da pesquisa.

### 3.2 - Escolha dos métodos de análise e coleta de dados

Para uma melhor compreensão dos procedimentos metodológicos retomamos o objetivo principal dessa dissertação, que é: compreender como ocorre a intersecção entre dinheiro e intimidade nos relacionamentos amorosos, buscando identificar como os sujeitos constroem essa relação, como são tomadas as decisões de caráter financeiro, bem como, identificar possíveis conflitos que possam surgir.

Deste modo, levando em consideração o objetivo proposto, optamos por uma metodologia de caráter qualitativo, pois segundo Bauer (2014) essa é uma metodologia capaz de buscar interpretações da realidade social. Além disso, Flick (2004) também destaca que a metodologia qualitativa tem como vantagem a apropriabilidade de métodos e teorias fornecendo ao pesquisador uma perspectiva distinta dos participantes, assim como, uma maior reflexividade do pesquisador, sem falar no número maior de abordagens que se tornam possíveis. Dessa forma, elegemos o método qualitativo como a forma mais adequada para obter um conhecimento mais aprofundado sobre as transações econômicas e emocionais que fazem parte da conjugalidade.

Diante disso, selecionou-se uma técnica de pesquisa mista, pois segundo Lakatos & Marconi (2010, p. 174), as técnicas de coleta de dados são “preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte [...] e toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”. Dessa forma, para a realização desse trabalho combinamos três técnicas distintas, que foram à entrevista (realizada com a terapeuta), os questionários e o grupo focal, uma vez que, diante da dificuldade de adentrarmos na esfera privada dos indivíduos, optamos por essas técnicas, as quais tornaram possível a realização desse estudo.

Conforme Ramos (2016), a entrevista e o questionário são técnicas que trabalham com a coleta de dados de forma direta, utilizando para isso fontes primárias, como por exemplo, pessoas ou instituições, e, além disso, ambas as técnicas dão peso as narrações dos atores sociais.

Já o grupo focal, de acordo com Teixeira et al. (2016) é um método que tem por finalidade abordar a realidade social levando em conta o ponto de vista dos sujeitos da investigação, assim, por meio do grupo focal torna-se possível a coleta de dados através dos discursos dos atores sociais.

A partir da escolha dos métodos, partiu-se para a fase de coleta de dados, na qual foi realizada uma entrevista em profundidade com uma terapeuta de casais; por conseguinte foram aplicados cerca de (60) sessenta questionários, dos quais (37) trinta e sete pessoas deram retorno; e, por fim foi realizado um grupo focal com (5) cinco mulheres. A amostra de pesquisa foi selecionada de forma aleatória levando-se em consideração uma série de fatores, como a possível repetição e saturação das respostas, a disponibilidade das pessoas, e também a limitação que o tempo impõe a pesquisa.

Os dados obtidos através da entrevista foram analisados logo após a sua transcrição, já os questionários auxiliaram para a formação de um banco de dados, e, o grupo focal foi analisado a partir da construção de categorias. Nos itens a seguir serão discutidos aspectos da entrevista, do questionário e do grupo focal.

### 3.2.1 - A realização da entrevista

O principal desafio deste trabalho foi entrar na intimidade e chegar ao objeto teórico desta investigação, isso porque adentrar na esfera privada não é uma tarefa fácil, ainda mais para falarmos de um assunto “tabu” como o dinheiro. Desse modo, a estratégia inicial foi buscarmos por profissionais que as pessoas procuram para resolver, solucionar, ou até mesmo desabafar sobre seus problemas cotidianos e até mesmo financeiros, e, que estivessem dispostas a dar uma entrevista. Primeiramente, procurou-se por profissionais da área de contabilidade a fim de descobrir um pouco sobre a questão do planejamento orçamentário, dos rendimentos, e até mesmo do imposto de renda, e nessa seleção inicial foram realizados contato por e-mail com (3) três contadores da cidade de Pelotas (RS), porém não se obteve sucesso.

Desta forma, nossa segunda tentativa foi a de consultar profissionais da área de psicologia, mais especificamente, terapeutas de casais, a fim de compreender um pouco sobre como (e se) a questão financeira aparecia atrelada aos relacionamentos amorosos, sem falar que essa entrevista poderia ser uma porta de entrada para a aplicação dos questionários. Tendo isso em vista, foi feito contato por e-mail com uma terapeuta de casais explicando-se os objetivos da pesquisa, a qual demonstrou interesse e disponibilidade para uma entrevista. Diante de sua disponibilidade foi agendada uma data e um horário, e a partir disso foi elaborado um roteiro semi-estruturado (Apêndice A) que serviu de guia para a entrevista.

O encontro aconteceu em seu consultório de atendimento, e a entrevistada foi muito cordial. Logo no início, explicou-se novamente os objetivos da pesquisa, e solicitou-se a sua autorização para que ocorresse a gravação da conversa, garantindo também o seu anonimato, cabe destacar que o diálogo foi bastante proveitoso devido ao elo de confiança estabelecido entre ambas as partes. O nível de experiência da profissional facilitou o andamento da entrevista e à coleta de

informações. A entrevista teve a duração de quarenta minutos, e posteriormente realizou-se sua transcrição e análise.

### 3.2.2 - A aplicação dos questionários

Outro método utilizado foi o questionário, o qual proporcionou uma dupla finalidade, pois além de fonte de coleta de dados serviu para atrair pessoas que tivessem interesse em participar deste estudo. Conforme Ramos (2016), o questionário é um instrumento que expõe perguntas de forma ordenada, as quais podem ser respondidas por escrito, com, ou até mesmo sem a presença do pesquisador. Se atendo as facilidades de aplicação e envio do questionário, elaborou-se um questionário misto, ou seja, com questões abertas e fechadas (Apêndice B) as quais foram respondidas por pessoas casadas ou em união estável, da cidade de Pelotas (RS).

O questionário continha questões gerais, sobre sexo, idade, nível de escolaridade, tempo de união, e questões mais específicas sobre a renda familiar, contas, financiamentos, gastos diversos, divisão das tarefas domésticas entre outras questões. A aplicação do questionário aconteceu em três etapas distintas, na primeira realizou-se a coleta de dados através de questionários virtuais, e posteriormente foram aplicados questionários de forma presencial em duas Instituições Federais de Ensino da cidade de Pelotas, as quais foram escolhidas em virtude da grande circulação de pessoas nesses locais. Os questionários foram aplicados no período de setembro a novembro de 2016.

Nessa etapa inicial, foram elaborados questionários virtuais através da plataforma do Google, os quais foram distribuídos pela Internet, proporcionando assim facilidade na distribuição, na aplicação, na coleta de dados, bem como, o anonimato do entrevistado. Desse modo, solicitou-se a divulgação do questionário para os pacientes da terapeuta de casais, e realizou-se também a divulgação online através de e-mail e redes sociais, assim os questionários online foram enviados para cerca de (60) sessenta pessoas, e deste número se obteve o retorno de (11) onze questionários.

Na segunda etapa, realizou-se a aplicação dos questionários presenciais no Campus Anglo da UFPEL - Universidade Federal de Pelotas - RS, etapa essa que não se obteve grande êxito, uma vez que as pessoas não se mostraram disponíveis,

bem como não pareciam abertas e motivadas para responder as questões. Neste percurso, notou-se que os funcionários terceirizados - auxiliares de serviços gerais, vigilantes, e recepcionistas - foram extremamente solícitos e prestativos para responder aos questionários.

Aqui, gostaria de ressaltar uma situação específica, de uma mulher auxiliar de serviços gerais que estava lavando o corredor da Universidade, e quando a abordei sobre a possibilidade de responder o questionário, ela prontamente parou o que estava fazendo, retirou suas luvas e disse que estava disponível. Nessa etapa, foi realizada a aplicação de (11) onze questionários.

Na terceira e última etapa, realizou-se a aplicação dos questionários impressos no IFsul - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, em Pelotas (RS), mais especificamente no prédio da Reitoria, onde fica localizada a parte administrativa do referido órgão. Neste local, as pessoas foram cordiais e receptivas, e foram aplicados (15) quinze questionários.

Deste modo, contabilizando os questionários virtuais e os questionários impressos, foram aplicados e respondidos com êxito um total de (37) trinta e sete questionários.

### 3.2.3 - A realização do grupo focal

Após a aplicação dos questionários passamos a realização do grupo focal. Conforme Teixeira et al. (2016), o grupo focal é uma técnica de pesquisa que tem como objetivo estimular a interação entre os participantes, e através do debate é possível alcançar e contrastar diversos pontos de vista facilitando a obtenção de informações em profundidade.

Dessa forma, para a realização do grupo focal foram realizadas duas tentativas. De tal modo, quando houve a aplicação dos questionários, foram entregues conjuntamente um convite para as pessoas participarem de um grupo focal no dia 16 de novembro de 2016, ás 19 horas, na sala 201, no prédio do IFISP - Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da UFPEL, para a discussão sobre temas como o orçamento doméstico, dinheiro e planejamento financeiro. Além da entrega desse convite, nos questionários também constavam um campo para que quem tivesse interesse deixasse seu contato, assim dos (37) trinta sete questionários respondidos, (5) cinco pessoas deixaram seu e-mail disponível. Essas pessoas

foram contatadas diretamente por e-mail para que também participassem do grupo focal que estava agendado para o dia 16 de novembro de 2016. Chegado o dia, foram organizados os materiais necessários para a realização do grupo focal, entretanto, vale destacar que próximo ao horário de início, choveu muito na cidade de Pelotas - RS, assim, esperou-se cerca de uma hora após o horário agendado e ninguém apareceu.

Como a primeira tentativa de realização do grupo focal não foi efetivada realizou-se uma segunda tentativa, a qual se concretizou. Durante a aplicação dos questionários no IFSul foram feitos contato com algumas mulheres que demonstraram interesse em participar do grupo focal, e como a primeira tentativa não se concretizou, esse convite foi reforçado pessoalmente a essas mulheres, as quais aceitaram prontamente e mostram-se motivadas para a atividade. Assim, agendou-se a realização do grupo focal para o dia 01 de dezembro de 2016, as 09:00 horas, no próprio campus do IFSul, mediante autorização da entidade local.

Com a data agendada, realizou-se a elaboração do roteiro (Apêndice C) que serviu como guia para o andamento das discussões, e combinou-se também um café da manhã que foi organizado pela pesquisadora. Chegado o dia, o grupo focal contou com a presença de (5) cinco mulheres[16], e foi realizado no refeitório do referido local de trabalho, sendo conduzido por mim e pela minha professora-orientadora. O grupo focal teve a duração de 2 horas.

O ambiente foi preparado antes das participantes chegarem, as mesas e as cadeiras foram dispostas de forma circular para que todos mantivessem contato visual, e no centro das mesas foram dispostas as comidas e bebidas, já que seria o horário do intervalo. Aproximando-se do horário marcado, as participantes chegaram e foram recebidas, e assim que todas se acomodaram foram feitas as apresentações, esclarecendo-se os objetivos da pesquisa, além da entrega de etiquetas para que elas fossem identificadas como Entrevistada 1, Entrevistada 2, Entrevistada 3, Entrevistada 4, Entrevistada 5, explicou-se também que a identidade delas seria preservada, aqui cabe destacar que uma das participantes mostrou-se bem aliviada em razão do anonimato.

Antes de iniciar as discussões foi solicitada a autorização das participantes para que a conversa fosse gravada, explicando que a gravação facilitaria a coleta

[16] A escolha dessas participantes se deve a disponibilidade e interesse apresentada pelas mesmas para estarem participando do grupo focal.

dos dados e informações, e todas concordaram. Desse modo, antes de começar o diálogo explicou-se que a ideia era falarmos sobre os assuntos relacionados com a pesquisa, solicitou-se também que elas falassem uma de cada vez, para que todas pudessem se manifestar, e também para facilitar a coleta das informações. Após essas considerações iniciais, começou-se o diálogo, perguntando sobre a atual situação civil, e a partir daí começou-se a discussão seguindo os tópicos do roteiro (Apêndice C).

Destaca-se que as participantes estavam à vontade, e possuíam afinidade entre si, pois além de trabalharem juntas estabeleciam uma relação de amizade fora do ambiente de trabalho. Entretanto, como o grupo focal foi realizado no refeitório, e como houve o trânsito de algumas pessoas que também estavam fazendo o intervalo, os 30 minutos iniciais foram prejudicados com conversas paralelas, o que, inicialmente, pode ter inibido as participantes, porém esses tópicos foram retomados durante o andamento das discussões, não prejudicando a coleta das informações. Ao final das discussões agradeceu-se a participação dessas mulheres.

Acredita-se que através dessas três técnicas de pesquisa acima expostas, foi possível a coleta dos dados que serviram como base para responder os questionamentos propostos por essa pesquisa. No capítulo abaixo serão feitas as descrições e análises dos dados.

## Capítulo 4 - A circulação e o “uso dos dinheiros” nos relacionamentos amorosos

Após a explicação e a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa que foram descritos no capítulo anterior, passamos a apresentação dos resultados obtidos por meio do trabalho de campo, utilizando como referência os objetivos e questionamentos que serviram de orientação no decorrer deste estudo.

A análise dos dados seguirá a mesma ordem de apresentação dos procedimentos metodológicos. Primeiramente serão analisadas as informações obtidas por meio da entrevista, posteriormente serão analisados os elementos obtidos através dos questionários e, finalmente, o grupo focal, que será considerado a partir da construção de categorias e análise de conteúdo.

### 4.1 - O que revelou a terapeuta? Conflitos entre amor e dinheiro

Adentrar a intimidade das pessoas não é uma tarefa fácil, pois segundo Giddens (1993), a intimidade, assim como, a sexualidade são matérias que pertencem à esfera privada. Desse modo, a entrevista com a terapeuta foi o marco inicial da pesquisa de campo. Através do roteiro elaborado (Apêndice A) procurou-se saber quais eram os principais motivos da procura de casais por terapia, e principalmente, se o dinheiro aparecia entre uma das causas. Isto é, o objetivo aqui foi explorar os relacionamentos e suas múltiplas facetas através da percepção de uma profissional, servindo como auxílio tanto na elaboração dos questionários, bem como na descontaminação de nossa percepção sobre os relacionamentos.

Assim, destacamos que a profissional, se tornou terapeuta de casais, em razão da grande procura deste público, os quais passaram a buscar terapia com bastante frequência e de forma espontânea:

> Terapeuta: [...] no consultório e na clínica eles buscam por espontaneidade, e começaram a buscar, e foram aparecendo [...]. Geralmente, às vezes, eles vêm com um foco de terapia de casal, e muitas vezes, com a avaliação, tu vai percebendo que não é o casal, às vezes tem algo de alguma pessoa, que tem aquele conflito dentro do relacionamento, às vezes existe um segredo daquela pessoa que ela não consegue falar com seu companheiro e com sua companheira, e vai gerando toda uma conflitiva, que eles não vão conseguindo lidar, tudo porque um não sabe, e, o outro porque não conta, então vão se firmando situações a partir daí, que vão crescendo. Situações que, muitas vezes, levam os casais a se separar e

> não saber efetivamente porque aquilo aconteceu, e a conversa está cada vez menos, os casais não conversam mais.

Como podemos notar, a terapeuta nos esclarece que um dos principais motivos de conflito entre os casais que vão ao seu consultório é a falta de diálogo, em sua opinião: “os casais conversam cada vez menos”, sem falar que a disseminação de tecnologias e o uso da Internet, de acordo com a entrevistada, acabam contribuindo para que isso aconteça, provocando inclusive o aumento do número de casos de traição entre os casais, em suas palavras:

> Terapeuta: [...] o acesso à tecnologia também passou a ser uma das principais válvulas de escape para a traição. [...] a respeito do site (Ashley Madison) que tem pra traição, Pelotas é uma das cidades do Brasil que mais trai dentro desse site, que é exatamente um site pra pessoas casadas ou com compromisso, e o acesso ao site é com finalidade para o sexo... onde você vai encontrar com aquela pessoa especificamente, pra uma transa, com sexo, não é como esses outros sites de relacionamentos onde você busca pra conhecer uma pessoa. Não! Esse site é específico pra traição, e Pelotas está no topo do ranking do Brasil.[17]

Inclusive, quando questionada sobre o principal motivo de procura dos casais por terapia, a terapeuta afirmou que a traição é um dos principais motivos, conforme relato abaixo:

> Terapeuta: Separação em função de traição! Pelo menos aqui no meu consultório é o principal motivo. Um descobriu que o outro traiu, mesmo assim, gosta, e quer dar uma segunda chance, mas, não sabe se realmente vai conseguir superar, não sabe se outro está disposto, né? Então tem toda essa questão.

Outro aspecto importante apontado pela entrevistada, é que a procura por terapia é maior entre casais jovens, conforme seu relato; ela enfatiza que seu público é predominantemente, o casal jovem, sem filhos, na faixa etária dos 20 a 30 anos. Esses casais, geralmente, possuem um tempo mais duradouro de

---

17 “Dados do site de relacionamentos extraconjugais mais conhecido do mundo avaliam que Pelotas é o quarto município gaúcho com maior procura por amantes [...]. No ar desde 2002, a rede de infiéis se estende por 35 países e soma quase 25 milhões de usuários. Nomeado em referência aos dois nomes mais comuns do Hemisfério Norte, o discreto Ashley Madison aponta que no Rio Grande do Sul, as gaúchas representam 37% do total de cadastrados. De acordo com os dados, o principal fator que as leva a tomarem tal atitude é o pouco interesse sexual dos parceiros - cerca de 75% de todas as mulheres da rede estão insatisfeitas com isso. O Estado seria o quinto colocado no ranking brasileiro, contabilizando quase 100 mil usuários. Dos que acessam o site, Pelotas concentra 7.231 traidores em potencial”. Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/lifestyle/gauchas-estao-entre-as-que-mais-traem-os-parceiros/>. Acesso em 01 abr. 2017.

relacionamento, e alto nível de escolaridade, além disso, a entrevistada também revelou que atende demandas de casais homoafetivos.

Já referente às questões mais específicas sobre finanças, à terapeuta revelou que elas não aparecem de forma direta nos relatos de seus pacientes, mas sim, como “pano de fundo”, ou seja, elas aparecem conjuntamente com as outras situações conflitivas que fazem parte do cotidiano dos casais, ou na maioria das vezes, essa questão financeira costuma se tornar bastante evidente quando o casal vai se separar. Em suas palavras:

> Terapeuta: [...] quando vem pensando na questão de separação, a questão financeira aparece do tipo assim: - Bom! Eu trabalho e sustento ele, se a gente vai se separar – “quem é que vai pagar as contas?”, que eram “as tuas contas que eu pagava!”, “e que tu fez no meu cartão”. Bom! - “Nós trabalhamos, mas o nosso aluguel é pra pagar de metade, só que está no meu nome e tu vai sair de casa, Tu vai continuar me dando a metade até vencer o contrato né?”. Têm essas questões, elas estão dentro, mas elas não veem como um foco, tipo estamos com uma dificuldade financeira, vamos procurar um profissional que nos ajude a resolver financeiramente, porque de repente estamos sendo muito consumistas em alguma coisa ou em outra, isso não aparece! O financeiro vem, mas ele vem como pano de fundo. Chega assim, principalmente, quando tem briga em casa, que um bateu no outro e especificamente quebrou os movéis: - “mas quem comprou fui eu, e agora? Tu vai pagar? Como tu vai pagar se tu não está trabalhando? Então eu vou ter que comprar tudo de novo?”. Isso aparece, mas vem aí, como eu disse, de pano de fundo, não vem como o principal.

É interessante para os objetivos desta pesquisa, o fato revelado pela entrevistada, de que, no momento da separação a questão econômica do casal fica mais evidente, isto é, que no momento do conflito tal fato se manifesta, o que reforça a ideia de que no cotidiano de seus relacionamentos as pessoas fazem “boas combinações” entre amor e dinheiro (ZELIZER, 2009). Como vimos, a partir do relato da entrevistada, percebe-se que a questão financeira, não é, digamos, um motivo para a separação em específico, eis que ela afirma que “Aqui nunca vi assim: Há ele perdeu o emprego agora nós vamos nos separar, porque não temos condições financeiras, isso eu nunca vi [...]”. Para a terapeuta, as situações relacionadas acontecem de forma dispersa, como por exemplo:

> Terapeuta: Dois rapazes moravam juntos tiveram uma briga e um pegou o cartão de crédito do outro como uma vingança, e foi lá e comprou um valor assim elevadíssimo para o outro ter que pagar.

Já, ao ser questionada sobre se é possível identificar como ocorre as transações econômicas na maioria dos casais, no que se refere à conta bancária conjunta ou individual, ela afirma que não tem como determinar qual tipo é o mais predominante, isso por que, em sua opinião: “vai muito da relação de cada casal, e como que eles se organizam”, no mais ela percebe a existência da conta conjunta em situações que a mulher não trabalha fora, em suas palavras:

> Terapeuta: [...] eu percebo mais a conta conjunta, quando um dos cônjuges não trabalha, e, mais na relação hetero, na qual a mulher tem acesso à conta do marido, e geralmente, essa mulher não trabalha fora [...] então tem esse lado que elas também possuem acesso a conta bancária.

Quando perguntamos, se os casais geralmente sabem ou tem conhecimento do valor do salário do parceiro, a terapeuta afirmou que isso fica bastante evidente através dos relatos dos pacientes, como demonstra o excerto a seguir:

> Terapeuta: Sim, e, é bem claro isso, não tem muito de esconder, até porque às vezes tem alguns casais que chegam aqui, e sabem onde um dos cônjuges trabalha, e que o valor do salário é bom! Digamos assim.

Ela também cita um caso específico em que ambos os cônjuges trabalham, mas a administração das finanças é controlada apenas pela esposa, o que não é comum comparado aos outros casos que aparecem em seu consultório:

> Terapeuta: Tu sabe que eu tenho um caso mais especifico que o dinheiro todo fica com a esposa. Ambos trabalham, e ambos recebem equivalente, mas eles têm a conta conjunta, o salário de ambos cai na mesma conta, e é a mulher que gerencia tudo, todo o valor, e, ele diferente dos demais casais, ele pede pra ela: - “ah, tem como sacar tanto que eu estou precisando?”. Ele, não vai nem ao banco sacar, não usa cartão, nada! Aí, ela saca, dá o valor... entrega pra ele, ele gasta aquele valor, mas ele não costuma gerenciar a conta que é de ambos, e é ela que paga as contas, ela compra as coisas pra casa, ela que faz tudo.

Neste ínterim, adentramos na questão das tarefas domésticas, na qual perguntamos se a questão financeira interferia nessa divisão. Na opinião da terapeuta, é possível relatar que as finanças da casa não interferem na divisão das tarefas, pois para ela, isso seria consequência do machismo que ainda prevalece na sociedade, e não da situação financeira, em suas palavras:

> Terapeuta: Olha não vejo isso relacionado ao financeiro, mas mais a uma relação machista, tá? Eu sou homem né? Então as tarefas domésticas pertencem à mulher, e, ela que tem que fazer, não importa se ela chega tarde, se tem criança, não! Essas são tarefas femininas, então és tu que tem que fazer, eu sou o homem da casa!

Ela também ressalta que mesmo entre casais jovens e com um alto nível de escolarização, tal situação também é persistente, ou seja, de acordo com a terapeuta, as tarefas domésticas ainda são realizadas majoritariamente pelas mulheres, conforme excerto abaixo:

> Terapeuta: Bom! Se ela não fizer a comida, ele vai pegar um pão e um café e vai tomar; mas, ele não vai ir pra cozinha e fazer o almoço, tu pode também falar assim da geração *fast food*, da comida rápida, pronta, e se vira do jeito que dá né? Ele não vai lá pra cozinha pra fazer um macarrão que é até uma comida rápida de fazer, que daria pra toda a família, não. É individual, vai fazer o lanche dele e vai comer, vai fazer uma torrada e come.

A terapeuta também identifica que até mesmo em casais homoafetivos ocorre essa divisão dos papéis, mas em sua opinião isso não decorre de uma imposição objetiva, mas sim, emerge subjetivamente de acordos tácitos nos relacionamentos. Dessa forma, a entrevista com a terapeuta nos revelou aspectos importantes referentes à intimidade, auxiliando assim no esclarecimento de pré-conceitos sobre esses assuntos.

Deste modo, tal empreitada reafirmou, segundo, Zelizer (2012) que, no cotidiano, as pessoas fazem “boas combinações” e “trabalhos relacionais”, isto é, amor, dinheiros, orçamentos e emoções vão se moldando, de acordo com, a lógica social, e em alguns casos, mostrando a diversidade das relações conjugais; entretanto, em sua maioria, reforçando a divisão de papéis sexuais.

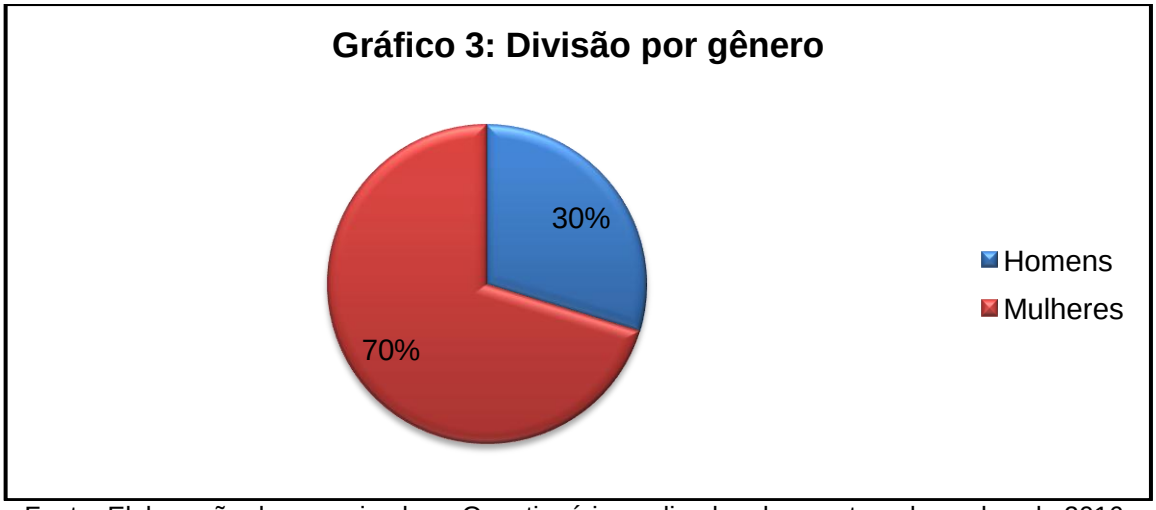
### 4.2 - O que os números revelam?

Como já descrito acima, o dinheiro e a intimidade pertencem ao âmbito privado, e, é aí que residem as dificuldades de se realizar pesquisas sobre o assunto, por essa razão, outra estratégia utilizada para adentrarmos na esfera pessoal dos indivíduos foi a aplicação de questionários anônimos.

O questionário aplicado (Apêndice B) foi organizado com um total de (67) sessenta e sete questões, com perguntas abertas e fechadas, que buscaram coletar

informações gerais desde idade, escolaridade, profissão, entre outros, bem como, questões mais específicas sobre dados socioeconômicos, contas, gastos, poupança, e até mesmo sobre a divisão das tarefas domésticas. O questionário foi elaborado, primeiramente, através do sistema de formulários virtuais da Google e enviado para contatos, inclusive contatos fornecidos pela terapeuta, e, posteriormente, também realizou-se a aplicação de questionários impressos.

Os questionários foram respondidos por pessoas casadas ou em união estável, tanto do sexo masculino como feminino, que residem na cidade de Pelotas. Destaca-se que dos trinta e sete (37) questionários aplicados, às mulheres representam a maior porcentagem, conforme gráfico abaixo:

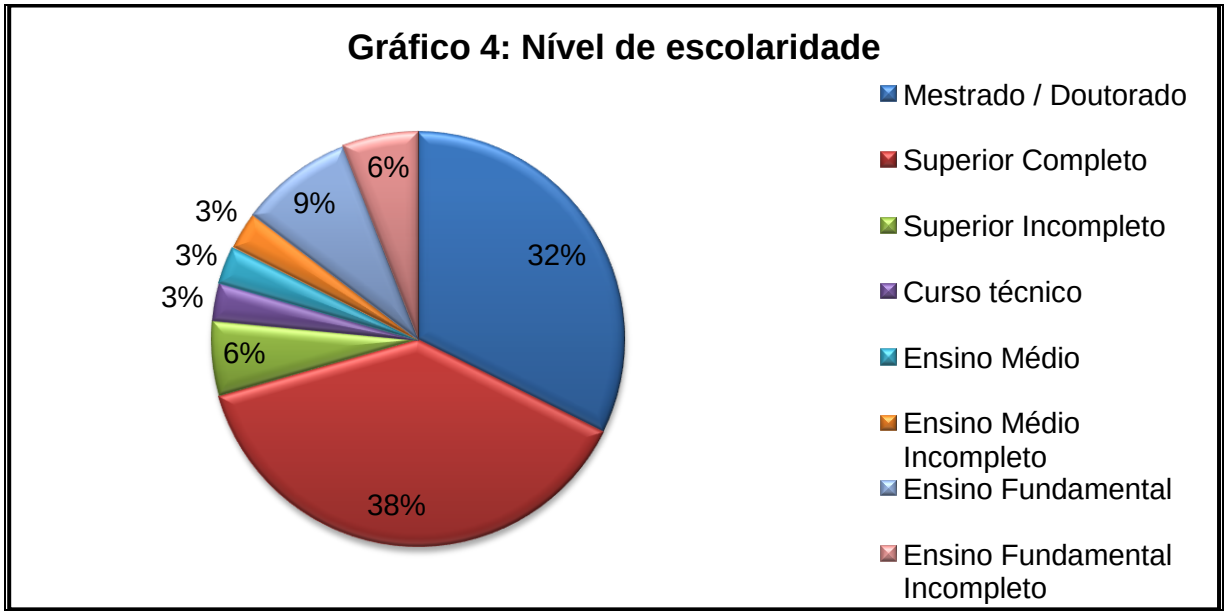



Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

Aqui cabe destacar que durante a aplicação dos questionários percebeu-se certo desinteresse dos homens em participar da pesquisa, o que de certa forma influenciou também para que o grupo focal fosse realizado apenas com mulheres. Tal questão nos faz retomar a obra *"Razões Práticas: sobre a teoria da ação"* de Bourdieu, na qual o autor (2008, p. 152) afirma que "por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, ha interesses sutis", ou seja, tal comportamento talvez demonstre, por exemplo, que os homens não se preocupam tanto com a questão financeira, pois acreditam ser função das mulheres administrar os rendimentos da casa, em outras palavras acreditam que o orçamento doméstico deva ser controlado pela racionalidade das mulheres (ZELIZER,2003).

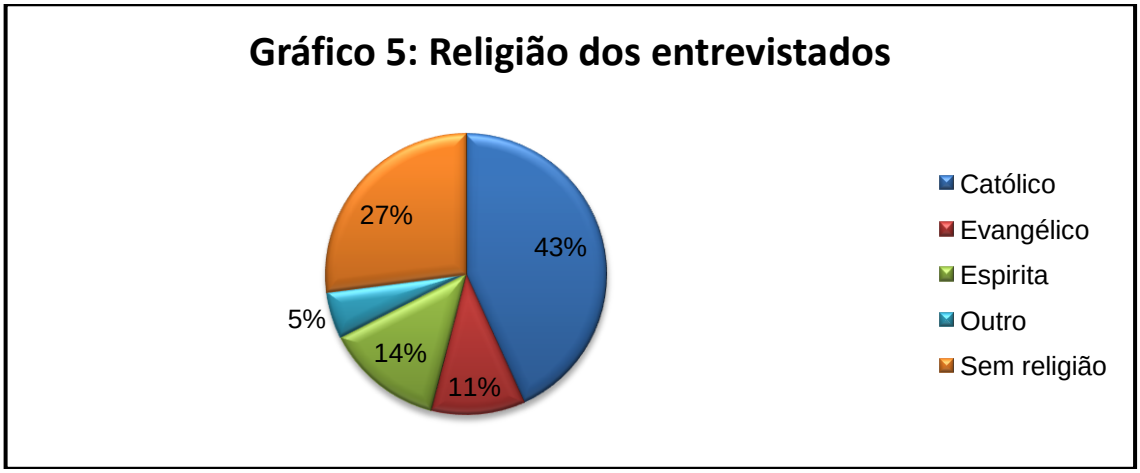
No que se refere à idade das pessoas que responderam o questionário, a mesma ficou na faixa etária de 22 a 59 anos de idade, sendo a maioria representada

pelo casal jovem (20 a 30 anos) das mais variadas profissões, como administradores, advogados, funcionários públicos, porteiros, serventes, serviços gerais e vigilantes. Referente ao nível de escolaridade dos que responderam ao questionário, a maioria apresentou nível superior completo e especialização, conforme gráfico abaixo:




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

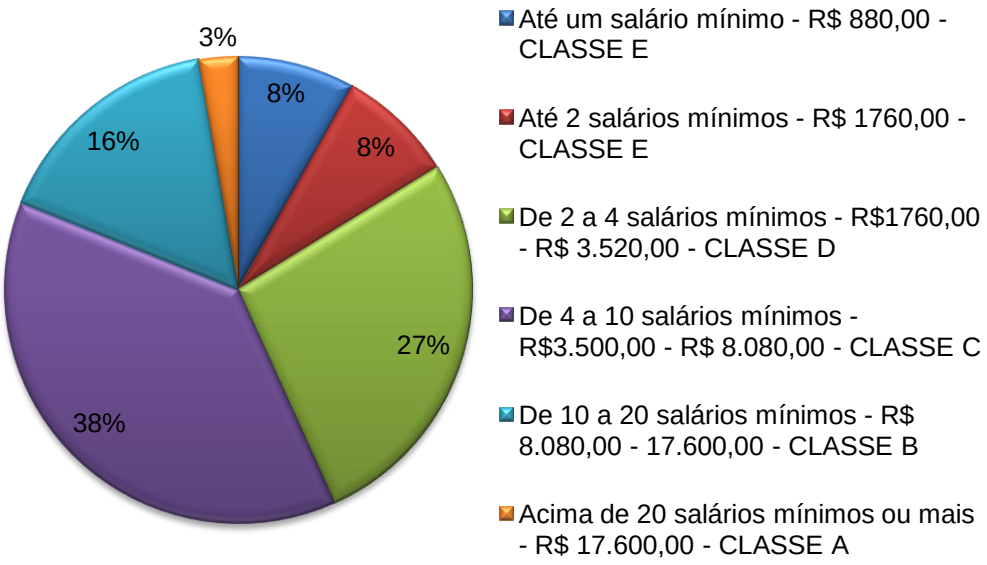
Quanto à religião dos que responderam o questionário, identifica-se no gráfico abaixo que, a maioria dos participantes, 43%, é de religião católica. Já referente ao tipo de união conjugal, 51,4% são casados no civil, e 48,6% vivem em união estável, fator que demonstra alto índice de uniões formais dos respondentes, sem falar que cerca de 35% são casados no religioso.




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

No que diz respeito à renda familiar das pessoas que responderam o questionário, ou seja, aquela que é representada pela soma da renda de todos que trabalham na residência, identificamos que a maior fatia do gráfico abaixo é de pessoas que possuem a renda familiar de 4 a 10 salários mínimos:

**Gráfico 6: Renda familiar dos entrevistados**

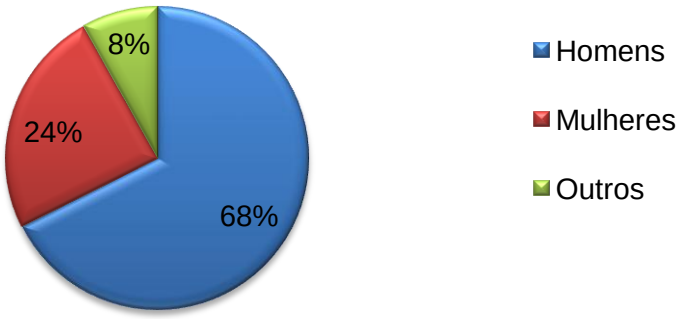



Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016. Critérios de classe utilizados conforme parâmetros IBGE.

Outra informação importante identificada através do gráfico abaixo é em relação ao maior rendimento da casa, na qual realizou-se o cruzamento de dados e identificou-se que 68% dos respondentes com a maior renda são homens. Tal disparidade vai de encontro a atual realidade brasileira, pois segundo dados divulgados pelo site Observatório Brasil da Igualdade de Gênero do Governo Federal[18] em 2017, o Brasil apresenta um dos maiores níveis de disparidade salarial do mundo, na qual os homens chegam a ganhar cerca de 30% a mais que as mulheres da mesma idade e com o mesmo nível de instrução, sem falar que quanto maior o nível de escolaridade maior essa diferença de renda.

[18] Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil?searchterm=diferen%C3%A7a+salarial.>. Acesso em: 05 fev. 2017.

**Gráfico 7: Maior rendimento no domícilio**




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

Sobre o tipo de conta bancária dos casais respondentes, a maioria 88,9% apresentam conta individual, e cerca de 11,1% conta conjunta. Já nos aspectos referentes aos bens matérias do casal, identifica-se que a maioria dos casais das classes C e D, 44%, residem em uma moradia própria e quitada; 36,1% moram de aluguel; e 19,4% pagam financiamento habitacional. Já sobre o veículo da família, 41,7% apresentam o veículo quitado; 41,7% possuem financiamento; e 16,7% não possuem carro.

Na questão que diz respeito, sobre se, os casais costumam conversar a respeito do orçamento doméstico com seus cônjuges, identificou-se que a maioria das pessoas que respondeu ao questionário, cerca de 38,9%, disse que costuma conversar sobre as finanças com o seu parceiro(a), porém sem uma frequência definida; 30,6% respondeu que conversa todos os meses; 16,7% somente quando surge algum problema financeiro; 8,3% não conversam para evitar brigas; e 5,6% não acham necessário conversar sobre as finanças. Através de tais respostas é possível reconhecer que o dinheiro aparenta ser um assunto tabu nas residências, ou seja, conversar sobre dinheiro ainda não é algo naturalizado pelas famílias.

Com relação aos gastos relacionados ao consumo de bens, mercadorias e serviços, observa-se que 100% dos respondentes, identificaram que o principal gasto da casa ocorre principalmente no mercado com produtos alimentícios, seguido pelas contas de luz, água, telefone, Internet, fatura do cartão de crédito, entre outras.

Outro hábito de consumo detectado através das respostas do questionário, é que os cônjuges costumam esconder compras de seus parceiros, deste modo, cerca

de 19,4% respondeu que costuma esconder algumas compras de seu parceiro; 36,1% não conta sobre suas contas; e 44,4% respondeu “outros”. Identificamos que os principais itens ocultados pelas mulheres são roupas, calçados, acessórios e maquiagens e pelos homens são artigos esportivos, bebidas e cigarros. Para Hilaine Yaccoub[19], antropóloga do consumo, isso ocorre por que em nossa sociedade existe uma “moralidade do consumo”, as mulheres, sobretudo, escondem suas compras de seus companheiros, pois muitas vezes, seus gastos são associados a “futilidade feminina”. Para a autora, a moralidade do consumo faz com que as mulheres não entendam porque os homens gastam tanto dinheiro com o carro, assim como eles se perguntam porque elas precisam de tantos sapatos, mas, ninguém critica alguém que gaste um terço do seu salário com livros, mesmo que não vá ler nenhum deles. Se atendo a ideia de Yaccoub sobre a moralidade do consumo, também podemos ressaltar que tal conceito reforça o tabu relativo ao falar sobre o orçamento doméstico e dinheiro na intimidade.

Ainda com a relação ao consumo, solicitou-se as pessoas que responderam o questionário, que identificassem o seu perfil e do seu parceiro (a) com relação ao dinheiro. Dessa forma, a maioria dos entrevistados identificou tanto o seu perfil como o do seu companheiro como poupador, conforme gráfico abaixo:

**Gráfico 8: Seu perfil com relação ao dinheiro**

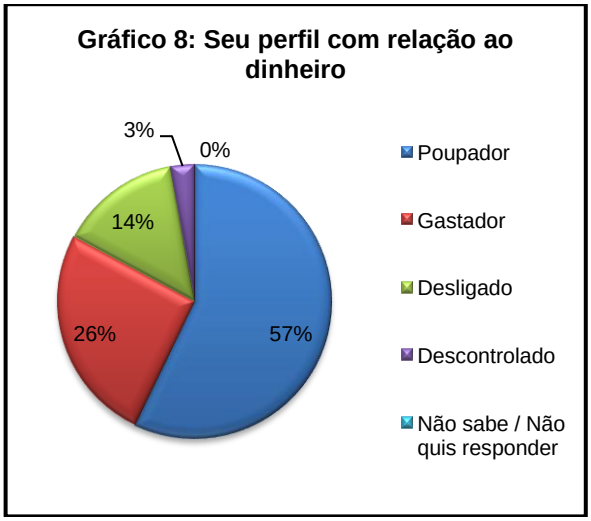
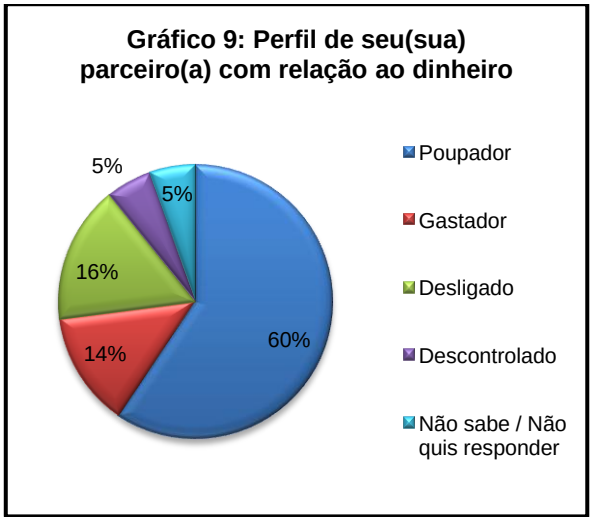



**Gráfico 9: Perfil de seu(sua) parceiro(a) com relação ao dinheiro**



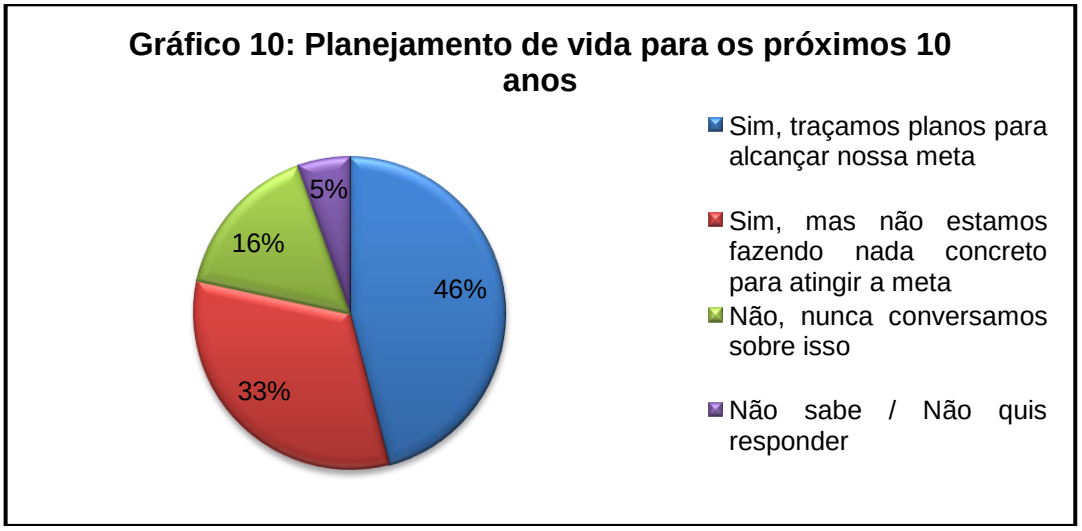

Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

19 Yaccoub, Hilaine. Porque as mulheres escondem seus gastos. 2010. Disponível em: <http://delas.ig.com.br/comportamento/2013-05-17/por-que-as-mulheres-escondem-seus-gastos.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Ao serem questionados se costumavam brigar com seu cônjuge por causa de dinheiro, 38,9% dos respondentes disse que não ocorrem brigas referentes ao dinheiro; 30,6% respondeu que somente ás vezes costuma brigar com seu companheiro; 27,8% raramente e 2,8% sempre. Cruzando dados, percebe-se que as pessoas que responderam que “não costumam ter brigas sobre dinheiro”, pertencem às classes C e B e possuem melhores condições financeiras, já entre as pessoas de baixa renda, das classes D e E, identificou-se que as brigas são mais frequentes. Desse modo, a principal causa de discordância entre os casais são as dívidas, principalmente nas classes mais pobres, E e D, seguido pelos gastos com o cartão de crédito, não poupar e dar dinheiro a algum familiar.

Em conformidade com o gráfico abaixo também constatou-se que a maioria dos casais se preocupa com a situação financeira, já que relatam possuir algum tipo de planejamento financeiro, ou melhor, expectativa de atingir uma meta e/ou consumir bens, ou viajar nos próximos 10 anos:

**Gráfico 10: Planejamento de vida para os próximos 10 anos**




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

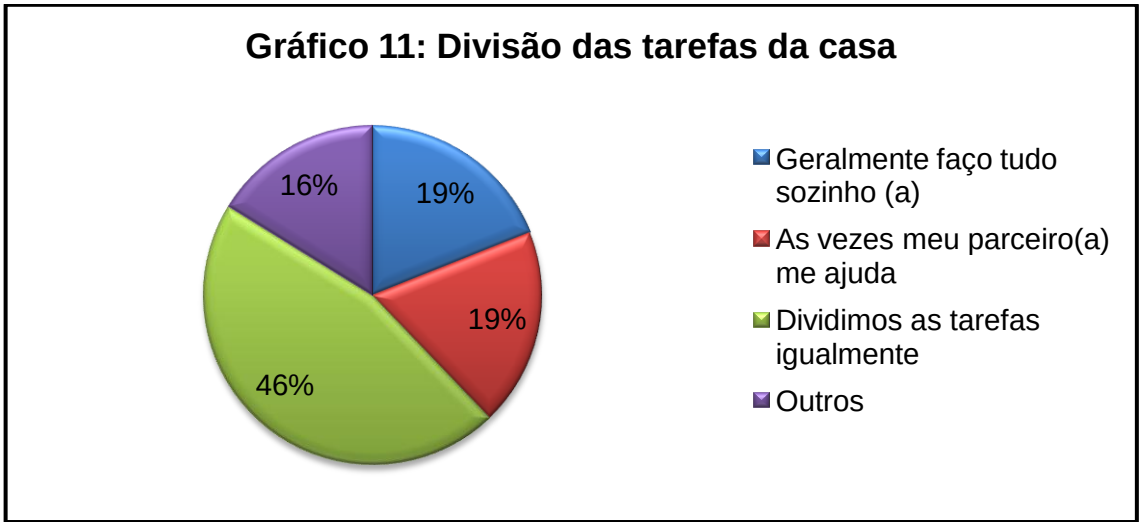
Talvez isso seja consequência da mídia e do mercado editorial brasileiro que dissemina a ideia de que “economizar é a palavra da vez”. De acordo com uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL)[20], realizada em janeiro de 2017, a recessão

[20] “Gastos com Supermercado e conta de luz são os mais sentidos pelos brasileiros na crise”. Publicada em 04 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.cndl.org.br/noticia/gastos-com-

da economia tem alterado os gastos dos brasileiros. De acordo com a pesquisa, além do brasileiro gastar mais no supermercado diante do aumento nos preços, o gasto com itens não essenciais estão sendo revistos, desse modo, de acordo com a pesquisa, gastos com roupas, calçados e acessórios, sofreram uma redução de 53%, assim como as refeições fora de casa ou *delivery*[21] sofreram queda de 47%. Seguindo esse comportamento observa-se que a maioria dos casais respondentes busca também economizar, visto que 58,3% vai junto fazer as compras no supermercado, e 80% faz as refeições em casa, tal comportamento também se estende aos gastos com empregadas domésticas ou diaristas, uma vez que, 62,9% realiza o próprio trabalho doméstico e não paga ninguém para fazer as tarefas de casa, somente 22,9% paga alguém e 14,3% paga somente às vezes. Dentre esses dados identifica-se que apenas as pessoas pertencentes às classes A, B e C possuem condições financeiras de pagar alguém para realizar as tarefas domésticas.

No quesito mais específico sobre como ocorre à divisão das tarefas da casa, percebe-se que 46% dos respondentes divide as tarefas igualmente, conforme gráfico abaixo:

**Gráfico 11: Divisão das tarefas da casa**




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

supermercado-e-conta-de-luz-sao-os-mais-sentidos-pelos-brasileiros-na-crise/>. Acesso em: 09 abr. 2017.

[21] Delivery: A tele entrega ou entrega em domicílio, também conhecida pela palavra em inglês delivery, é o serviço de entrega de materiais, bens, serviços ou produtos a um determinado local (residência, comércio, indústria etc.) pedidos por algum meio de comunicação como telefone ou internet pelo cliente ou consumidor. Disponível em: <http://blog.pedidor.com/definicoes/o-que-e-delivery.html>. Acesso em: 09 abr. 2017.

Entretanto, ao atentarmos para o gráfico acima, e a partir do cruzamento de dados, percebe-se que as pessoas que responderam o questionário e marcaram as opções “geralmente faço tudo sozinho (a)”, assim como “às vezes meu parceiro (a) me ajuda”, são todas do sexo feminino, o que significa que 38% das tarefas domésticas, ainda são realizadas predominantemente pelas mulheres. Além disso, é notável uma diferenciação nos tipos de tarefas realizadas por homens e mulheres, uma vez que, cabem às mulheres as tarefas como a limpeza da casa, cozinhar, lavar e passar roupas, bem como as atividades de cuidado dos filhos, enquanto que aos homens cabem as tarefas relacionadas a organização da casa e reparos, como por exemplo, lavar a louça, arrumar a cama, guardar as roupas, consertos, cortar a grama, cuidar do pátio entre outras.

Através dos questionários identificou-se semelhanças com questões que surgiram durante a entrevista com a terapeuta, principalmente no que diz respeito ao orçamento doméstico e a divisão sexual dos papéis entre homens e mulheres com relação às tarefas domésticas, desse modo, quando se trata do orçamento doméstico percebe-se que não existe nenhuma fórmula específica, uma vez que, os casais, ou os membros das famílias acabam realizando “boas combinações” e ajustes à sua maneira (ZELIZER, 2011), ou seja, existem casais que misturam todos os rendimentos, outros que mantêm seus dinheiros separados, aqueles que dividem apenas as despesas da casa, aqueles que fazem planejamentos juntos, e aqueles que nem conversam sobre esse assunto. Constatou-se também que tais questões não são definidas por classes sociais, ou seja, através da aplicação dos questionários não foi possível detectar um comportamento específico em determinada classe social, uma vez que, o comportamento dos casais com relação as finanças é bastante indefinido, ou seja, ele é constantemente negociado por ambas as partes. Além disso, percebe-se que o dinheiro ainda é um assunto tabu nos relacionamentos amorosos, pois muitos desconhecem quanto o parceiro ganha, compram produtos escondidos, assim como conversam com pouca frequência sobre o assunto. Através dos questionários foi possível identificar questões relacionadas ao gênero, já que são majoritariamente as mulheres as responsáveis pelas tarefas da casa, também constatamos ao longo da pesquisa, que o dinheiro das mulheres representa uma parte importante, ou até mesmo a principal renda do orçamento doméstico.

Porém cabe destacar que por meio da aplicação dos questionários não foi possível de fato adentrarmos a intimidade dos casais a fim de identificar como ocorrem as intersecções entre amor, dinheiro, e emoções, uma vez que os questionários nos aproximam dos modelos prescritivos utilizados pelos economistas, o que vai em desencontro a realidade conjugal, uma vez que a vida a dois é bastante complexa , ou seja, através dos questionários não foi possível detectar as subjetividades que afetam a constituição do orçamento doméstico, razão pela qual realizamos o grupo focal.

### 4.3 - Percepções do dinheiro na conjugalidade a partir do grupo focal

Como vimos no item acima, as práticas econômicas fazem parte da vida íntima dos indivíduos, ao mesmo tempo, em que despertam curiosidade e especulações. Assim, a partir do objetivo do presente trabalho, em pesquisar sobre a estreita relação entre dinheiro e amor, e também da disponibilidade e interesse de (5) cinco mulheres sobre o assunto, foi possível a realização de um grupo focal, que foi mediado a partir da aplicação dos questionários.

Desse modo, o grupo focal foi realizado com mulheres que demonstraram interesse sobre o assunto quando foi realizada a aplicação dos questionários. Como já apresentamos no item 3.2.3, cabe relembrar que o grupo focal foi realizado no IFSul, no prédio da Reitoria, no dia 01 de dezembro de 2016, as 09:00 horas, e contou com a participação de (5) cinco mulheres, as quais foram identificadas como Entrevistada 1, Entrevistada 2, Entrevistada 3, Entrevista 4 e Entrevistada 5, e, que a partir de seus relatos contribuíram para a compreensão das práticas econômicas no cotidiano da vivência conjugal e familiar. No quadro abaixo, é possível identificar o perfil dessas entrevistadas:

**QUADRO 1 - PERFIL DAS ENTREVISTADAS**

| **Entrevistadas** | **E1** | **E2** | **E3** | **E4** | **E5** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Estado civil** | Separada | Separada | Casada | Separada | Casada |
| **Tempo União** | - | 9 anos | 29 anos | 9 anos | 26 anos |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Idade** | 26 anos | 42 anos | 62 anos | 32 anos | 43 anos |
| **Casamento oficial** | Não | Não | Não | Sim | Sim |
| **Filhos** | 2 filhos | 3 filhos | 2 filhos | 2 filhos | 2 filhos |
| **Profissão** | Serviços gerais | Serviços gerais | Serviços gerais | Serviços gerais | Serviços gerais |

Fonte: Elaboração da pesquisadora. Grupo focal realizado em dezembro 2016.

A partir da realização do grupo focal com essas mulheres casadas e separadas, com renda de um salário mínimo mais bonificações, foi possível observar o entrelaçamento de questões que misturam dinheiros e emoções, emaranhadas por cálculos, contas da casa e "de fora", compras, alimentos, presentes e recompensas, que apontam evidências sobre a constituição do orçamento doméstico.

Destarte, visando atingir os objetivos propostos por esta pesquisa, considera-se o grupo focal uma técnica valiosa na coleta de dados, pois o mesmo possibilita a compreensão de como os atores sociais se sentem e pensam sobre determinado assunto. Assim, foi elaborado um roteiro (Apêndice C), com tópicos norteadores que orientaram a discussão, aproveitando-se também os temas que surgiam pelas participantes para incitar o debate, os diálogos foram gravados e posteriormente transcritos, sendo analisados a partir da análise de conteúdo e categorias.

Baseando-se na teoria de Zelizer (2003) sobre o significado social do dinheiro, no qual a autora afirma que "o dinheiro moderno é também cotidianamente diferenciado, devido não apenas a variações de quantidade, mas também as diversas qualidades que o particularizam" (2003, p.125). Utilizar-se-á neste trabalho para análise de categorias, a ideia de dinheiros especiais, os quais segundo Zelizer (2003) são identificados através de normas e formas, até mesmo informais, que conduzem o seu uso. Tendo isso como parâmetro, foram selecionadas (5) cinco categorias de análise, nas quais foi possível detectar os significados e usos diferenciados do dinheiro por essas mulheres, bem como os dados dos questionários, de certa forma, já apontavam para tal discussão; assim foram identificados: o dinheiro doméstico, o dinheiro da gratificação, o dinheiro das ajudas, o dinheiro da recompensa e o dinheiro visual, as quais serão analisadas na

sequência. Deste modo, tais categorias apresentam uma versão para a compreensão do orçamento doméstico a partir da percepção destas mulheres de determinada classe social.

A criação dessas categorias nos conduzirá à compreensão dos objetivos propostos por esse trabalho, uma vez que a partir da formação dessas categorias de dinheiros especiais, será possível organizar e classificar os elementos-chaves presente no discurso dessas entrevistadas, como também suas práticas econômicas diárias.

### 4.3.1 - Dinheiro doméstico – adentrando na formação do orçamento

A primeira categoria, que despontou para a nossa análise, foi o dinheiro doméstico, o qual é representado pelo dinheiro dessas mulheres, seus cônjuges e filhos, constituindo assim uma categoria especial de análise do dinheiro, ao mesmo tempo em que representa a principal forma de sustento dessas famílias, isto é, a base do orçamento doméstico. Assim, esse dinheiro é identificado como o dinheiro "grosso" da casa, uma vez que é direcionado para o pagamento das necessidades básicas como alimentação, energia elétrica e água. Nas palavras de Zelizer (2003, p.127) o dinheiro doméstico:

> [...] constitui uma categoria específica de dinheiro no mundo moderno. Os seus significados, usos, localizações e mesmo quantidades são parcialmente determinados por considerações de eficiência econômica, mas o dinheiro doméstico está também ligado às variadas concepções culturais de dinheiro e de vida familiar, bem como às relações de poder, idade e gênero.

Como vimos na citação acima, o dinheiro doméstico não está apenas ligado a eficiência econômica, como também sofre influência das concepções culturais, relações de poder, idade e gênero. Deste modo, se atendo a esse entendimento, foi possível identificar através dos relatos das entrevistadas (que recebem atualmente um salário mínimo, mais benefícios), como elas se organizam em relação às principais despesas do lar, até mesmo porque (3) três dessas mulheres são atualmente as principais provedoras do lar.

Dessa forma, a Entrevistada 1 relata que atualmente mora com sua mãe, pois está separada de seu companheiro, assim, hoje ela é a principal provedora do lar.

Anteriormente, no início de seu relacionamento, ela conta que não trabalhava e as despesas da casa ficavam por conta de seu companheiro, porém, quando começou a trabalhar os gastos passaram a ser divididos:

> Entrevistada 1: Eu no início era tudo com ele. Aí, depois, eu comecei a trabalhar, e aí, eu ajudava era tudo dividido, tudo que a gente comprava era tudo meio a meio, tudo dividido, ajuda na luz, tudo.

A Entrevistada 2 informa que trabalha desde os seus 16 anos de idade. Quando morava junto com seu companheiro, o seu salário era direcionado mais para as necessidades dos filhos, e o do seu cônjuge para o sustento da casa; entretanto, como ele era autônomo, tal dinheiro não era frequente. Atualmente, a entrevistada está separada e reside com sua mãe.

> Entrevistada 2: Eu trabalhava, mas era só pra mim e pras gurias, e a casa era com ele! A luz que eu pagava, mas tipo o sustento da casa era com ele. [...] comigo era só roupa pras crianças, material escolar essas coisas e tal. [...] ele sempre foi assim, ele era a casa, e eu as outras coisas, como eu trabalhava com carteira assinada, e ele era autônomo, tinha aquele tempo que ele não tinha serviço, aí, naquele mês eu bancava, aí, no outro mês era ele, agora eu estou trabalhando, agora é comigo! Sempre foi assim, enquanto a gente morou junto, sempre foi assim.

A Entrevistada 3, apresentou um relato bastante interessante, pois em seu caso, houve uma inversão referente ao sustento da casa, no início do relacionamento era ela quem pagava todas as contas da casa, situação essa que ela considera incomum. Hoje, ela retrata que essa situação mudou e que seu marido ajuda a pagar as contas da casa, essa mudança ocorreu principalmente depois da saída dos filhos de casa.

> Entrevistada 3: Eu pagava comida, os remédios, e água, e a luz, e toda conta era eu, e o leite também, então, ele não fazia nada com o dinheiro dele! Agora não, agora ele paga luz, e água, e compra carne, se ele quiser comer bastante carne.
> Pergunta: E porque que isso mudou?
> Entrevistada 3: Porque eu me revoltei, porque ele disse que eu gastava muito, e que eu nunca tinha dinheiro, e aí eu disse pra ele: - tu sabe quanto eu ganho? É um salário mínimo que eu ganho, e eu tenho que fazer meus bicos pra mim ganhar dois quando muito; e, aí, quando eu tenho que pagar tudo isso, e não tenho dinheiro, eu tenho que fazer empréstimo! Não é que eu ganho tanto... tu que acha que eu ganho tanto assim. Então eu comecei agora. Agora que as crianças cresceram, quando as crianças eram pequenas e dependiam de mim eu dava tudo, né? E, nunca reclamei por causa das crianças, agora um está com 29, e outro com 19, cada um tem seu serviço, sua vida. Agora, eu me revoltei!

A Entrevistada 4, na época da união não trabalhava fora, porém fazia o papel de administradora do lar, desse modo, o salário do seu marido era repassado para ela que era responsável pela contabilidade da casa. Atualmente, a entrevistada encontra-se divorciada e reside com sua mãe.

> Entrevistada 4: Eu quando, eu fui casada, eu não trabalhei, nunca trabalhei, mas eu administrei! Tanto que desde que eu me separei eu não senti tanta diferença em saber levar, que sempre assim, ele trabalhava, ele sempre me dava o dinheiro, e eu que sempre pagava as contas, eu que ia no super, as vezes até quando ele ia pegar uma coisa, eu dizia: - não pega porque é muito caro! Aí, ele dizia: - eu trabalhando, não posso comprar? Não, não pode, porque esse daí é muito caro!

Com a Entrevistada 5, o “grosso” da casa fica sob responsabilidade do marido, e os demais gastos por sua conta, no caso dela contabiliza-se também o salário de sua filha mais velha, a qual já trabalha fora.

> Entrevistada 5: Eu me lembro até agora! Eu no começo, meio, até agora era tudo com ele... tudo, tudo mesmo, eu não pago nada, não pago luz, eu não pago nada, mas também, eu compro, assim, as coisas, tudo que eu quero pra dentro da minha casa. Ele não compra essas coisas, ele não compra televisão, é, até que ele compra alguma coisa, mas ele não compra assim nada de movéis, tudo é comigo... porque eu gosto! Agora as contas é tudo com ele, rancho, tudo! Aí o resto... cerveja é comigo...carne...[...] ele nunca falou: - ah!, tu vai ter que pagar água, tu vai ter que pagar a luz, não! Mas, também as minhas filhas quem gosta de vestir, sou eu. Gosto de comprar as coisas pra elas, eu compro, agora tem uma de 24 que é ela que faz, ela tá trabalhando então... nem me envolvo mais na vida dela assim, ela que compra as coisinhas dela. Aí, eu fico só com a minha de 17 que eu dou as coisas pra ela.

Conforme os relatos acima, percebe-se que o dinheiro doméstico atua como um tipo de dinheiro especial, o qual recebe designações específicas, ou seja, são as próprias pessoas envolvidas na relação que realizam um “trabalho relacional” e definem o que é ou não aceitável com relação ao dinheiro doméstico, construindo assim normas, barreiras e limites quanto a sua administração (ZELIZER, 2003).

A categoria “dinheiro doméstico” descrita nesse item, nos ajuda na compreensão do orçamento doméstico, ou seja, através dos relatos foi possível identificar como que os casais gerenciam e negociam as finanças da casa, como estabelecem acordos, e como acabam determinando quem deve pagar, e o que deve ser pago.

### 4.3.2 - Dinheiro da gratificação

Na categoria dinheiro da gratificação, identificamos aquele dinheiro que não faz parte habitual do rendimento das entrevistadas, o qual é identificado, por exemplo, como dinheiro do décimo terceiro e cartão alimentação, pois os mesmos não fazem parte do salário mensal em si, mas constituem uma espécie de bônus, recebendo assim uma significação diversa do salário. Através da fala das entrevistadas identifica-se esse tipo de dinheiro e todo o simbolismo que ele representa para essas mulheres.

Deste modo, cabe ressaltar, que o grupo focal foi realizado no dia 1 de dezembro, e que o clima era de entusiasmo entre as entrevistadas, pois tinham acabado de receber o vale refeição e a segunda parte do décimo terceiro, por essa razão estavam bastante felizes e planejando o que seria feito com esse "bônus". De tal modo, cada uma relatou o que seria feito com esse dinheiro extra.

> Entrevistada 1: Eu já quero me organizar, já que entrou o vale refeição hoje né? Eu vou ver se eu já vou no super, e dentro das coisas que eu tenho que comprar já compro alguma coisa, pra depois quando eu receber [o salário] eu compro o que falta né? Porque não dá pra comprar tudo, mas eu já quero deixar alguma coisa encaminhada [fazia menção as festas de fim de ano] já..., aí, depois só no dia 1 de janeiro que entra o próximo vale refeição, aí, a gente tem que se organizar agora.
>
> Entrevistada 2: Na minha época de pequena era diferente, né?... A minha mãe e meu pai não tinham... e nem tudo o que eu queria ter, eu tinha, até uma boneca era difícil assim, né? Então, hoje é mais fácil, tudo que eu posso dar pra eles, eu dou... a minha 1ª parcela do décimo é só pra isso.
>
> Entrevistada 4: [...] eu já fui lá e já paguei umas contas adiantadas, porque se a gente fica com o dinheiro na mão, eu começo a comprar uma coisa aqui, e outra ali...e tu nem viu o dinheiro! Aí, ontem, eu tinha uns carnês de uma loja e umas coisas; aí, eu fui lá e paguei; aí, eu dou pra minha mãe que ela que tira pra mim, ás vezes; aí, ela disse: - ah! Mas como tu já pagou se eu não terminei os meus, porque ela tinha comprado pra ela no mesmo dia, né? Aí, eu disse: - Não eu já paguei adiantado! Porque já tem que aproveitar o dinheiro que vem pra pagar antes, porque se sobrar algum dinheiro; aí, tu já tá ok e não deve pra ninguém, aí, eu já paguei.
>
> Entrevistada 5: [...] hoje mesmo dia 1 ele já recebeu o décimo ontem, ele queria ver meu valor. Não deixei, minúsculo meu valor! E no dele fazendo assim (escondendo), e, eu disse sai da frente que eu quero ver teu valor. Ah! Hoje tem coisa aí! E meu valorzinho, ele queria ver, agora o dele digitei meu valor rapidinho e já fui ver o dele, e ele escondendo, eu disse - sai fora! Já corri ele [...] muito bom esse valorzinho, amanhã nós vamos conversar.

Através dos relatos, percebe-se que o dinheiro do décimo terceiro tem um simbolismo especial para as entrevistadas, isso porque, esse dinheiro da gratificação, acaba sendo direcionado para as festividades do Natal, para comprar aquele presente especial para os filhos, assim como antecipar o pagamento de dívidas, o que não seria possível apenas com a remuneração mensal dessas mulheres. Cabe destacar, como relatado em um dos casos acima, a importância da memória em relação ao poder de compra dos pais referente às festividades, em que naquela época não era possível, mas hoje, via o dinheiro da gratificação, o desejo dos filhos acaba sendo a prioridade.

Sobre o vale alimentação, merece destaque o caso específico da Entrevistada 5, isto porque em sua residência quem é responsável pelos gastos com o supermercado é o seu marido; desse modo, como a entrevistada não faz uso do cartão alimentação, ela acaba "ganhando dinheiro com ele", eis que, ela repassa o cartão alimentação para sua irmã utilizar, e esta fica encarregada de lhe passar o dinheiro gasto no cartão todo mês.

> Entrevistada 5: Com meu cartão, eu ganho dinheiro! A minha irmã fica com meu cartão. Aí, minha irmã compra no cartão, no cartão que paga a refeição.
> Pergunta: Tu dá o dinheiro pra tua irmã?
> Entrevistada 5: Então, ela me dá o dinheiro, vamos supor o cartão esse mês é 319, já ficou 15 reais do mês passado, tem que dar 334 esse mês. Aí, eu dou o cartão pra ela, que já está com ela, ela vai lá e compra o valor e diz: - Oh!, "Entrevistada 5" deu 334 tá aqui o dinheiro! Então, ela fica com o cartão e ela me dá o dinheiro, e com esse dinheiro eu compro mais alguma coisa, tipo, cerveja, tipo carne, tipo costelão, pago alguma coisa assim... Tenho que pagar alguma conta a mais.

Percebe-se que essas mulheres possuem bastante organização quanto à questão financeira – sabem ao certo os seus valores e já calculam, mesmo antes dele entrar na conta. Inclusive o dinheiro que vem da "venda" do cartão alimentação. Neste caso, nota-se que o dinheiro da gratificação já foi direcionado para ser gasto de uma forma "especial", ou seja, para organizar a ceia de Natal, comprar presentes para os filhos, pagar contas, bem como, para demais festividades como a possibilidade de realizar um "churrasco" aos finais de semana; enfim, esse é um tipo de dinheiro que acaba sendo diferenciado de qualquer outra conta do dia-a-dia, demonstrando que a "racionalidade" está emaranhada com as dinâmicas do dia-a-

dia e as emoções, as memórias e os sentimentos dessas mulheres, tendo em vista a proximidade com essa celebração do Natal.

### 4.3.3 - Dinheiro das ajudas

O dinheiro das ajudas é aquele dinheiro que envolve todos os trabalhos de cuidado, nas palavras de Zelizer (2010, p.380, grifo nosso) “as relações de *care* incluem qualquer tipo de atenção pessoal constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto”. De tal modo, através da fala das participantes identificamos também esse dinheiro das “ajudas”, oriundo principalmente das atividades de cuidado não remunerado. O dinheiro das ajudas, conforme relatos abaixo, é bastante perceptível no caso da Entrevistada 1, da Entrevistada 2, e da Entrevistada 4, as quais residem com suas mães, e de certa forma, a Entrevistada 5, a qual recebe o auxílio de suas filhas.

> Entrevistada 1: Hoje em dia, a minha mãe me ajuda; aí, eu faço a janta né? Eu dou banho nas crianças, boto a roupa na máquina; aí, no outro dia, ela só põe na corda pra mim, eu arrumo a casa, então, hoje em dia é assim.
>
> Entrevistada 2: Eu, lá em casa, a mãe mora junto, né? Então, eu faço a janta, deixo a louça limpa, lavo as roupas, quando eu chego. Aí, no outro dia, a mãe bota na corda. As minhas meninas são pequenas, a mais velha é um pouco preguiçosa, uns 90%, mas faz alguma coisa, mas é eu e a mãe.
>
> Entrevistada 4: Eu morava com a minha mãe, depois fui morar com ele, só dobrei a rua, porque era na mesma rua, e agora moro com a minha mãe de novo, e, ela está desempregada, as contas ficam todas comigo, eu que seguro as pontas ali, de tudo, tô na função de arrumar a casa, trocar telhado, troca porta, troca piso, mas, é tudo eu sozinha... assim.
>
> Entrevistada 5: Eu tenho as minhas meninas, né? E, elas fazem tudo! Nessa hora, já está arrumado meu quarto, a outra já arrumou o quarto dela, já deve estar tudo limpo lá em cima, é que a mais velha sai mais ou menos a essa hora, aí, então, ela já deixa o quarto dela impecável e já aproveita e arruma o meu, arruma o banheiro lá de cima. A outra deve até estar acordada ou se acordando, se bem que essa hora, deve estar dormindo ainda... mas, ela arruma o quarto dela, deixa tudo arrumadinho. Aí, agora a outra vai, acorda, essa, quer dizer chama, porque ela não vai se acordar. Aí, ela desce e organiza toda a cozinha lá em baixo, deixa tudo organizado.

Por meio dos relatos percebemos que esse “dinheiro” das ajudas é fundamental para as entrevistadas, principalmente, para a Entrevistada 1, a Entrevistada 2 e a Entrevistada 4, as quais se separaram e, de alguma forma, modificaram sua situação econômica, voltando a residir com suas mães. Dessa

forma, o dinheiro das ajudas é identificado como uma importante moeda doméstica, uma vez que essas mulheres passam a residir com suas mães, elas passam também a contribuir com o sustento da casa, ao mesmo tempo, em que recebem a ajuda de suas mães tanto para as tarefas domésticas, como também para o cuidado com os netos. Já no caso da Entrevistada 5, a ajuda vem de suas filhas.

Desse modo, através dos estudos de Zelizer (2011a), as atividades de cuidado, aqui identificadas como “dinheiro das ajudas”, representam uma importante moeda no seio da economia doméstica, uma vez que as famílias combinam uma extensa gama de atividades que envolvem cuidados e transações econômicas. É importante destacarmos que a divisão das tarefas domésticas e sua relação com gênero serão desenvolvidas na sequência, em um item específico.

### 4.3.4 - Dinheiro da recompensa

O dinheiro da recompensa é identificado na fala das entrevistadas através do consumo de itens como comidas, bijuterias e cosméticos, os quais são utilizados como uma forma de “recompensa” pela exaustiva rotina de trabalho, servindo até mesmo como uma espécie de motivação para essas mulheres, o que é bastante visível, principalmente no discurso abaixo da Entrevistada 4.

> Entrevistada 4: Eu vendo Natura e Avon [22], **eu poupava nisso também, eu ficava me poupando, mas eu penso, eu trabalho um monte também, e se eu parar pra pensar, eu também, tenho que cuidar um pouco de mim**. Aí, eu tenho que comprar alguma coisa, assim, pra mim, um creme... um perfume...porque senão o que adianta? Eu vou trabalhar e vou só comprar comida, eu era muito econômica, eu não gastava nisso também, muito pouco. **Agora, eu comecei, - não, mas eu tenho que comprar um pouco pra mim também...porque senão o que vai ser da gente (grifo nosso).** [...] Foi bom a gente vir pra cá, que a gente também gasta menos, porque, quando a gente trabalhava no outro prédio. Aí, ficava no centro, aí, passava sempre, ou ia na lojinha de 2 reais comprava alguma coisinha. Aí, não se controlava nas balas, comprava, aí, comia, comia.[...] Vinha um senhor vender lanche; aí, eu não conseguia me controlar, porque eu sou magrinha né? [...] A gente vai no super, mas é que no super é mais barato, tu compra uma coisa que já vai durar mais, e, é mais barato do que tu comprar lanche que era 4 reais... 3 e pouco.
>
> Entrevistada 2: Aqui vendem de tudo, Avon, Natura, lingerie... [...] Lingerie, eu vendo também, pra ganhar um dinheirinho a mais, aqui tem de tudo, é um shopping. [...] Tem de tudo que se imagina, só não tem comida, senão a gente ia tá devendo até as calças.

[22] Em alguns momentos da entrevista notou-se que além do trabalho, a renda das mulheres é complementada pela venda de outros produtos.

Desse modo, o consumo de tais itens é justificado por essas mulheres como uma forma de compensação em face da rotina de trabalho, de acordo com Campbell (2006), tal consumo deriva da busca de prazer, ou seja, ele não é motivado apenas por benefícios funcionais e técnicos de uma determinada mercadoria, mas principalmente pela vontade das pessoas em vivenciar uma emoção através do consumo.

Além disso, o dinheiro da recompensa também é identificado, através dos próprios produtos que elas revendem como Avon, Natura, Lingerie entre outros, os quais são utilizados como uma forma de complementar a renda, ou seja, é com esse dinheiro "extra", que elas realizam o consumo de itens como cremes, perfumes, bijuterias, lingeries, salgados, pacotes de balas e lanches, que são consumidos como uma espécie de "moeda de autogratificação", assim o dinheiro da recompensa é identificado por meio do simbolismo que lhe é empregado, sendo facilmente identificado pela frase "eu trabalho, eu mereço".

### 4.3.5 - Dinheiro visual

Além das categorias elencadas acima, também identificamos via as mulheres a categoria do dinheiro visual, o qual se enquadra como uma categoria existente dentro do orçamento familiar. Dessa forma, o dinheiro visual é identificado como o dinheiro da carteira, das anotações de gastos, e carnês de compras, os quais representam um tipo de moeda visual, ao mesmo tempo, em que são utilizados como uma forma de controle dos gastos.

> Entrevistada 1: Eu deixo um valor X. [...] Vai tanto pra um, tanto pra outro [...] o restante eu uso em casa, mas eu sempre deixo até o dia 15, até o dia 20 eu sempre tenho 200... 250 lá guardadinho, porque se falta alguma coisa, se precisa algum remédio, porque sempre tem, né? Sempre! [...] (os carnês) Eu deixo num caderno anotado por mês. Aí, todas as contas que eu tenho, eu boto os valor ali do lado, e prendo com clipes, as datas e prendo com um clipe ali junto, já de cada mês.
>
> Entrevistada 2: Sim, eu tenho tudo anotadinho. [...] Eu tenho, assim, como regra, eu nunca passo da metade do meu salário com outros gastos, tipo assim, se eu ganho mil eu gasto quinhentos, é aquilo ali, quando passo daquilo ali... Óh! Não posso mais gastar... [...] porque se eu precisar de um remédio, se eu precisar de qualquer outra coisa, né? Agora mesmo, eu tô pagando material da casa e tudo, mas se alguém fica doente?! [...] Sempre tem aquela emergência no mês, né? Se acontece alguma coisa assim... Eu

> mesmo, agora teria que fazer 2 exames, com certeza não vai dar pra esperar o SUS pro exame, então já tem que pagar, saiu um gasto que tava extra. Imagina tu gasta tudo em conta... E ai?! O pai delas até agora tava me dando, mas ele é meio de lua. [...]
>
> Entrevistada 3: Eu sempre consigo ficar nem que seja com 10 reais até eu receber, eu sempre vou controlando todo o dinheiro, assim, pra nunca ficar sem nenhum dinheiro, né? E, quando eu faço carnê, só vou fazer, se eu tiver pago todos aqueles, aí, depois que eu terminei de pagar tudo, aí, eu vejo de novo, antes eu não compro além, mesmo que tenha algum dinheiro. Sempre sobra também pra mim ficar com o dinheiro pra ir levando assim, né? Pra ir comprando alguma coisa. [...] (os carnês) Os meus ficam num bolso.
>
> Entrevistada 4: [...] ontem, eu tinha uns carnê de uma loja e umas coisa; aí, eu fui lá e paguei; aí, eu dou pra minha mãe que ela que tira pra mim, ás vezes... Aí, ela disse: - ah, mas como tu já pagou? Se eu não terminei os meus? Porque ela tinha comprado pra ela no mesmo dia, né? Aí, eu disse: - Não eu já paguei adiantado porque já tem que aproveitar o dinheiro que vem pra pagar antes! Porque se sobrar algum dinheiro, aí, tu já tá, e não deve pra ninguém, aí, eu já paguei [...] Sei tudo direitinho! As parcela tudo [dos carnês) guardo numa caixa.
>
> Entrevistada 5: Tudo anotado no caderno [...] Eu uso só um cartão, só o hiper, eu não tenho mais outro cartão, eu só uso o hiper, então, o hiper, eu compro em tudo, em tudo que é lugar, em qualquer loja ali, então, eu já sei a fatura quanto é, o que vai ter, eu junto cada coisinha e já anoto. (os carnês) o meu é tudo na bolsa.

Através desses relatos, conseguimos identificar as estratégias de consumo utilizadas por essas mulheres para organizar o orçamento familiar, assim, essa "moeda visual" é identificada através do uso do dinheiro "vivo" e de anotações dos gastos e carnês, os quais servem para ajudar a gerir as finanças e detectar como o dinheiro está sendo gasto. Aqui, vale destacar o uso da "caixa" na fala de algumas das entrevistas, que faz referência ao dinheiro vivo, e de certa forma, a "caixa" serve como parâmetro de gastos, economia e controle financeiro.

## 4.4 - Das categorias dos dinheiros às práticas cotidianos

Neste item, para além da compreensão do orçamento doméstico via as categorias dos dinheiros, seguimos a análise pelas categorias que elencam "práticas econômicas" como as memórias de consumo, estratégia de investimento, cálculos e emoções e a separação e seu impacto nas finanças.

### 4.4.1 - Memórias de consumo

Neste item, destacamos como o contexto, político e social vivido na década de 1980 e início dos anos 1990, afetou os hábitos de consumo das entrevistadas e de suas famílias. Conforme relatos abaixo foi possível notar nas falas das entrevistadas as memórias de consumo, ou seja, as lembranças que essas mulheres possuem, de épocas em que eram mais jovens com relação aos preços, gastos, compra de produtos, entre outros, já que esse foi um período marcado por outra dinâmica política, econômica e social. Esse assunto foi abordado logo no início do grupo focal, como uma forma de já situar as entrevistadas ao tema proposto.

> Entrevistada 1: Com o meu pai e minha mãe era a mesma coisa, anotar em caderno, fiado. [...] Eles compravam, e no início do mês, quando eles recebiam, eles pagavam, era só assim mesmo, porque não tinha aquele dinheiro sobrando pra comprar.
>
> Entrevistada 2: Lá em casa, era só a mãe, não tinha o pai, não faltava, mas tinha uma certa época do mês que era só aquilo ali, era só um tipo de comida e deu. [...] a gente tomava refrigerante uma vez por mês. [...] Trabalhava todo mês só pra comer, não tinha o que a gente faz hoje.
>
> Entrevistada 3: A gente pagava, se comprava no caderno, no bar, a gente pagava por mês. [...] Anotava, daí, eu como morava no interior, assim... À água então não pagava porque era poço artesiano, só pagava luz [...]. Naquela época, tu fazia uma horta no fundo do pátio, e tu não precisava comprar tomate, cenoura, tudo! Tu fazia uma horta e plantava aquilo e, aí, tu o que tu comprava mesmo era o arroz, a massa, o óleo. né? O açúcar. [...]. Hoje, tu não tem tempo de fazer isso na tua casa, então, você compra tudo na feira, na fruteira, ninguém está plantando mais, ninguém tem nem mais temperinho em casa, né? Compra tudo, tudo é comprado.
>
> Entrevistada 4: Quando eu era pequena, eu lembro que meu pai falava que dava mais ou menos uns 100 reais (a compra do mês no supermercado), mas dava bastante coisa assim, perto do que hoje não se compra nada com isso, a gente fala, a pelo menos comprava bastante coisa, agora você vai compra não dá nada, dá uma sacolinha no super, nisso, a gente nota a diferença, que naquela época valia mais (o dinheiro).
>
> Entrevistada 5: Era muito difícil, eu trabalhava na época, assim, que tinha aquela inflação a 60%, o rancho, eu nem fazia porque não tinha condições, era uma coisa que era só pra rico, pobre comprava de pouquinho na esquina, era assim que fazia, e fiado, como se diz, maldito fiado, mas era assim, porque era muito difícil, hoje eu falo pras crianças que eu sou rica, porque hoje, eu faço rancho, eu tenho dinheiro pra fazer rancho. [...]. Naquela época não tinha cartão, era fiado na esquina, tinha que ter uma pessoa um conhecido, era difícil. [...]. Era na quinzena, se não me engano que meu pai recebia, era de 15 em 15 dias, aí, nós vinha, ele trabalhava na Empresa de carros né? Chegava dia 30, nós ficava desesperada na frente da empresa esperando! Tanto que ele falava: - vou chamar a polícia. E, dalí a gente ia pro cinquentão, isso tudo, eu me lembro! Ali, que eu me lembro dele fazer rancho e aquele rancho não chegava no final do mês, chegava dia 20 e deu acabo! Aí, era batata doce, que eu não como mais, polenta.
> Pergunta: Mas porque não come mais batata doce?
> Porque nós tinha que comer só isso daí, bolo, eu não gosto de bolo, porque eu não como mais, chegava no final do mês a mãe falava: - hoje, é polenta,

> arroz e feijão, amanhã é batata doce, arroz e feijão, no café não tem pão é batata doce, não tem pão vai canjica. Aí, Jesus! Essas coisas eu não como mais, porque chegava em um certo momento do mês, e era só isso daí, era brabo, mas era isso daí, que eu me lembro na época do pai, mas conta ele nunca deixou de pagar, ele sempre pagava tudo direitinho.

Nessa época, pelos relatos, vemos como era difícil a situação financeira das entrevistadas, isto é, como, o contexto econômico, político e social, caracterizado pela instabilidade, marcou as memórias, e, de certa forma, afetou a dinâmica e as práticas econômicas dessas famílias, tornando-se recorrente nas falas, por exemplo, a impossibilidade de "fazer o rancho" [23], ou a possibilidade de "comprar fiado" [24] (que depende das redes de relações pessoais), o que eram práticas constantes nessas famílias, utilizadas como estratégias para "economizar".

### 4.4.2 - Estratégia de investimento

No relato das entrevistadas também foi identificada uma estratégia de consumo que merece destaque, nomeada aqui como "estratégia de investimento". Tal relato é da Entrevistada 3, a qual durante a época de inflação comprava dólar para vender, e com os rendimentos que obtinha, conseguiu construir a casa em que mora atualmente.

> Entrevistada 3: A minha casa, o terreno nosso, a gente comprou, a minha guria tinha 2 anos, e aí, a gente comprou o terreno. Aí, ia ser na época diziam 1 milhão o terreno. Aí, o Collor cortou um zerinho ficou mil. Aí, nós pagamos em 2 parcelas, então desvalorizou aquela época, né? Aí, depois eu comprava do dinheiro da minha faxina, comprava dólar! Aí, eu vendia no outro mês, aí, assim a gente conseguiu fazer a casa, né?[...] Isso foi em 89 por aí... [...] O dólar era uma beleza, né? De um mês pro outro, né? De 15 em 15 dias, eu vendia [...]. Tinha muita gente que guardava. [...]. Eu comprava pouquinho, né? Era uma miséria o que eu comprava, mas aquele dinheiro era uma beleza, levamos 7 anos pra fazer a casa, primeiro, a gente fez o alicerce e pagamos tudo, depois fizemos as paredes e pagamos tudo, depois pagamos outra parte, e assim foi indo. Aí, ele comprava o material, e eu só fazia esse mexe com o dinheiro.

[23] Rancho: é um termo muito utilizado no Rio Grande do Sul, que se refere a ir ao Supermercado para fazer as compras mensais.
[24] Fiado: É a venda de algum produto ou serviço baseado na confiança das redes de relações pessoais, na qual o pagamento será realizado em um futuro breve.

Desse modo, a entrevistada utilizava o seu dinheiro da faxina para comprar e vender dólares, ou melhor, o “mexe com o dinheiro” proporcionava lucros que tornaram possível a compra dos materiais de construção utilizados para edificar sua casa. O dólar na época da inflação era considerado uma boa forma de investimento, e conforme relatou a entrevistada, era prática recorrente de muitas pessoas. Na cidade de Pelotas, tal prática era facilitada em razão da proximidade da cidade com a região de fronteira e também pela presença de casas de Câmbio na cidade, o que de alguma forma facilitava a compra e venda de dólares.

### 4.4.3 - Cálculos e emoções

Nos relacionamentos amorosos é muito clara a ligação entre dinheiro e emoções. Desta maneira, através da categoria “cálculos e emoções” demonstra-se como os sentimentos interferem no modo de consumo e poupança das entrevistadas. A forma com que as pessoas lidam com o dinheiro está estritamente ligada ao emocional, pois sua relação com as finanças acaba produzindo muitos sentimentos como alegrias, satisfação, medo, frustrações, ansiedade entre outros; sentimentos esses que podem ser identificados a seguir, através da fala das entrevistadas.

> Entrevistada 1: A gente gostava de sair na casa dos amigos, né? Sempre tinha aquele churrasquinho. Aí, ele se passava no dinheiro, né? Aí, tipo queria gastar mais do que... terminava a bebida lá fora e ele queria pagar, aí, o que que eu tinha que fazer, pegava o dinheiro e escondia dele, aí, ele dizia: - tá cadê meu dinheiro? E, eu dizia não sei, acabou. Como assim eu tinha tanto antes? Não tens mais, tu tá há horas aí comprando bebida. Aí, no outro dia, né? Passava a ressaca, e ele dizia... Bah! Gastei todo o dinheiro... Aí, eu mostrava pra ele, tá aqui óh! Não gastaste, eu peguei e escondi de ti, porque se eu não tivesse escondido, tu tinha gastado tudo, mas no dia a gente discutia, porque ele queria comprar, porque ele queria fazer e acontece, eu deixava ele batendo boca, pegava escondia o dinheiro e no outro dia que passava eu mostrava: - óh tá aqui!.

Percebe-se no relato acima, que a Entrevistada 1 ficava bastante incomodada com a forma que seu parceiro gastava o dinheiro, por essa razão, ela escondia o dinheiro de seu parceiro com o intuito de controla-lo e evitarem brigas, e só lhe mostrava o restante no dia seguinte. Assim como no relacionamento da Entrevistada 1, em que sentimentos, emoções e finanças se interseccionam, com a Entrevistada 2 ocorre o mesmo, em suas palavras:

> Entrevistada 2: [...] dinheiro é uma coisa que mexe, não adianta dizer que não, porque mexe sim, de alguma maneira vai mexer, a mínima discussão que vai ter, ou porque faltou, ou porque você que comprar uma coisa e você quer comprar outra, ou porque tem ou porque não tem.

O caso mais curioso é o da Entrevistada 3, descrito logo abaixo, a qual pegou o dinheiro (da venda de uma motocicleta) escondido do marido e comprou movéis para a casa, pois o mesmo estava gastando o dinheiro sem prestar-lhe nenhuma satisfação.

> Entrevistada 3: Ele vendeu uma moto por 5 mil, uma vez..., e só disse que vendeu a moto...tá, mas aí, eu digo vendeu a moto e cadê o dinheiro? Aí, um dia fui fazer uma arrumação no guarda-roupa, achei os 5 mil dentro do guarda-roupa, e aí, deixei passar uns dia, né? Que tava 5 mil ali, aí passou uns dias e tava 3 mil e quinhentos, e ele não comprou nada pra casa, nada, nada, nada, era só churrasco e cerveja com os amigos. Aí peguei 500 reais, dei 50 reais pra minha filha e disse: - compra o que tu quiser com 50 reais, vai pro centro. Porque 100 pila era dinheiro, e ela foi e comprou as coisinhas dela, e, eu fui pro centro e comprei umas beliche, paguei a vista, e, os colchão, eu paguei a prestação, o colchão era mais barato a prestação, nunca ele soube que foi ele que deu aqueles movéis pra casa...nem falta. [...] ele tá gastando sem comprar nada, nem sabe e nem falta achou... Que raiva que me deu.

Através dos relatos descritos acima, é possível perceber que as ações dos indivíduos não são pautadas apenas por um “agir racional”, e entre cálculos e emoções está o não diálogo, vinculado ao que cada parceiro acredita ser o “melhor” destino do dinheiro; assim, vemos que as práticas econômicas diárias ocorrem entrelaçadas com sentimentos e são bastante complexas, isto é, não é possível esboçar um modelo único, uma vez que, os dinheiros, as expectativas, as memórias, as gratificações e recompensas perfazem a dinâmica do orçamento de casais e famílias. (ZELIZER, 2015b).

### 4.4.4 - A separação e seu impacto nas finanças

Cultivar um relacionamento amoroso exige o esforço de ambas às partes, assim os indivíduos que optam pelo casamento, ou pela união estável, passam a dividir não apenas o mesmo teto, como também precisam se esforçar para cuidar do patrimônio, possuir objetivos em comum, cuidar dos filhos, gerir emoções, entre outras coisas, porém, nem sempre o casal chega a um consenso e às vezes a única solução possível é a separação ou o divórcio.

Quando um casal passa a viver junto, acaba gerando consequências jurídicas e também patrimoniais, pois ao longo da união, muitas vezes, se compram imóveis, carros, bens, os quais precisam ser partilhados quando o relacionamento chega ao fim, por essa razão, o principal impacto da separação ou do divórcio é de origem financeira, assim quando ocorre a separação é necessário uma adequação de ambas as partes para nova situação financeira, que foi o que ocorreu com a Entrevistada 1, Entrevistada 2 e Entrevistada 4, conforme relatos abaixo.

> Entrevistada 1: Pra mim foi difícil, eu sofri bastante, até trabalhava, eu estava trabalhando no momento em uma lancheria, recebia 20 reais por dia, quando a gente se separou tinha um monte de conta pra pagar. Aí, separa, ele me ajudou com as despesas do meu filho, porque a outra guriazinha, ele nunca se negou, quando dava pra um, dava pro outro, pra mim foi bem difícil, mas hoje em dia, eu tiro de letra, pra mim até acho, no momento, pra mim é melhor eu estar sozinha do que estar com alguém, porque quando a gente está casada é aquela função: - Ah, eu quero comprar um esmalte...pra que tu vai comprar um esmalte? Tu não precisa comprar um esmalte. Quero comprar uma blusa: - mas pra que tu vai comprar? se já tem um monte. Aí era tudo assim. Aí, hoje não, dá vontade, eu vou lá e compro, e deu!
>
> Entrevistada 2: Ah! dá um baque, né? Até pensei algumas vezes, porque as minhas meninas eram pequenas todas, todas 3 pequenas, menores, eu tinha uma de 15, mais tinha as pequenas e a gente sempre pensa nos filhos, só que chega uma hora que não tá dando aquela vida pras crianças, então, não adianta; aí, tu acaba perdendo o controle de tudo, porque daí, os primeiros meses acho que foi os primeiros anos da separação, os primeiros meses, o homem não quer mais saber, não quer saber de nada. Aí, o primeiro ano, eu encarei, tipo, ficou tudo comigo! Aí depois de um ano, um ano e pouco, daí ele voltou a ajudar, quando tá trabalhando ajuda, mas continuou comigo tudo, mas ele ajuda mais agora, agora me ajuda bem mais, se eu precisar, se as gurias precisar. Se tá trabalhando dá, [...]Mas o primeiro ano, foi só eu, e a pequena ainda usava fralda era tudo bem complicado, mas como eu sempre trabalhei, eu não tive aquele baque! Acho que quando a pessoa não trabalha é pior, porque aí tu depende daquela pessoa e, aí fica perdida em dois lugar, eu sempre pensava nisso! Assim, eu tive a pequena com um problema sério de anemia, com um ano e pouco, e eu pensei em parar de trabalhar, tá vou parar, inclusive eu parei 8 meses e, aí, depois eu voltei, seria mais um golpe, e aí? Realmente, se eu não trabalhasse, além de ter que procurar emprego, era procurar alguém pra cuidar das crianças, tu trabalhando tem pelo menos algum, não é tudo aquilo, mas é melhor!
>
> E4: Eu, quando, eu fui casada eu não trabalhei, nunca trabalhei, mas eu administrei, tanto que desde que eu me separei eu não senti tanta diferença em saber levar, que sempre assim, ele trabalhava, ele sempre me dava o dinheiro, e, eu que sempre pagava as contas, eu que ia no super [...] quando eu me separei, e, aí, a gente brigou, eu tive que me virar, e eu me sai bem, porque eu conseguia administrar e sustentar as crianças, sempre eu sabendo levar o dinheiro. Então até hoje, todo mundo diz: como é que consegue? Porque sempre já foi assim! Antes com 15 anos, eu já morava sozinha, então eu sempre já soube administrar um pouco, então sempre levei! Pelas coisas que eu passei, dificuldade quando era pequena, então

> eu sempre já... fui sempre levando... pra saber administrar, e poupar, olhar preço, fazer tudo, então...foi muito difícil assim.

Conforme descrito pelas entrevistadas, a separação foi um momento bastante difícil, principalmente no que se refere a questão financeira, entretanto um fator que, de certa forma, influenciou a tomada de decisão pela separação, foi que ambas as três entrevistadas contavam com certa independência financeira, pois todas tinham um trabalho, observa-se assim o quão importante foi a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a qual não apenas ajudou a reconfigurar a situação econômica das famílias como também proporcionou maior igualdade e poder de decisão as mulheres, ressignificando assim os moldes do casamento tradicional em que os laços conjugais eram indissolúveis e libertando as mulheres da submissão a uniões indesejadas.

### 4.5 - A divisão das tarefas da casa

Outra categoria importante elaborada a partir dos objetivos dessa pesquisa é a “divisão das tarefas da casa”, que vai além da categoria do dinheiro das ajudas, aqui o foco centra-se na relação do casal, na qual busca-se averiguar, através dos relatos das entrevistadas, como que ocorre a distribuição das tarefas da casa e se o dinheiro influência nessa divisão.

> Entrevistada 1: Eu na época, que eu era casada, eu fazia tudo, como eu pegava só às 7 da noite, como eu trabalhava em uma lancheria, então, durante o dia, eu fazia tudo, eu já deixava tudo pronto, as crianças já de banho tomado, porque ele demorava pra vim. A comida era a única coisa que ele fazia, não posso reclamar porque, ele faz comida até melhor do que eu, porque eu não gosto de fazer, a única parte que ele me ajudava era nisso, o resto era tudo comigo, eu trabalhava durante o dia, então, eu lavava roupa, arrumava a casa, eu deixava tudo direitinho, porque eu saia as 7hs, ai ele cuidava as crianças, e, eu ia trabalhar [...].
>
> Entrevistada 2: [...] quando a gente era casado, ele até ajudava, ele gostava de lavar roupa, lavar louça, ele gostava também, ele lavava e, quando eu chegava tava dobradinho assim... ele gosta de fazer as coisas da casa, agora, ele faz porque ele mesmo tem que fazer, agora a gente divide assim entre eu, a mãe e as gurias.
>
> Entrevistada 3: O meu hoje até que me ajuda, se eu não tiver em casa! Quando eu não estou em casa, ele lava a louça, a pia, as paredes e o chão, ele faz a comida dele daquele jeito também, pica metade da cebola quase assim, mas é uma delícia quando está pronto, né? Eu não preciso ir pro fogão! Ele estende a roupa, se eu for pra corda estender, ele não estende sozinho, se ele estende sozinho, eu tenho que deixar aquela roupa do jeito que ele bota toda torta, e depois que ele sai, eu vou lá e estico bem, mas

> quer fazer eu deixo, né? Mas agora faz pouco tempo que ele começou a me ajudar, quando os filhos eram pequenos e precisava, né? Não lavava um copo, mas, agora, que eles cresceram, recém que ele tá começando dar uma mãozinha, ali de vez em quando, muito de vez em quando.
>
> Entrevistada 4: (quando estávamos juntos) Ele de vez em quando ajudava, quando ele estava meio inspirado, assim, porque ele trabalhava em coisa de cozinha, assim, trabalhava em pizzaria, e aí tinha rodízio de massa essas coisas, quando ele se inspirava ele fazia também alguma coisa, assim, e, como eu sempre gostei de cozinhar, e, da casa não fazia nada! Porque ele não gosta de fazer nada, tinha que ficar brigando, porque deixava as coisas atiradas, aí sempre fui eu que cuidei das coisas.
>
> Entrevistada 5: Eu tenho as minhas meninas, né? E elas fazem tudo! [...] mas elas fazem as coisas tudo em casa, eu faço muito pouco assim, mais é lavar roupa, colocar roupa na máquina, assim eu boto, aí, estendo, essas coisas assim, eu lavo e passo, mas, a casa em si quem arruma é elas. [...] (quem cozinha) agora é minha filha, que tá fazendo! Eu chego lá, ela já tá com o cardápio: - Ah! mãe, hoje eu vou fazer isso, amanhã vou fazer aquilo. A outra já é que nem eu, não gosta de fazer nada disso, mas se tiver que fazer, ir pra cozinha fazer um arroz, faz! Mas é que nem eu, tudo obrigação, a mais velha não, ela gosta!
> [...] (o marido) ele faz às vezes um feijão! Hum... Mas tá bom né? Fazer o que! Eu digo que tá - hum, uma delícia, maravilhoso, barbaridade que coisa mais boa! Mas, faz pobrezinho, ele tem aquela consciência de fazer as coisas pra agradar a pessoa, e a pessoa tem que retribuir fazendo – hum! Mas ele faz! Todo mundo se ajuda lá em casa, todo mundo se ajuda.

Por meio dos relatos acima, percebe-se que nessas famílias ainda são as mulheres as principais responsáveis pelas tarefas da casa, embora identifica-se que os papéis anteriormente determinados que imperavam nas famílias tradicionais, também estão sofrendo mudanças, pois atualmente os homens estão buscando ajudar mais com as tarefas domésticas do que no passado. O relato da Entrevistada 2, retrata muito bem a atual realidade:

> Entrevistada 2: Eu acho que depois que a mulher saiu pra rua, pra trabalhar, eu acho que aquela tarefa de ser só da mulher, passou a ser da família toda, porque antes era só a gente que fazia tudo, agora não! Agora, já se tem mais consciência, é como eu digo, meu marido quando era marido, eu fazia tudo e ele só dava uma ajuda [...]. Agora tem aquela consciência que não é só a gente, que a casa é de todo mundo, que todo mundo tem que dar uma ajudadinha.

A exposição da Entrevistada 2, confirma que o casamento e a família são estruturas que estão sendo ressignificadas, assim como os papéis de gênero, pois se antes era típico das mulheres se dedicar exclusivamente as atividades da casa e cuidado dos filhos, enquanto que aos homens cabia o papel de provedor do lar, hoje não é mais assim, entretanto, ainda há uma persistência conservadora nos papéis

dos cônjuges no que se refere as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos (JABLONSKI, 2010), o que de certa forma, acaba gerando a mulher um “segundo turno” de trabalho, pois além de trabalharem fora, as mulheres também acabam tendo que realizar as atividades da casa (HOCHSCHILD, 1989).

### 4.6 - O orçamento doméstico

De acordo com Woolley (2000) uma vertente de economistas entende que quando os casais se unem, presume-se que os rendimentos recebidos são agrupados em um montante em comum, ou melhor, espera-se que os casais se comportem de tal maneira. Deste modo, as evidências desta pesquisa apontam que na prática cotidiana, tal dinâmica não é uma lei geral, já que o orçamento doméstico não consiste apenas em juntar todos os rendimentos e equilibrar os gastos de uma família de forma “racional”, ou seja, o orçamento doméstico é algo muito mais complexo, e vai além da simples prescrição de comportamentos; no dia-a-dia, dinheiro e intimidade fazem parte de uma vasta série de negociações, cálculos e emoções (ZELIZER, 2011a).

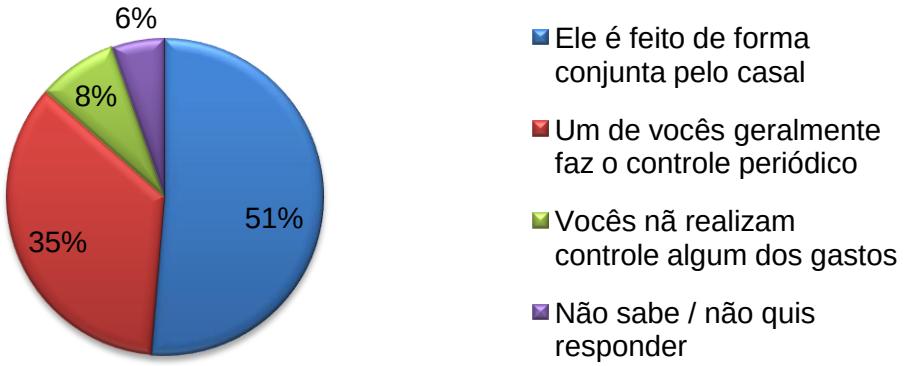
Desse modo, ao afirmar que o orçamento doméstico é elaborado de forma “racional” pelos agentes, corremos o risco de entrar em descompasso com a realidade social, pois ao analisarmos tal questão temos que levar em conta muito mais do que o agir racional dos indivíduos como também outros fatores que acabam influenciando a ação econômica como a cultura, os costumes e a moral (ZELIZER, 2015b).

Deste modo, percebe-se a partir da perspectiva apresentada pela terapeuta de casais, assim como os questionários e o grupo focal, que a forma com que as pessoas elaboram e executam o orçamento doméstico é bastante peculiar e que não existe um modelo único em específico. De acordo com a terapeuta, a forma com que os casais realizam o orçamento doméstico varia muito de cada casal, em suas palavras:

> Terapeuta: [...] às vezes, tem essa conflitiva: - Ah! Porque eu ganho mais, então eu pago mais. Tu ganha menos, tu paga menos, mas também chega! Nós dois trabalhamos não importa se eu ganho meus 10 mil, e tu os teus 2 mil, nós temos que dividir tudo igual, porque nós gastamos igual (...) tem isso [referente as discussões que surgiram no consultório] também.

De encontro ao relato da terapeuta, percebe-se que via os dados dos questionários o orçamento doméstico, também não segue um padrão em especifico, embora identifica-se que a maioria dos respondentes, cerca de 51%, realizam o orçamento doméstico conjuntamente com seu companheiro, e são representados pelas classes B, C e D.

**Gráfico 12: Como é feito o orçamento doméstico:**




Fonte: Elaboração da pesquisadora. Questionários aplicados de agosto a dezembro de 2016.

Porém, ao se cruzar informações do gráfico acima, identifica-se que 35% do orçamento é realizado por apenas uma das partes, e essa função de gestora financeira em casa, na maioria das vezes é da mulher, ou seja, dos 13 respondentes dessa opção, 9 identificam a mulher como gestora das finanças, o que de certa forma, pode ser indício de reafirmação do lugar da mulher como responsável pelas coisas da casa (JABLONSKI, 2010), bem como, nos lembra Zelizer (2003) sobre o estranho hábito da mulher receber as migalhas e ser responsável pelo orçamento.

Por meio do grupo focal foi possível adentramos na intimidade de cinco (5) famílias; assim, observamos que as mulheres “ao representar” as questões que envolvem o relacionamento e as contas do lar destacaram a importância do dinheiro delas no orçamento doméstico, seja no passado ou no presente. Assim cabe destacar, a expressão que apareceu em alguns momentos - “hoje, ele ajuda, mas antes não ajudava em nada!”; bem como, o fato de que, atualmente, é o salário de (4) quatro das entrevistadas que sustenta integralmente a casa, e de certa forma, o dinheiro da Entrevista 5 não vai diretamente para as contas do lar, mas é direcionado para a comprar de móveis e demais acessórios para a manutenção da

casa .Assim, na prática, identificamos que o dinheiro “graúdo” do orçamento também advém do esforço diário das (tradicionais) administradoras do lar.

Através desses dados é possível identificar que cada família realiza o orçamento doméstico de forma específica, embora se perceba de acordo com Tomaz (2010, p. 6) que “o dinheiro recebido por homens e mulheres é “acomodado” de forma diferenciada dentro das representações de gênero independente da renda de cada um”.

## Considerações Finais

O presente estudo teve como principal objetivo adentrar na intimidade e identificar as intersecções entre amor e dinheiro, visando observar como as ações dos indivíduos são pautadas não apenas pela “racionalidade”, como também por emoções, sentimentos e memórias.

A teoria utilizada ao longo desse trabalho ancorou-se nos estudos da nova sociologia econômica (NSE), mais especificamente os trabalhos de Viviana Zelizer sobre as conexões entre a atividade econômica e as relações sociais íntimas.

Ao longo deste trabalho, foi necessário um exercício de vigilância constante, para não corrermos o risco de atrelar tudo ao reducionismo econômico; deste modo, nos baseamos na vertente culturalista de Zelizer (2015b), e buscamos observar como os agentes desta trama social adotam símbolos e práticas diante de suas relações sociais e íntimas, o que nos ajuda na compreensão das ações econômicas guiadas por “racionalidades”, emoções, sentimentos e memórias. Isto posto, também foi possível observar, segundo os ensinamentos de Zelizer (2011a, p.34), como “que as pessoas conseguem integrar as transferências monetárias a redes maiores de obrigações mútuas sem destruir os laços sociais envolvidos”, ou seja, como essas intersecções fazem parte da vida social e do cotidiano dos indivíduos, e, qualquer relação social ou até mesmo íntima exige o mínimo de significados compartilhados e regras entre seus indivíduos, o que é identificado pela autora como trabalho relacional.

Se num passado distante, as relações conjugais apresentavam parâmetros a serem seguidos, com papéis claramente determinados, tanto para homens quanto mulheres, hoje não é mais assim, embora reconheça-se que tais papéis estavam, de certa forma, em consonância com a cultura e a época em que faziam parte. Ao longo dos anos, os relacionamentos amorosos foram ressignificados, assim como os papéis dos homens e das mulheres em meio às uniões conjugais, sem falar da inserção da mulher no mercado de trabalho que alterou a dinâmica doméstica e as relações de poder.

Conforme vimos no decorrer deste trabalho, a relação entre dinheiro e intimidade é bastante “confusa”, já que não é possível esboçar um modelo

padronizado do orçamento doméstico. Os dados advindos da entrevista com a terapeuta, que foi nossa entrada na esfera da intimidade, bem como, os questionários e o grupo focal, tornaram possível identificar que as práticas econômicas são construídas via diversas combinações, trocas e práticas que são negociadas a todo momento pelos atores sociais dentro da conjugalidade, e, em diferentes fases do relacionamento (namoro, noivado, casamento, separação e divórcio). Isto é, o orçamento doméstico recebe especificações e combinações diferenciadas, podendo ser reorganizado conforme as necessidades dos atores sociais, como enfatizamos ao elencar as categorias do capítulo 4, como as "memórias de consumo" caracterizadas pelas memórias das entrevistadas e de suas famílias no passado; as "estratégias de investimento" que foram utilizadas pela Entrevistada 3 para construir sua casa; o entrelaçamento de "cálculos e emoções"; "a separação e seu impacto nas finanças", ou seja, como as Entrevistadas 1, 2 e 4 reorganizaram seu orçamento diante da separação; e até mesmo a criação de categorias de "dinheiros especiais".

Percebe-se que na maioria dos relacionamentos, os indivíduos realizam "boas combinações" trabalhando duro para encontrar uma combinação perfeita entre práticas econômicas e intimidade, e longe de ser um tabu, tais intersecções fazem parte da própria vida (ZELIZER, 2009). Por essa razão, é importante destacarmos que a interseção entre dinheiro e intimidade causa conflitos em raras circunstâncias, como por exemplo, no momento da separação conforme relato da terapeuta, isso porque no dia-a-dia os casais costumam administrar bem ambas esferas.

Em especial, a partir da realização do grupo focal com as mulheres, foi possível aprofundar a nossa observação sobre o entrelaçamento das questões que misturam dinheiros (salários, ajudas, gratificação), emoções, memórias e intimidade. Sendo possível identificar que o orçamento doméstico é constituído por um emaranhado de cálculos, anotações, prestações, dívidas, assim como, os "dinheiros especiais", identificados como dinheiro doméstico, dinheiro da gratificação, dinheiro das ajudas, dinheiro da recompensa e dinheiro visual, os quais circulam no seio familiar, sem falar ainda dos agentes que discutem "racionalmente" as despesas. Isso não significa dizer que a sociedade está cada vez mais próxima do comportamento do *homo economicus*, mas sim, que, no cotidiano os indivíduos constantemente negociam os "dinheiros" que perfazem a intimidade; e, tal negociação não pode ser reduzida a um modelo prescritivo de como deve ser o

orçamento doméstico; por isso, procuramos esboçar a sua complexidade ao longo deste trabalho, lembrando que se o trabalho fosse realizado com outro grupo de pessoas (homens, ou outras mulheres de outra classe social) o resultado da pesquisa poderia ser diferente.

**Referências bibliográficas**

ABRAMOVAY, Ricardo. **A economia na intimidade e a intimidade na economia**. Valor Econômico: São Paulo, 23 fev. 2007.

ADELMAN, Mirian. **No caminho da igualdade?** Relações de poder no casamento. In: ANPOCS, 1998, Caxambú. Biblioteca Virtual Clacso libros ANPOCS: 1998. p. 1-24. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/adelman.rtf>. Acesso em: 02 jul. 2015.

ALMEIDA, Loriza Lacerda de. **União informal cresce, enquanto casamento tradicional tem queda**. Jornal da Cidade, Bauru - SP, 05 dez. 2011.

ASSIS, Karina Gomes de. **Entenda o significado do dinheiro nas sociedades**. Sociologia - Ciência e Vida, São Paulo, 08 fev. 2017. Disponível em: <http://sociologia.uol.com.br/entenda-o-significado-do-dinheiro-nas-sociedades/>. Acesso em: 18 mar. 2017.

ATWOOD, Joan (2012). **Couples and Money:** The Last Taboo. The American Journal of Family Therapy, 40, 1‑19, 2012.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. **O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas** In: BARBOSA, Lívia & CAMPBELL, Colin (org). Consumo, cultura e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUER, Martin. **Qualidade, quantidade e interesses de conhecimento**. Evitando confusões. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. pp. 17-36.

BONELLI, Maria da Gloria. **Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções**. Cad. Pagu [online]. 2004, n.22, pp. 357-372. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a15.pdf>. Acesso em 03 nov. 2014.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Künher. 2ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

_____. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno**. In: BARBOSA, Lívia & CAMPBELL, Colin (org). Consumo, cultura e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CEA D'ANCONA, Maria Ángeles. **Metodologia cuantitativa: estrategias y técnicas de investigación social**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998. Capítulo 2. El análisis de la realidade social. pp. 62-77.

COELHO, Lina. A **Invisibilidade das Mulheres no Discurso Econômico:** uma reflexão a partir dos conceitos de trabalho produtivo, família, bem-estar e poder. e-cadernos CES, 14, 2012. Disponível em: <https://eces.revues.org/878>. Acesso em: 19 abr. 2015.

_____. **Finanças conjugais, desigualdades de gênero e bem-estar:** Facetas de um Portugal em crise. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 2016. Disponível em: <http://rccs.revues.org/6461>. Acesso em: 23 jan. 2017.

COMBESSIE, Jean-Claude. **O Método em Sociologia:** o que é, como faz. São Paulo: Loyola, 2004.

DODD, Nigel. **A sociologia do dinheiro**. Tradução Waldivia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FELTON-COLLINS, Victoria. **Casais e dinheiro:** nova abordagem completa para uma parceria que realmente funciona. Victoria Felton-Collins, Suzanne Blair Brown; tradução Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Maltese-Editorial Norma, 1992.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Boockman, 2004.

FREIRE, Alyson. **Economia versus intimidade: uma alternativa via as sociologias de Viviana Zelizer e Eva Illouz.** Revista Latitude, Vol. 8, nº 2, pp. 255-287, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1614/1091>. Acesso em: 23 maio 2016.

FREITAS, Taís Viudes de. **Os desafios na articulação entre trabalho e família hoje**. In: 39º Encontro Anual da ANPOCS, 2015, Caxambu. Anais do 39º Encontro Anual da Anpocs, de 26 a 30 de outubro de 2015, em Caxambu - MG, 2015.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades; tradução de Magda Lopes. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Sociologia**. tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed 2005.

_____. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2015.

GOLDANI, Ana Maria. **As famílias brasileiras:** mudanças e perspectivas. Cad. Pesq., n.91, p.7-22, 1994

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The managed heart: commercialization of human feeling**. University of California Press, Ltd. London, England, 1983.

_____. **The Second Shift:** Working Parents and the Revolution at Home. New York: Viking, 1989.

IBGE. **Estatísticas do Registro civil 2014**. Volume 41, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2014_v41.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

IBGE. **Estatísticas do Registro civil 2015**. Volume 42, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2015_v42.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2017.

IBGE. **Censo demográfico 2010:** taxa de nupcialidade, fecundidade e migração. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

ILLOUZ, Eva**. O amor nos tempos do capitalismo**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JABLONSKI, Bernardo. **A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento**. Psicologia Ciência e Profissão, v. 30, p. 262-275, 2010.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura:** a categoria de analise de emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo:Atlas, 2003.

LÁZARO, André. **Amor do mito ao mercado**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEITE, S. E. **Reconversão de habitus:** o advento do ideário de investimento no Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, novembro, 2011. Disponível em: <http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/24/TDE2012-02-28T155012Z-4205/Publico/4111.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2016.

LOPES JUNIOR, Edmilson. **As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica**. Sociedade e Estado, Brasília (DF), v. XVII, n.1, p. 39-62, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v17n1/v17n1a04.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MARTINS-SUAREZ, Fernanda Chiozzini; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Novos arranjos familiares na contemporaneidade frente ao texto religioso:** uma análise sobre o discurso em defesa da família (ISSN 2447-6498). Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), v. 2, p. 83-108, 2016.

MESQUITA, Camile Sahb. **O programa bolsa família: uma análise de seu impacto e alcance social.** UNB/ Brasília: 2007. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3144/1/2007_CamileSahbMesquita.pdf. Acesso em: 30 maio, 2017.

MORÃO, Artur. **Aspectos da hermenêutica do dinheiro em Georg Simmel** In Psicologia do dinheiro e outros ensaios. Tradução Artur Morão. Lisboa, Texto&Grafia, p. 7 – 18, 2009.

MORDUCH, Jonathan. **Economics and the Social Meaning of Money**. chapter 1 in Nina Bandelj, Frederick F. Wherry and Viviana Zelizer, eds., Money Talks: Explaining How Money Really Works. Princeton, NJ: Princeton University Press. Forthcoming, 2015. Disponível em: <https://alicia-brindisi-79qu.squarespace.com/assets/publications/2015/morduchsocial.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

NEIBURG, Federico. **Os Sentidos Sociais da Economia**. In: Benedito Martins C., Dias Duarte L. F. (Org.). Antropologia. Horizontes das Ciências Sociais no Brasil.. 1ed.São Paulo: Anpocs/Ciência Hoje /Discurso Editorial, 2010, v. , p. 225-258.

OLIVEN, Ruben. **De olho no dinheiro dos Estados Unidos**: estudos Históricos. Rio de Janeiro: 2001, p. 206-235.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas**. In: POUPART, Jean et al (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. pp. 215-253.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da Mulher no Mercado de Trabalho**. Revista Leonardo Pós, Blumenau, v. 1, n.2, p. 35-38, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/cultura/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 05 fev. 2015.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos:** Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

RAMOS, Marília Patta. **Usos de Questionários e Entrevistas na Pesquisa Social:** Vantagens e Limitações. In: Rochele Fachinetto, Pedro Lisdero e Carla Rech. (Org.). Metodologia em Ciências Sociais: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí: Paco, 2016, v. 2, p. 127-146.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **O amor nos século XX:** romantismo democrático versus intimismo terapêutico. Tempo Social: revista de sociologia da USP, volume 24, nº 2, 2012. Pag. 149-168. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/53136 . Acesso em: 22 maio, 2016.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **O amor e a modernidade:** um passeio pela sociedade. In: MIRANDA, Orlando Pinto (Org.) Sociabilidades. São Paulo: Terceira Margem, p.71-83, 2002.

_____. **Amor e dinheiro:** uma relação possível? Caderno CRH, vol. 24, núm. 61, enero-abril, 2011, pp. 121-134. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632183009>. Acesso em: 18 abr. 2016.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica Marx, Durkheim e Weber**. Rio de janeiro: Vozes, 2013.

SEN, Amartya. **Gender and Cooperative Conflicts**, in Irene Tinker (org.), Persistent Inequalities: Women and World Development. Oxford: Oxford University Press, p. 123-149, 1990.

SERASA. **Dinheiro é a principal causa de brigas entre casais**, jun. 2015. Disponível em: <http://www.serasaconsumidor.com.br/dinheiro-e-a-principal-causa-de-brigas-entre-os-casais-novo-teste-da-serasa-revela-se-voce-conhece-bem-seu-parceiro-financeiramente/>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SPC BRASIL. **Apenas 38% dos brasileiros se sentem seguros para lidar com dinheiro, aponta pesquisa do SPC Brasil**. 07 abr. 2016b. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/1340>. Acesso em: 14 jun. 2016.

SPC BRASIL. **Três em cada dez brasileiros não sabem quanto o parceiro ganha, mostra SPC Brasil**. 14 abr. 2016a. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/1380>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2006.

_____. **Psicologia do dinheiro** In Psicologia do Dinheiro e outros ensaios. Tradução Artur Morão. Lisboa: Texto&Grafia, p. 21 - 40, 2009a.

_____. **O dinheiro na cultura moderna** In Psicologia do Dinheiro e outros ensaios. Tradução Artur Morão. Lisboa: Texto&Grafia, p. 41 - 62, 2009b.

_____. **Sobre a avareza, o esbanjamento e a pobreza** In Psicologia do Dinheiro e outros ensaios. Tradução Artur Morão. Lisboa: Texto&Grafia, p. 63-78, 2009c.

_____. **As grandes cidades e a vida do espírito In Psicologia do Dinheiro e outros ensaios**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Texto&Grafia, p. 79-98, 2009d.

SCHOLES, Jack. **Why do we say that?** Porque dizemos isso? [recurso eletrônico]: a origem e os significados das palavras e expressões do inglês do dia a dia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=_kd8z_RMHjUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 abr. 2016.

SWEDBERG, Richard. **Prefácio**. In: Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, v. 16, nº 2, p. xiii - xvii, 2004.

TEIXEIRA, Alex N.; TAVARES DOS SANTOS, J. V. T. ; PIMENTA, M. M. ; FACHINETTO, Rochele F.. **Grupos Focais e Análise Qualitativa em Equipe com o Uso do NVivo:** Aplicações a Partir de uma Pesquisa com Mulheres Policiais. In: Pedro Robertt; Carla M. Rech; Pedro Lisdero; Rochele Fellini Fachinetto (Orgs.). (Org.). Metodologia em Ciências Sociais Hoje ? Volume 2. 176ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 1-147.

TOMAZ, Victoria. **Quem paga o quê?** Analisando os discursos sobre consumo em casais de camadas médias do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Perspectiva Sociológica, 2010. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/605>. Acesso em: 19 mar. 2017.

TORRES, Anália Cardoso. **Sociologia do casamento:** a família e a questão feminina. Portugal: Celta Editora, 2001.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As Sociologias de Georg Simmel**. São Paulo: EDUSC; Belém: EDUFA, 2005.

ZELIZER, Viviana A. **O significado social do dinheiro:** dinheiros especiais In Em a nova sociologia econômica, de João Peixoto e Rafael Marques, p. 125-165. Oeiras: Celta, 2003.

_____. **Dinheiro, poder e sexo.** Cad. Pagu [online]. 2009, n.32, pp. 135-157. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n32/n32a05.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015a.

_____. **A negociação da intimidade**. tradução Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2011a.

_____. **“The gender of Money”**. The wall street journal. EUA: 27 jan, 2011b. Disponível em: <http://blogs.wsj.com/ideas-market/2011/01/27/the-gender-of-money/>. Acesso em: 17 mar, 2017.

_____. **A economia do care**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, Vol. 10, nº 03, p. 376-391, 2012a.

_____. **“How I Became a Relational Economic Sociologist and What Does That Mean**?” Special issue on “Relational Work in Market Economies” edited by Fred Block. Politics & Society, p. 145-174, 2012b.

_____. **Payments and Social Ties**. Sociological Forum 11 (September 1996): 481-95. Swedish translation, “Betalningar och sociala band.” In Katarina Jacobson and David Wasterfors editors, Fran Klarhet Till Klarhet, Égalité Publisher, 2013.

_____. **Vidas econômicas:** cómo lacultura da forma a la economía. Presentación de Mauro Guillén; traducción de Ovido Carbonell Cortés. Madri: Centro de investigaciones sociológicas, 2015b.

WANDERLEY, F. **Avanços e desafios da nova sociologia econômica:** notas sobre os estudos sociológicos do mercado. Sociedade e Estado, v.17, n. 1, p.15-38, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso em: 11 maio 2016.

WEATHEFORD, Jack. **A história do dinheiro**. Tradução June Camargo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

WOOLLEY, Frances. **Control over Money in Marriage**. Control over Money in Marriage Marriage and the Economy: Theory and Evidence from Advanced Industrial Societies, Shoshana Grossbard-Shechtman (ed.), Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.318.8784&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 09 abr. 2017.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - Roteiro Semi-estruturado da Entrevista com a terapeuta

**Roteiro da Entrevista**

**Entrevistado (a): _____Sexo: ( )F ( )M**

**Data: ___/___/___ Local: _____ Idade: _____**

**Profissão: _____**

**Estado civil: _____**

**Outras informações relevantes: _____**

_____

_____

1. Qual seu nível de escolaridade?
2. Há quantos anos trabalha na área?
3. Costuma atender muitos casais?
4. Qual o tipo de união conjugal desses casais?
5. E sua classe econômica?
6. Poderia identificar o perfil desses casais?
7. A maioria tem filhos?
8. Quais são os principais problemas identificados nos relacionamentos?
9. A maioria dos casais apresenta problemas relacionados a finanças?
10. Poderia citar alguns exemplos?
11. Porque você acha que isso ocorre?
12. Você acha que isso ocorre por falta de diálogo sobre o assunto?
13. Você considera o dinheiro um assunto tabu para os casais?
14. Em sua opinião ocorre falta de planejamento financeiro por parte dos casais?
15. Qual sua sugestão aos casais frente aos problemas financeiros?
16. Você acredita que os problemas financeiros são um dos principais causa de discórdias entre os casais?
17. Além dos problemas financeiros, os casais apresentam problemas relacionados à divisão das tarefas domésticas?
18. Em sua opinião é ainda a mulher que realiza a maioria das tarefas domésticas?
19. Porque você acha que isso ocorre?
20. Você acredita que há certa resistência por parte dos homens na divisão das tarefas?

## APÊNDICE B - Questionário aplicado em pessoas do sexo masculino e feminino casadas ou em união estável

**1) Em qual cidade você mora?** _____

**2)** Sexo: ( )M ( )F

**3) Qual sua idade:**_____

**4) Qual seu nível de escolaridade?**

( )Sem escolaridade
( )Ensino fundamental incompleto (1º grau)
( )Ensino fundamental completo (1º grau)
( )Ensino médio incompleto (2º grau)
( )Ensino médio completo (2ºgrau)
( )Curso técnico
( )Superior incompleto
( )Superior completo
( )Mestrado ou doutorado

**5) Qual o nível de escolaridade de seu pai?**

( )Sem escolaridade
( )Ensino fundamental incompleto (1º grau)
( )Ensino fundamental completo (1º grau)
( )Ensino médio incompleto (2º grau)
( )Ensino médio completo (2ºgrau)
( )Curso técnico
( )Superior incompleto
( )Superior completo
( )Mestrado ou doutorado
( )Não sei informar

**6) Qual o nível de escolaridade de sua mãe?**

( )Sem escolaridade
( )Ensino fundamental incompleto (1º grau)
( )Ensino fundamental completo (1º grau)
( )Ensino médio incompleto (2º grau)
( )Ensino médio completo (2ºgrau)
( )Curso técnico

( )Superior incompleto
( )Superior completo
( )Mestrado ou doutorado
( )Não sei informar

**7) Qual sua profissão?** _____

**8) Qual sua religião?**
( )Católico(a)
( )Evangélico(a)
( )Espírita
( )Afro-brasileira
( )Outro
( )Sem religião

**9) Somando sua renda com a de seus familiares que moram com você, De quanto é aproximadamente a renda familiar:**
( )Até um salário mínimo - R$ 880,00
( )Até 2 salários mínimos - R$ 1760,00
( )De 2 a 4 salários mínimos - R$1760,00 - R$ 3.520,00
( )De 4 a 10 salários mínimos - R$3.500,00 - R$ 8.080,00
( )De 10 a 20 salários mínimos - R$ 8.080,00 - 17.600,00
( )Acima de 20 salários mínimos ou mais - R$ 17.600,00

**10) Quantas pessoas contribuem para obtenção dessa renda familiar?**
( )Uma
( )Duas
( )Três
( )Quatro
( )Cinco
( )Mais de cinco

**11) Quantas pessoas são sustentadas com essa renda familiar?**
( )Uma
( )Duas
( )Três
( )Quatro
( )Cinco
( )Mais de cinco

**12) De quem é a maior renda da família?**

( )Sua

( )Seu(sua) parceiro(a)

( )Outro

**13) Por quanto tempo namoraram?** _____

**14) Na época do namoro costumavam conversar sobre finanças:**

( )Sim, quase sempre

( )As vezes

( )Raramente

( )Nunca

**15) Na época do namoro quando tinham um encontro, como dividiam a conta:**

( )Você sempre pagava a conta

( )Seu(sua) parceiro(a) sempre pagava a conta

( )Isso não era determinado, as vezes você pagava a conta, outras vezes o(a) seu(sua) parceiro(a)

( )O valor era dividido

**16) Na época do namoro, costumava ajudar o(a) parceiro(a) com alguma quantia em dinheiro:**

( )Sim, quase sempre

( )Raramente

( )Nunca

**17) São casados no civil?**

( )Sim

( )Não

**18) São casados no religioso?**

( )Sim

( )Não

**19) A quanto tempo estão casados ou morando juntos?**_____

**20) Seu(sua) cônjuge sabe o valor do seu salário?**

( )Sim, sabe exatamente o quanto eu ganho

( )Sim, sabe o valor aproximado

( )Não sabe, e nunca perguntou

( )Não sabe, pois apesar de ter perguntado o valor do salário não falei

( )Acha que sabe, mas eu nunca contei o valor certo

( )Não sei

**21) Você sabe o valor do salário de seu(sua) cônjuge?**

( )Sim, sei exatamente

( )Sim, sei o valor aproximado

( )Não sei, pois nunca perguntei

( )Não sei, pois apesar de ter perguntado fiquei sem resposta

**22) Possuem que tipo de conta bancária?**

( )Conta conjunta

( )Conta individual

**23) Como é feita a declaração do imposto de renda:**

( )Cada um faz a sua declaração de forma separada e individual

( )A declaração costuma ser feita de forma conjunta onde são declarados o bens do casal

( )Somente um de vocês faz a declaração devido a renda, e declara o companheiro como dependente

( )Somente um de vocês faz a declaração devido a renda, e não declara o companheiro como dependente

( )Ambos não realizam a declaração de imposto de renda

**24) Como vocês administram a renda do casal:**

( )Não há divisão apenas um morador arca com as despesas

( )Cada um fica responsável em administrar o seu salário

( )Cada um paga suas contas, e o gasto em conjunto é dividido entre os dois

( )Não há divisão, a renda do casal é somada e o pagamento das contas é feito em conjunto pelo casal

**25) A residência em que habitam é:**

( )Alugada

( )Financiada

( )Quitada

**26) O carro da família é:**

( )Quitado

( )Financiado

( )Não possuem carro

**27) Possuem algum outro tipo de financiamento que não seja a casa ou o carro. Se sim qual tipo? Quem costuma fazer o pagamento?**

_____

_____

**28) Possuem conta poupança:**

( )Sim

( )Não

**29) O orçamento doméstico consiste no controle da receita e despesas da casa. Dessa forma, como vocês costumam fazer o orçamento doméstico:**

( )Vocês não realizam controle algum dos gatos

( )Um de vocês geralmente faz o controle periódico

( )Ele é feito de forma conjunta pelo casal

**30) Geralmente o controle das finanças é responsabilidade:**

( )Sua

( )Seu(sua) parceiro(a)

( )Ambos

**31) Vocês costumam conversar sobre a gestão das finanças familiares:**

( )Sim, todos os meses

( )Sim, mas não têm uma frequência definida

( )Só quando surge algum problema financeiro

( )Não acham necessário

( )Não, para evitar brigas

( )Outro motivo

**32) Como são tomadas as decisões sobre os gastos familiares:**

( )Não conversam sobre os gastos, e a decisão fica sob responsabilidade de um morador apenas

( )Não conversam sobre os gastos e cada um gasta de acordo com sua necessidade

( )Conversam sob os gastos, mas a decisão final cabe a um morador apenas

( )As decisões são tomadas em conjunto

**33) Quais são as principais despesas da casa. Marque mais de uma opção:**

( )Supermercado

( )Contas de luz, água e telefone

( )Aluguel

( )Condomínio

( )Plano de saúde

( )TV a cabo

( )Internet

( )Faxineira
( )Fatura do cartão de crédito
( )Escola
( )Vestuário
( )Lazer: shopping, cinema, etc
( )Financiamentos
( )Farmácia

**34) Possuem outros tipos de despesas. Quais?**
( )Sim._____
( )Não

**35) Quando ocupam o cartão de crédito geralmente qual é a forma de pagamento escolhida:**
( )Débito
( )Crédito

**36) Quem costuma fazer as compras no supermercado?**
( )Você
( )Seu(sua) cônjuge
( )Os dois costumam ir juntos
( )Não uma definição, as vezes eu vou as vezes meu(minha) parceiro(a)
( )Outro

**37) Você informa seu(sua) cônjuge sobre todas contas que paga no mês?**
( )Sim, todas as contas
( )Sim, mas apenas as contas da casa
( )Não conto sobre minhas contas
( )Outro

**38) Você costuma esconder alguma compra de seu(sua) cônjuge?**
( )Sim, apenas algumas compras
( )Sim, todas as compras
( )Não conto sobre minhas compras
( )Outro

**39) Que tipos de gastos você costuma ocultar de seu(sua) parceiro(a). Se tiver marque mais de uma opção:**
( )Roupas
( )Calçados
( )Maquiagem, perfumes e cremes

( )Acessórios (bolsas, cinto, bijuterias)
( )Gastos em saídas como bares, cinemas, teatro, restaurantes, etc
( )Gastos no salão de beleza, massagens, etc
( )Artigos esportivos
( )Gastos no carro/moto
( )Jogos
( )Bebidas, cigarros
( )Empréstimos para familiares e amigos
( )Não oculto gasto nenhum
( )Outros

**40) Quais medidas você utiliza pra esconder algum gasto extra do(da) seu(sua) parceiro(a). Se tiver marque mais de uma opção:**
( )Faz o pagamento em dinheiro para seu parceiro não descobrir
( )Não deixa que ele/ela veja a fatura do cartão
( )Costuma chegar em casa mais cedo para esconder as compras
( )Diz que ganhou de presente
( )Diz que ele/ela não lembra, mas já tem o item faz algum tempo
( )Não oculto gasto nenhum
( )Outros

**41) Porque você costuma omitir esses gastos extras do(da) seu(sua) parceiro(a):**
( )Porque paguei um valor muito alto
( )Para evitar brigas
( )Para meu parceiro não controlar o que eu compro
( )Meu parceiro não costuma interferir em minhas compras

**42) Qual o seu perfil em relação ao dinheiro:**
( )Poupador
( )Gastador
( )Descontrolado
( )Desligado

**43) Qual o perfil de seu(sua) parceiro(a) em relação ao dinheiro:**
( )Poupador
( )Gastador
( )Descontrolado
( )Desligado
**44) Vocês costumam brigar por causa de dinheiro:**
( )Sim, sempre

( )As vezes
( )Raramente
( )Nunca

**45) Qual assunto financeiro costuma gerar discordância entre o casal:**
( )Gastos com o cartão de crédito
( )Empréstimos
( )Não poupar
( )Dar dinheiro a algum familiar
( )Dívidas
( )Outros

**46) Com que frequência você e seu(sua) parceiro(a) costumam conversar sobre dinheiro:**
( )Sempre
( )De vez em quando
( )Raramente
( )Nunca

**47) Geralmente quando falam sobre dinheiro o clima é:**
( )Calmo
( )Tenso

**48) Você sabe o valor das contas mensais e possui conhecimento sobre a atual situação econômica do casal?**
( )Sim
( )Não

**49) O que é feito quando sobra algum valor dos gastos familiares?**
( )O dinheiro é guardado para o próximo mês
( )O dinheiro é guardado na poupança
( )Nunca sobra dinheiro
( )Não sei
( )Outro

**50) Possuem filhos? Se sim quantos?**_____

**51) Costumam conversar com seu(s) filho(s) sobre as finanças:**
( )Sim
( )Não
( )Não tenho filhos

**52) Com que frequência:**

( )Sempre

( )De vez em quando

( )Raramente

( )Nunca

( )Não tenho filhos

**53) Seu(s) filho(s) costumam ajudar no orçamento?**

( )Sim

( )Não

( )Não tenho filhos

**54)Vocês pagam mesada ao(s) seu(s) filho(s):**

( )Sim

( )Não

( )As vezes

( )Não tenho filhos

**55) Como costumam conscientizar seu(s) filho(s) sobre o dinheiro?**

_____

_____

_____

**56) Seus pais costumavam conversar sobre dinheiro com você?**

( )Sim, quase sempre

( )Muito pouco

( )Não lembro se conversávamos sobre dinheiro

( )Não conversavam

**57) Na relação entre você e seu(sua) parceiro(a), existe algum conflito que tenha origem financeira?Qual?**

_____

_____

_____

_____

**58) Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a situação financeira do casal?**

_____

_____

_____

**59) Você e seu(sua) parceiro(a) possuem algum tipo de planejamento de vida para os próximos 10 anos?**

( )Não, nunca conversamos sobre isso

( )Sim, traçamos planos para alcançar nossa meta

( )Sim, mas não estamos fazendo nada concreto para atingir a meta

( )Não sei

**60) Como ocorre a troca de presentes entre você e seu(sua) parceiro(a)?**

( )O presente costuma ser surpresa

( )O presente costuma ser em dinheiro

( )Cada um escolhe o seu presente e o parceiro paga

( )Não são muito ligados a isso

( )Outro

**61) Costumam fazer com que frequência as refeições fora de casa?**

( )Todos os dias

( )Quase todos os dias

( )As vezes

( )Nunca

**62) Vocês pagam alguém para fazer as tarefas da casa?**

( )Sim

( )Não

( )As vezes

**63) Como é feita a divisão das tarefas da casa:**

( )Geralmente faço tudo sozinho(a)

( )As vezes meu(minha) parceiro(a) me ajuda

( )Dividimos as tarefas igualmente

( )Outro

**64) Quais tarefas domésticas cabem a você:**

_____

_____

_____

**65) Quais tarefas domésticas cabem ao(a) seu(sua) parceiro(a):**

_____

_____

_____

**66) O que você acha que seu(sua) parceiro(a) não faz e deveria fazer?**

_____

_____

_____

**67) O questionário que você acabou de responder é anônimo sendo garantido o sigilo dos dados. Destacamos também se você e seu cônjuge tiverem interesse em dar um entrevista, ou de participar de uma atividade voltada para casais, peço por gentileza que deixem seu contato (seu telefone e o seu e-mail), lembrando que nessa atividade também será garantido o anonimato. Desde já agradeço!**

_____

_____

_____

## APÊNDICE C - Roteiro elaborado para o grupo focal

1. Em que ano nasceu? Viveu a década de 70 e 80? Sabe o que é inflação? Lembra alguma coisa? O que lembra da sua infância em relação como os seus pais tratavam da questão do dinheiro? Tinha mesada? Ganhava dinheiro de presente? Tinha poupança? Quantos eles ganhavam? Quais eram as contas da casa? Quem pagava as contas? Como essas contas eram pagas? Acompanhava nas compras do supermercado? Se sim, ia com quem? Sabe sobre se eles faziam o imposto de renda? O que tem na memória sobre isso?
2. Qual foi o primeiro presente de ganhou do parceiro? Lembra? Nos tempos de namoro você e seu(sua) companheiro conversavam sobre salário e contas? Hoje, sabe o quanto o seu parceiro ganha? Lembra quando soube o quanto o seu parceiro ganhava? O que lembram disso?
3. Nos tempos de namoro, saiam para comer fora (tomar um lanche) – lembra como feito o pagamento das refeições?
4. Após morarem juntos – foram para casa própria? Alugada? O que vocês lembram sobre o pagamento das contas? Foi pensada alguma divisão das contas? Quais contas você pagava? Quais contas seus parceiros pagavam? E, hoje – mudou alguma coisa?
5. (hoje) Tem casa própria? Carro? Como foi a aquisição desses bens? Doação, compra conjunta? Foi financiado? Quem pagou? Foi dividido? Se não possuem, pretendem?
6. Possuem conta bancária? Vocês possuem conta individual ou em conjunto? Porque?
7. Como vocês se resolvem para pagar as contas? Tem ajuda de mais alguém? Sabe qual conta, você paga e o parceiro? Todo mês é da mesma forma?
8. Consegue guardar algum dinheiro? Se sim, como? É separada ou conjunta?
9. Como é essa conversa sobre as contas e guardar dinehiro? Por exemplo, conversam todos os meses ou somente quando surge algum problema?
10. Em que momento e lugar falam sobre isso? Durante as refeições, no café da manhã, no restaurante?
11. Outra coisa, possuem cartão de crédito? É junto ou separado? Se junto quem paga? Se separado, sabe o valor da fatura do companheiro? Como se dá essa conversa?
12. Em caso do imposto de renda? A declaração é feita em conjunto? Se separado, conhece a declaração do parceiro?
13. Sobre essas questões apontadas até agora, quando conversam, o que lembram sobre o momento, em geral, o clima costuma ser calmo ou o assunto costuma gerar algum stress?
14. (Se possui conta) Confere o extrato bancário? Como é feita essa conferência? Você possui alguma anotação sobre as contas ou a poupança?
15. Como é feita a compra em supermercado? Alguem faz a lista do supermercado? Alguem é responsável em anotar esses gastos? Algum outro gasto?
16. Já fez a compra de algum item sem informar o parceiro? Pode falar?
17. Você se considera consumista?

18. Com o que você acha que seu parceiro gasta dinheiro de forma desnecessária? Ele sabe sobre isso?
19. Você e seu(sua) parceiro(a) possuem algum plano de comprar algo? Quais são seus sonhos?
20. Vocês dão o CPF nas compras? Porque? Vocês conhecem o programa nota fiscal gaúcha? Participam?, ativamente? Desde quando? Sabe quanto falta para atingir 100 notas registradas?
21. Vocês costumam pagar alguém para realizar as tarefas da casa? Quem paga?
22. Quais outras despesas vocês tem em relação a casa?
23. Em casa, quem lava louça? E a roupa? Quem limpa a casa? Quem faz as refeições? Todos os dias?
24. Você considera que seu parceiro poderia ajudar mais nas tarefas da casa?
25. Na sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a situação como casal?
26. Já pensou em divórcio? Se sim, considerou a situação financeira?
27. Se por acaso vir a se divorciar – acredita que vai alterar a sua situação financeira? Como?
28. Pensam em filhos? O que conversam sobre isso?
29. Se ganhar na loteria, o que pensa em fazer?
30. Sabe me dizer o que tem na sua carteira agora?